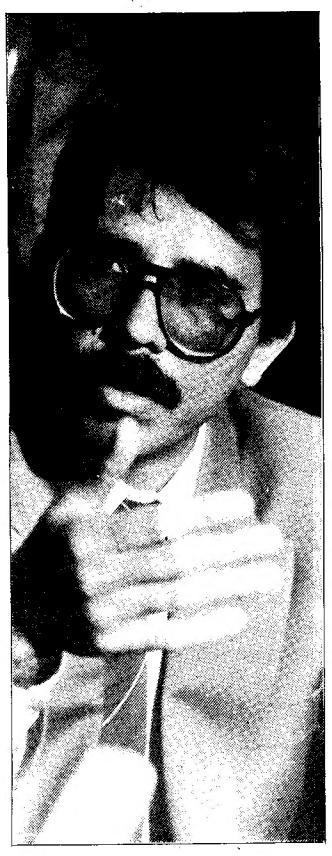
Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 431 Quinta-feira, 6 de Agosto de 1987 Preço 45$00



Plano de paz para Nicarágua

Washington "trava" proposta de Ortega

- ***Não haverá negociações antes do cessar-fogo***

Os Estados Unidos recusaram um apelo do presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, para um «diálogo imediato e incondicional» entre Washington e Manágua. Um responsável norte-americano considerou que conversações com o Governo sandinista só deveriam ter lugar após um cessar-fogo na Nicarágua. O apelo de Ortega — que foi primeiro recebido com optimismo na Casa Branca — surgiu na sequência da nova proposta de paz para a América Central apresentada quarta-feira por Ronald Reagan, onde se prevê a suspensão da ajuda norte-americana aos «contras» em caso de um cessar-fogo e do início do diálogo interno na Nicarágua.

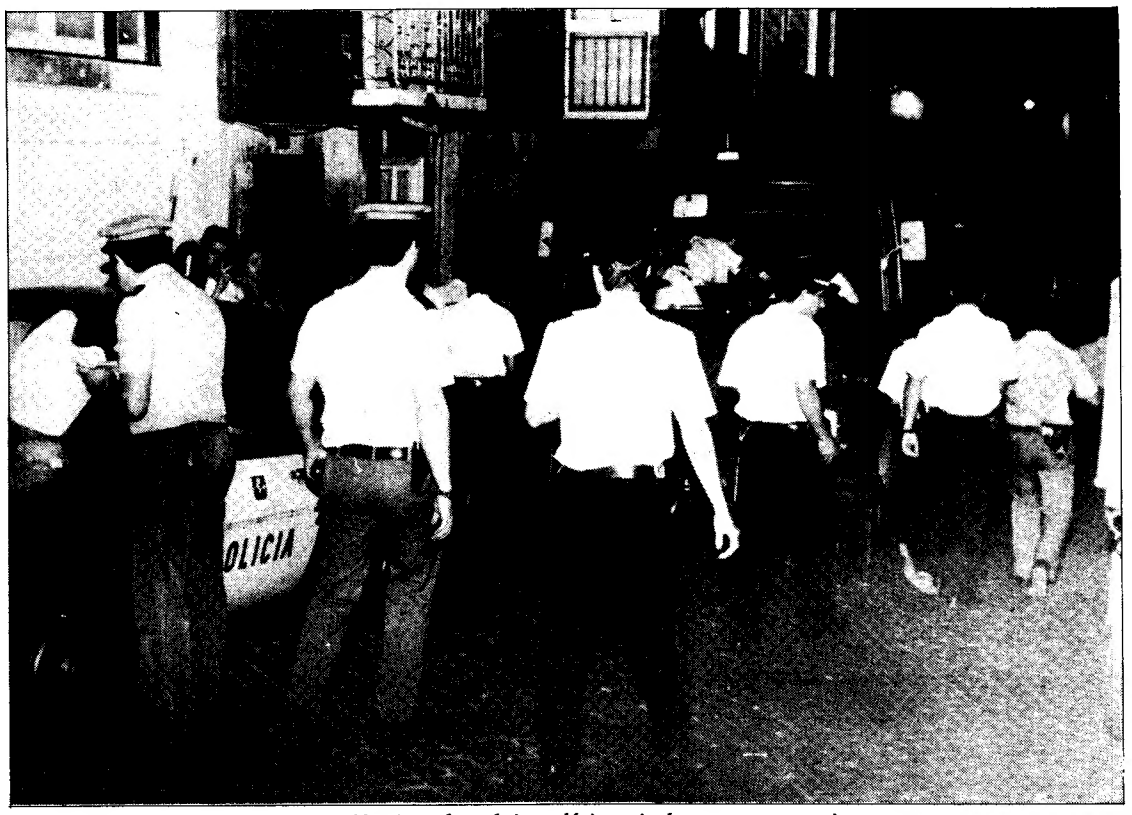
Págs. 12/13

VIOLÊNCIA E INSEGURANÇA NA NOITE LISBOETA

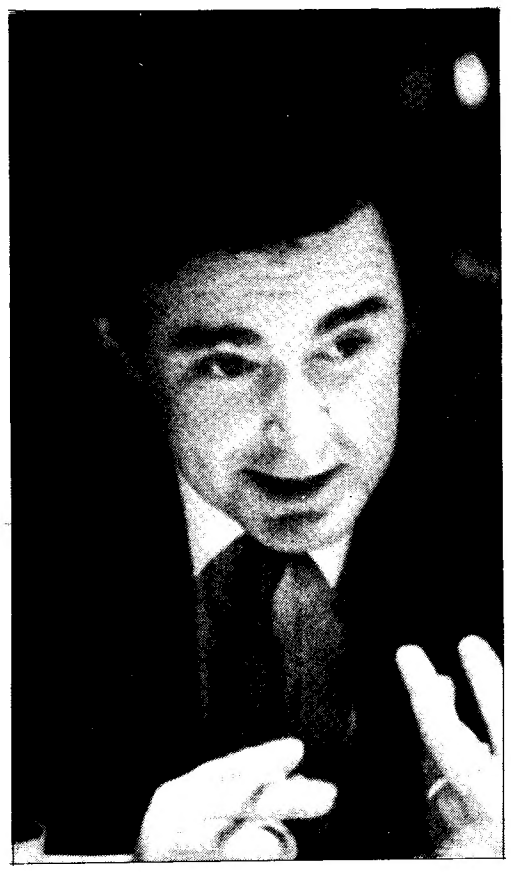
POLÍCIAS BALEADOS A "FRIO"

Dois guardas da PSP forma baleados esta madrugada, em Lisboa, de surpresa e por desconhecidos quando cumpriam um serviço de rotina na rua, a menos de um quilómetro da sua esquadra, a 30ª, conhecida como do Caminho Novo. Os guardas terão sido atacados por dois elementos uma vez que no local foram encontradas cápsulas de duas pistolas diferentes, de 6,35 e 7,65 milímetros. Operados no Hospital de S. José, um deles continua em perigo de vida.

Pág. 9



Habitual na noite lisboeta, a violência sobre dois polícias ainda trouxe gente à rua



Basílio Horta ao "DL"

Problema do CDS é sobreviver

«O problema do CDS não é não ter pessoas que possam vir, naturalmente, a asssumir a liderança. É precisamente o contrário», disse Basílio Horta ao «D.L.», destacando ainda que aquele partido «ou se reencontra rapidamente com as suas raízes ou corre sério risco de desaparecer politicamente».

Pág. 4

Derrota eleitoral na origem da decisão

RAMALHO EANES ABANDONA PRESIDÊNCIA DO PRD

Págs. 2/3

O "DL" na volta a Portugal em Bicicleta, com o patrocínio de

TINTAS DYRUP

Ainda não oficialmente confirmado

Assembleia da República reúne-se dia 13

Apesar de não estar ainda oficialmente confirmada a data da primeira reunião da nova Assembleia da República, tudo aponta para que tal se realize no próximo dia 13. Isto porque, está já marcada para dia 10 a publicação do mapa dos resultados do sufrágio e nos termos da Lei Eleitoral o Parlamento se reune por direito próprio três dias após aquela diligência.

Fica assim aberto o processo de instalação da nova Assembleia da República bem como a formação do novo Executivo. Antes da posse do Governo, o Presidente da República ouvirá os partidos com assento parlamentar, seguindo-se depois a exoneração, indigitação e nomeação de Cavaco Silva. Estas formalidades poderão ocorrer num período máximo de dois dias o que permite prever que a posse do Governo venha a ocorrer no final da próxima semana. Após a tomada de posse, o Primeiro Ministro tem 10 dias para apresentar o seu programa na Assembleia da República prazo que, todavia, não deverá ser esgotado não só porque Cavaco Silva «tem tudo pronto», como garantia ao «DL» uma fonte social-democrata, mas também porque é mais que conhecida a sua «pressa» em acelerar o processo.

Mas é de sublinhar a possibilidade de Mário Soares não ver necessidade de indigitar o Primeiro Ministro, optando assim pela sua pura e simples nomeação após ouvidos os partidos políticos. Isto conferiria uma maior celeridade a este complicado conjunto de formalidades.

De qualquer forma, o líder do PSD ainda não começou a fazer diligências quanto ao elenco do futuro Governo «até porque quer cumprir escrupulosamente todos os prazos legais», dizia a mesma fonte. Cavaco Silva mantém os «ministeriáveis» a contactar no segredo dos deuses e muito pouca gente do actual Gabinete — com a provável excepção de Eurico de Melo e de Fernando Nogueira — sabe ao certo se sai, se fica e, neste caso, se mantém a mesma pasta ou se transita para outra.

Presidente da AR: uma incógnita

No que respeita ao Parlamento, a sua primeira reunião destinar-se-á à verificação dos mandatos dos deputados eleitos a 19 de Julho. Com a realização desta sessão cessam, por seu lado, os mandatos dos parlamentares eleitos no sufrágio de Outubro de 1985.

A Assembleia da República tem depois 48 horas para apresentar candidaturas à eleição da respectiva Mesa. Esta é composta pelo Presidente — o Presidente da Assembleia da República —, quatro vice-presidentes, quatro secretários e quatro vice-secratários. Nos termos do Regimento da Assembleia da República, cada um dos dos quatro principais partidos com representação parlamentar propõe um vice-preidente, um secretário e um vice-secretário que serão eleitos por sufrágio de lista completa e nominativa. Será eleita a lista que obtiver mais de metade dos votos validamente expressos.

Quanto ao respectivo Presidente, a segunda figura da hierarquia do Estado, a sua candidatura deverá ser subscrita por um mínimo de 30 e um máximo de 50 deputados sendo eleito o candidato que obtiver a maioria absoluta dos votos em efectividade de funções.

Não havendo dúvidas de que será o PSD a eleger um dos seus deputados como futuro Presidente da Assembleia da República, é ainda uma incógnita o nome a designar. Falou-se em Leonardo Ribeiro de Almeida (que já desempenhou estas funções), aventou-se a hipótese de Rui Machete (que não parece interessado em abandonar o seu cargo na Fundação Luso-Americana) e insiste-se cada vez mais na figura de Vitor Crespo, vice-presidente da Comissão Política do PSD e actual director do «Povo Livre». Com grande prestígio dentro do partido, este parece ser cada vez mais o nome a reunir o maior consenso.

Há, no entanto, quem não esqueça a figura de Fernando Amaral e «os bons serviços» que este prestou ao partido. Entre estes averba-se «a importância do bom relacionamento» que Fernando Amaral tem mantido com o actual Presidente da República e a «isenção« com que desempenhou as suas funções enquanto Presidente da Assembleia da República. Distanciado da sua posição de membro do partido do Governo, Amaral não se calou no «caso da Estónia». Uma postura de Estado que certamente lhe terá custado o terceiro mandato. Recorde-se que Fernando Amaral ocupou o cargo durante dois anos — a eleição do Presidente da Assembleia realiza-se no início de cada sessão legislativa — e o seu último mandato foi conseguido com o apoio de todos os grupos parlamentares.

Da vitória no 25 de Novembro à derrota a 19 de Julho

O vencedor do 25 de Novembro

1976: dformalização da candidatura à Presidência

«não aos totalitarismos»

Presidente e general

1980: anuncio da recandidatura

Em plena campanha, a caminho do segundo mandato

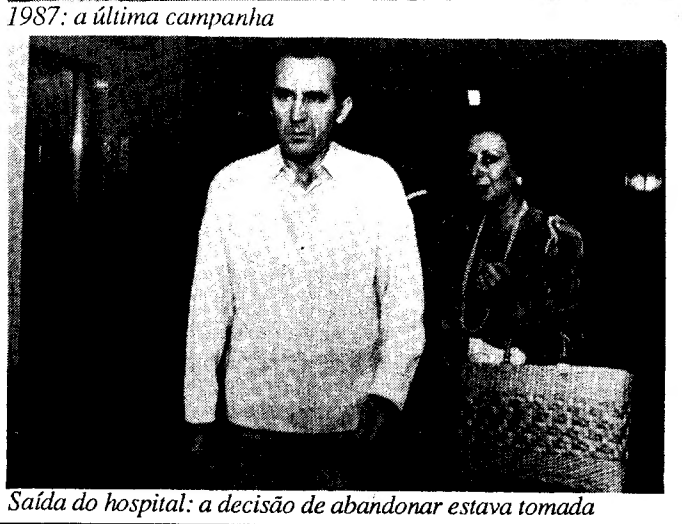
A longa gestação do PRD

Candidatura de Zenha: a primeira derrota

Convenção do PRD: o erro de aceitar a liderança partidária

1987: a última campanha

19 de Julho: o grande derrotado


Saída do hospital: a decisão de abandonar estava tomada

Martinho substitui Eanes no PRD

"Não recebi o suficiente apoio do eleitorado"

-explica o ex-Presidente da República

«A continuidade do PRD não está em causa», sublinha o comunicado da comissão directiva dos renovadores, divulgado durante a reunião de ontem, após a leitura por Ramalho Eanes aos jornalistas de uma declaração de renúncia à liderança do partido por não ter recebido do eleitorado «o suficiente apoio para cumprir as tarefas políticas indispensáveis à renovação da sociedade portuguesa».

Tal como o «DL» previra, na sua edição de terça-feira, Eanes apresentou-se ontem, na reunião da direcção dos renovadores, decidido a anunciar, de forma irrevogável, o seu abando da presidência do PRD. Manifestamente desgastado, psíquica e fisicamente(o ex-PR ainda não recuperou da operação ao apêndice, coxeia ligeiramente e está visìvelmente mais magro), Ramalho Eanes deixou logo claro aos restantes dirigentes do partido que a sua decisão era inabalável e que se mantinha no PRD apenas como simples militante.

O tom firme, decidido e amargurado de Eanes(dez anos de profunda dedicação ao país tão depressa esquecida pelo eleitorado deixam marcas...) não alimentou, pois, quaisquer ilusões à direcção do PRD e mesmo os poucos dirigentes eventualmente dispostos a pressioná-lo para que continuasse na presidência do partido cedo perceberam que nada havia a fazer. Daí que a primeira parte da reunião tenha sido dedicada fundamentalmente à declaração de renúncia de Eanes e à elaboração do comunicado da comissão directiva.

«Não regateei esforços...»

Lembra Eanes, na declaração, o seu empenhamento activo no PRD desde a II Convenção e «muito particularmente durante a campanha eleitoral».

«Não regateei esforços e pretendo chamar a mim todas as responsabilidades' neste processo. Aliàs, nisso apenas mantive o tipo de comportamento que havia assumido quer nas eleições presidenciais de 1976 quer nas de 1980», frisa o antigo PR não sem considerar que «são obviamente diferentes as circunstâncias e as características das eleições para a Assembleia da República».

Depois de referir que não recebeu do eleitorado o «suficiente apoio» e que tal facto o leva a sentir-se «indisponível para continuar a assegurar a efectiva presidência do PRD», Eanes salienta que o PRD «como movimento político» continua a merecer-lhe o «maior apreço» e considera o seu aparecimento «um factor positivo para a evolução e aperfeiçoamento do sistema democrático português».

«O PRD, através dos seus orgãos, encontrará as respostas adequadas à presente situação. Pelo meu lado estou disponível para continuar noutros níveis a dar o contributo que fôr julgado adequado», conclui Eanes.

Hermínio: sucessor

A comissão directiva apresentou, por solidariedade, a demissão colectiva mas aceitou a solicitação de Eanes para continuar em funções «para assegurar a natural e necessária continuidade do partido» e designou Hermínio Martinho para a presidência interina do partido. Um Conselho Nacional, a realizar no mais curto prazo de tempo possível, irá tomar as decisões que ultrapassem a actual situação de interinidade dos orgãos directivos dos renovadores.

O comunicado da comissão directiva dos renovadores considera que os resultados eleitorais «não põem em causa a imagem pública do general Ramalho Eanes e a gratidão que lhe é devida por toda a sua relevante acção a favor da democracia e dos portugueses» e acentua que «independentemente da nova correlação de forças políticas que os resultados eleitorais determinaram, o projecto de renovação da vida e prática políticas em Portugal, que é o projecto essencial do PRD, mantém-se inteiramente válido e necessário».

«Como tal— conclui o documento— a continuidade do PRD não está em causa. A adaptação da sua acção política às novas condições deverá ser, porém, objecto de reflexão e de um debate aprofundado a todos os níveis do partido».

Abandonos à vista

Segundo apurou o «DL», tal debate e reflexão deverá culminar numa III Convenção Nacional do PRD que, tudo o indica, irá legitimar a liderança efectiva do partido por parte de Hermínio Martinho, expoente do sector dos renovadores que entende que o projecto do PRD pode continuar para além de Eanes.

Todavia, é de prever que boa parte dos dirigentes que se ligaram ao PRD em função do nome e da liderança de Eanes venham, a médio prazo, a abandonar o partido por entenderem que os resultados de 19 de Julho passado foram suficientemente esclarecedores.

A reunião de ontem registou a presença dos 13 elementos da comissão directiva(eram 14 antes da morte de Ana Gonçalves): Eanes, Martinho, Marques Júnior, Magalhães Mota, Bernardo Lencastre, José Carlos de Vasconcelos, Carlos Lilaia, Bártolo Campos, Ivo Pinho, José Rabaça, Roberto Amaral, Medeiros Ferreira e Miguel Galvão Teles.

Eanes preside pela última vez à reunião da Comissão Directiva do PRD. Um pouco mais tarde anunciaria a sua decisão de abandonar a liderança do partido cuja formação promoveu ***(foto amavelmente cedida por «A Capital)***

João Pereira Neto

Novo secretário-geral do CDS afirma

"Freitas do Amaral será bem-vindo"

O novo secretário-geral do CDS, Pereira Neto, disse ontem que Freitas do Amaral «seria bem-vindo» ao partido que fundou. Pereira Neto fez esta declaração numa conferência de Imprensa, em Lisboa, destinada a esclarecer as condições em que assumiu o cargo de secretário-geral do partido.

Segundo um documento distribuído aos jornalistas, Pereira Neto assumiu aquelas funções «por delegação de poderes do presidente da Comissão Executiva do partido», Adriano Moreira, no último Conselho Nacional.

O documento sublinha que «a legitimidade das decisões do Conselho Nacional não podem ser postas em causa».

Dadas as notícias ultimamente publicadas, sobre a legitimidade dessas decisões, «susceptíveis de criar alguma perturbação nos militantes do partido», o novo secretário-geral centrista esclareceu que aquele Conselho «é o órgão máximo do partido entre congressos e as suas deliberações têm assim uma legitimidade indiscutível».

Além disso, sublinhou, «como é sabido o voto foi secreto, tendo dois terços dos conselheiros votado a favor da moção». Pereira Neto adantou também que a Comissão Executiva já começou a gerir o CDS «no sentido de realizar o mais rapidamente possível o seu Congresso Nacional até Fevereiro do próximo ano, podendo eventualmente ser ainda antecipado».

Inquirido sobre o eventual regresso de Freitas do Amaral, o secretário-geral do CDS disse que tudo fará para que no Congresso o partido se apresente unido, e sublinhou que o seu fundador «seria bem-vindo».

Pereira Neto afirmou que o CDS passou «momentos difíceis» com as eleições para a Assembleia da República, mas acrescentou que a 19 de Julho o eleitorado «queria sobretudo uma mudança e não debater questões ideológicas».

Por isso, o secretário-geral considerou que o eleitorado dos centristas está representado pelos resultados obtidos por LUCAS Pires para o Parlamento Europeu.

Mostrando-se esperançado no futuro, Pereira Neto lembrou ainda que o CDS detém a presidência de cerca de três dezenas de Câmaras Municipais, centenas de vereadores e milhares de autarcas — afinal, disse, a base real do partido.

Adrianistas no Norte

«O CDS não acaba nem acabará, porque as suas bases não o permitirão» — afirma, em comunicado a comissão política concelhia de Vila Nova de Gaia do CDS.

Nesse documento, aquela estrutura centrista lembra que o CDS «em tempos bem mais difíceis soube resolver os seus probremas» e sugere que as questoes surgidas no partido após as eleições do 19 de Julho são «derivadas de querelas ou ambições pessoais ultrapassáveis».

Entretanto, foi anunciado que autarcas e militantes do CDS do Norte, apoiantes de Adriano Moreira, organizam um jantar, amanhã, num restaurante de Ermesinde, para homenagear o seu líder. Dois dos presidentes de Câmaras do CDS apoiam esta iniciativa, que surge como resposta à contestação que o velho professor vem sofrendo por parte de vários sectores, linhas e sensibilidades do partido.

(Ler entrevista com Basílio Horta na pág.4)

Basílio Horta ao "DL"

O PROBLEMA NÃO É DE FALTA MAS DE EXCESSO DE LÍDERES

Ribeiro Cardoso

"O problema do CDS não é não ter pessoas que possam vir, naturalmente, a assumir a sua liderança. É precisamente o contrário..." — afirmou ao «DL» Basílio Horta, deputado e fundador daquele partido, cuja realidade conhece bem.

Fortemente marcado pela morte do seu amigo Emídio Pinheiro (tombou fulminado à sua frente quando iam almoçar num restaurante lisboeta), Basílio Horta falou longamente sobre a situação no CDS, que tem vindo a sofrer, após as eleições de 19 de Julho, desenvolvimentos complicados. Alguns dirigentes interrogam-se mesmo sobre a viabilidade do partido se não houver uma rápida e profunda alteração dos caminhos percorridos.

Por aí começámos esta conversa com Basílio Horta: o futuro do CDS.

«Ou se reencontra rapidamente com as suas raízes ou corre sério risco, e em meu entender quase inevitável, de desaparecer politicamente» — respondeu Basílio Horta.

«Raízes? Que raízes?»

«Repare: depois da saída do dr. Freitas do Amaral o CDS teve várias e sucessivas divisões internas que levaram a que a maioria das pessoas que constituíram o rosto visível da democracia-cristã em Portugal tivessem, por um ou outro motivo, abandonado o partido, ainda que algumas nele se mantivessem.»

«E daí?»

«Em meu entender isso teve como consequência que o CDS não tenha parado de descer eleitoralmente, passando sucessivamente de cerca de 17 por cento para 13, depois para 10 e agora para 4,5. Esta é a realidade.»

«Que soluções para esta situação?»

«Para mim, a solução é ir buscar todas as pessoas que mantendo-se filiadas no CDS se encontrem afastadas da vida política partidária. Isto em primeiro lugar. Depois, fazer um esforço para que pessoas que deixaram o partido possam a ele regressar.

Claro que isto não implica desconhecer ou ignorar muitas pessoas válidas que neste momento se encontram dentro do partido.»

«Incluindo, obviamente, quem está actualmente na direcção...»

«Actualmente há uma direcção provisória do partido e é evidente que mesmo nessa direcção se encontram pessoas — como Martins Canaverde e Gentil Martins — que se enquadram perfeitamente naquilo que eu referi anteriormente, que têm o perfil...»

«... Adriano Moreira e os seus fiéis, por exemplo, estão...»

«... Quanto ao actual presidente do partido já disse o que tinha a dizer no Conselho Nacional. Compreenderá que não queira vir a público falar nessas questões.»

«Tem-se falado muito da necessidade de o partido se unir. Pergunto: à volta de quem? Deste líder? De outro?»

«Esse é um problema que se prende com a futura direcção do partido e que me parece não estar neste momento em causa. Agora o que importa fazer, e rapidamente, é chamar ao partido todos aqueles de quem o partido necessita para poder voltar a ser o que foi. Portanto, o problema da liderança, o problema da escolha do futuro líder colocar-se-á na sede própria que é o Congresso do partido»

«Congresso ordinário ou extraordinário?»

«Em meu entender deve ser extraoridnário. Por dois motivos: pela urgência de que se reveste; e pela sua própria composição que, na minha opinião, deveria ser também extraordinária...»

«Que quer dizer com isso?»

«Repare: para esse congresso deveriam ser convocados, para além de todos os fundadores do partido incluindo o dr. Freitas do Amaral, todos os seus filiados que exerceram funções públicas em representação do partido – ex-membros do Govenro, ex-deputados, ex-autarcas, etc.»

«Isso é mais ou menos o que diz agora a Juventude Centrista...»

«É verdade. Mas nós sempre o dissemos»

«A JC defende, ou admite, a possibilidade de vir alguém de fora para arrumar a casa...»

«Essa é uma opinião respeitável como qualquer outra, embora neste momento eu não veja necessidade de ir buscar fora do partido quem nele se pode facilmente encontrar.»

«Quem é esse alguém?»

«O problema do partido não é, em meu entender, não ter pessoas que podem vir, naturalmente, a assumir a sua liderança. É precisamente o contrário... É ter muitas pessoas que se julgam, e que até têm capacidade para assumir essa ldierança.»

«O sr. está entre essas pessoas?»

«Não me compete a mim responder à sua pergunta. Tanto mais que o meu objectivo não é a liderança do CDS, mas sim trabalhar para assegurar a sua sobrevivência»

«A questão põe-se mesmo ao nível da sobrevivência?»

«Se quer saber a minha opinião sincera, põe-se.»

«Mas porquê? Porque há mais linhas e sensibilidades do que deputados eleitos, como a JC sublinhou com certa ironia amarga?»

«Também é por isso. Mas há várias razões. Olhe, em primeiro lugar, porque há pessoas, na minha opinião fundamentais para o reforço do partido, que estão afastadas e em risco de se perderem definitivamente para o CDS; depois, porque o partido que existe se encontra profundamente dividido e numa situação de grande fragilidade política; em terceiro lugar, porque se tem constatado que o partido tem servido como rampa de lançamento de brilhantes carreiras individuais que não são depois postas ao seu serviço...

Estas são, pois, algumas situações que devem ser objecto de uma mudança radical sem a qual o partido adquirirá definitivamente um estatuto de menoridade política. Basta lembrar as tentativas de criar formações partidárias autónomas que, no fundo, a concretizarem-se, seriam a partilha dos despojos do CDS.»

«Quando há pouco falou de brilhantes carreiras individuais que não são postas ao serviço do partido referia-se a Lucas Pires e Freitas do Amaral?»

«Apresentei-lhe factos, não lhe referi pessoas.»

«Voltando ao Congresso, que uns querem ordinário, outros extraordinário. Como vamos de assinaturas recolhidas para um Congresso Extraordinário? Fala-se que já há mais do que o número necessário...»

«Não estou pessoalmente encarregado de as recolher, mas creio que não será difícil ultrapassar as mil estatutariamente exigíveis.»

«Não recolhe assinaturas mas desmultiplica-se em contactos com outras figuras do partido...»

«Não diria que me desmultiplico, mas tenho na verdade mantido contactos com várias personalidades dentro do partido, nomeadamente com Morais Leitão e Nogueira de Brito, que considero pessoas fundamentais para a unidade e relançamento do partido.»

«Há pouco disse que a formação de novos partidos a partir do CDS significaria apenas a partilha dos despojos. Quis com isso dizer que não acredita na viabilidade de novas formações partidárias nesta área?»

«Se o CDS não se reencontrar, não se reestruturar e não se relançar, parece-me inevitável o aparecimento de outra ou outras forças partidárias na sua área política. Eis a minha resposta.»

«E qual é a área política do CDS? Há quem diga que agora é claro que a direita está no PSD...»

«Não tenho dúvidas que hoje o líder da direita portuguesa é o dr. Cavaco Silva — foi nele que o povo português confiou e a direita portuguesa votou. Isto, no entanto, não significa que o CDS não possa vir a recuperar o seu próprio espaço. Em 1976, com o dr. Sá Carneiro na liderança do PSD, o CDS foi capaz de subir de cerca de sete por cento para cerca de 17. Esta é uma situação que pode vir a repetir-se no futuro se o CDS for capaz de se reencontrar.»

«Mas em 76 havia Freitas do Amaral...»

«É um facto, havia o dr. Freitas do Amaral acompanhado de grande parte daqueles que queremos ver regressados ao partido.»

«Nesse regresso inclui, portanto, Freitas do Amaral...»

«Nunca ninguém obstou a que o dr. Freitas do Amaral regressasse... Penso mesmo que se o partido se reencontrar não será difícil prever o seu regresso ao CDS.»

«Para a liderança?»

«A resposta a essa pergunta cabe ao próprio e ao Congresso do CDS em que a questão se colocar...»

«E se o regresso de Freitas do Amaral não for com o objectivo de liderar o partido, será na perspectiva das Presidenciais 91?»

«Estamos longe de 1991. No entanto será certamente uma questão interessante saber quais as forças políticas que nessa altura irão apoiar a recandidatura do dr. Mário Soares à Presidência da República... A resposta à sua pergunta certamente virá a ser dada nesse contexto.»

PRIMATUS — MODA MASCULINA, Ld.ª

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura de 20 de Julho corrente, lavrada de folhas 42 a folhas 43 verso do livro de notas para escrituras diversas número Catorze J do Segundo Cartório Notarial de Almada, a cargo da notária, Licenciada, Maria Luísa Vieira Elvas da Silva Borges Soeiro, foi feito um contrato de sociedade entre:

a) ***HÉLDER FERNANDO DOS SANTOS RIBEIRA,*** natural de Alcântara, Lisboa, casado sob o regime da comunhão de adquiridos com Maria Manuela Pinto Gomes dos Santos Ribeira, residente na Estrada do Desvio, lote cinco, cave esquerda em Lisboa.

b) ***JOSÉ MANUEL PINTO GOMES,*** natural de São Sebastião da Pedreira, Lisboa, solteiro, maior, residente na Rua da Cruz a Alcântara, número cento e quarenta e três, rés-do-chão em Lisboa.

c) ***JACINTO MARIA ZAMBUJO RODRIGUES,*** natural de Évora (Sé) concelho de Évora, casado sob o regime de comunhão de adquiridos com Ana Paula Pinto Gomes Rodrigues, residente na Rua B, número quatro, rés-do-chão direito na Quinta de Santo Amaro, Laranjeiro, concelho de Almada.

Sociedade com denominação em epígrafe, com sede no Centro Comercial Edifício Lusíadas, loja dez, sito na Rua dos Lusíadas, número cinco, na freguesia de Alcântara, concelho de Lisboa, a qual ficou a reger-se pelos artigos constantes da fotocópia que segue, que tem além desta mais duas folhas.

Segundo Cartório Notarial de Almada aos vinte de Julho de mil novecentos e oitenta e sete.

O Ajudante

Gina Maria Pires Fragoso

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de PRIMATUS — MODA MASCULINA, Ld.ª.

SEGUNDO

A sede social fica no Centro Comercial Edifício Lusíadas, loja dez, sito na Rua dos Lusíadas, número cinco, na freguesia de Alcântara, concelho de Lisboa, podendo ser deslocada dentro do mesmo concelho ou para concelho limítrofe.

TERCEIRO

A sociedade tem por objecto a comercialização de pronto a vestir para homem.

QUARTO

O capital social, inteiramente realizado em dinheiro, já entrado na caixa social é de QUATROCENTOS E CINQUENTA CONTOS, e corresponde à soma de três quotas iguais de cento e cinquenta contos, pertencentes uma a cada sócio.

QUINTO

É livre a cessão de quotas entre sócios, dependendo contudo do consentimento da sociedade a cessão de quotas a estranhos. Do consentimento da sociedade depende igualmente a entrada de novos sócios.

SEXTO

A sociedade pode amortizar a quota de qualquer sócio, nos casos seguintes: — *a)* — Se as quotas forem penhoradas, arrestadas ou de qualquer modo sujeitas a procedimento judicial; *b)* — Se, por quaisquer actos ou factos, algum deles vier a prejudicar a sociedade ou fizer perigar o bom nome da mesma; *c)* — Por morte de qualquer dos sócios, pagando a sociedade o preço da amortização, mesmo em relação à herança indivisa.

SÉTIMO

A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral, será exercida pelos três sócios que desde já ficam nomeados gerentes.

PARÁGRAFO ÚNICO — Para que a sociedade fique validamente obrigada em todos os seus actos e contratos é sempre necessária a intervenção conjunta de dois gerentes.

OITAVO

No caso de falecimento de qualquer sócio, se não for usado o previsto na alínea *c)* do artigo sexto, os seus herdeiros que escolherão um que a todos represente enquanto a quota se mantiver indivisa, poderão continuar na sociedade ou sair dela mediante o recebimento de tudo o que pelo último balanço se verificar pertencer-lhes.

NONO

Quando a lei não exija outras formalidades, as reuniões de assembleia geral serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência de quinze dias.

«DL» 6/8/1987

Ao atravessarem Espanha

CANSAÇO MATA EMIGRANTES

Oito emigrantes portugueses morreram nas estradas espanholas, durante a operação férias da última semana, e 20 foram hospitalizados em virtude de acidentes de viação a caminho de Portugal, informou a Guarda Civil de Trânsito. A denominada «estrada da morte», entre Irun e Vilar Formoso, sobretudo entre Burgos e Tordesilhas, está regada de sangue e vidas de emigrantes portugueses, vítimas, na maior parte dos casos, da correria louca e imprudente ao reencontro de sua terra natal, para passarem as férias com familiares e no seu País.

O governo espanhol criou áreas de informação e descanso, em lugares estratégicos como Irun, Briviesca (Burgos), Torquemada (Palência) e Tordesilhas (Valladolid).

A Direcção-Geral de Trânsito de Espanha, a Direcção-Geral de Viação e Prevenção Rodoviária Portuguesa e a Secretaria de Estado de Emigração de Portugal mobilizaram mais de duas dezenas de funcionários para darem assistência aos milhares de emigrantes que nos últimos dias atravessaram Espanha.

Todavia, durante a última semana, morreram oito emigrantes e outros 20 estão internados em hospitais espanhóis.

A Guarda Civil de Trânsito recusa-se informar sobre as causas de cada um dos acidentes em que estão envolvidos emigrantes portugueses, entre outras razões porque estes casos ficam entregues à investigação judicial e porque envolvem alguns milhões de pesetas de indemnizações.

Apesar disso, o capitão Fernandez, chefe do sector de trânsito da Guarda Civil de Valladolid, disse à Agência Lusa que o cansaço, depois de uma média entre 15 e 20 horas de viagem, praticamente sem parar, é o responsável por mais de 80 por cento dos acidentes ocorridos nesta área, pois origina imprudências e irregularidades, ou falta de reflexos dos condutores.

As ultrapassagens irregulares em curvas, rasantes ou pela direita, são algumas das infracções mais frequentes que podem ser observadas.

Emigrantes que pararam no último fim-de-semana na área de descanso de Tordesilhas confessaram estar a conduzir há 20 horas sem parar a não ser para meter gasolina.

No período de férias da temporada de Verão do ano passado, de 27 de Junho a 14 de Agosto, emigrantes portugueses viram-se implicados em 133 acidentes de viação, com 34 mortos, 88 feridos graves e 102 feridos ligeiros.

Destes acidentes, 76 verificaram-se no início das férias, que 27 emigrantes não puderam disfrutar porque chegaram mortos à sua terra natal e meia centena passaram-nas em hospitais.

Em 1986, o número de acidentes quase duplicou em relação ao ano anterior e quanto a este ano ainda não há dados globais.

Emigrantes nem são responsáveis

Nem sempre os emigrantes portugueses são responsáveis, como no sábado passado, em que um camião de matrícula espanhola, cujo motorista confessou excesso de trabalho e cansaço, se lançou contra a caravana e esmagou o primeiro automóvel, provocando a morte de duas portuguesas.

Metade dos acidentes do ano passado, em que se viram envolvidos portugueses, foi atribuída a infracções das normas do código de circulação e outros tantos a distração ou sonolência, provocada por cansaço.

Só a décima parte foi atribuída a causas várias, como avarias ou furos (os automóveis vêm sobrecarregados de pessoas e bagagens) ou pedestres imprudentes na via.

Burgos, Zamora, Salamanca e Palência, foram as zonas de maior número de acidentes e mortes, coincidindo com a rota de emigrantes mais movimentada.

Além do funcionamento das áreas de descanço, a Direcção-Geral de Trânsito espanhola organiza a denominada operação férias, coincidente com os períodos de maior movimento de emigrantes, concretamente nos últimos dias de Julho e primeiros de Agosto, mobilizando agentes em horas extraordinárias, e cancelando licenças e folgas.

Centena e meia de guardas civis do sector de trânsito em toda a zona de Castela e Leão e três dezenas no ponto nevrálgico de Tordesilhas, acompanham a operação, disse o tenente-coronel Agustin Bajo Montero, que, no sábado passado, supervisou pessoalmente o dispositivo montado nesta área.

Durante a «operação férias», ao longo do último fim-de-semana, a principal preocupação dos agentes de viação foi «orientar e facilitar a circulação, para evitar a formação de caravanas e maiores atrasos, não reparando tanto nas infracções», disse o capitão Fernandez.

Conhecido como o «capitão das barbas» pelos emigrantes portugueses, porque o encontram com frequência na estrada, considera que é necessária uma «acção pedagógica junto dos condutores».

Embora seja o cansaço a causa dos acidentes em 80 por cento dos casos, multiplicado pela pressa e a ansiedade em chegar a casa, depois de uma média de 15 a 20 horas ininterruptas de viagem, a causa imediata da ua maior parte radica em infracções, imprudências e faltas de atenção.

Entre os acidentes mais graves, contam-se ultrapassagens irregularess e perigosas, ou falta de reflexo em momento de emergência, erro de cálculo em distância, sonolência, quando não alcoolémia provocada pelo excesso de bebidas durante a viagem.

O enviado especial da Agência Lusa pôe contabilizar 14 infracções, no espaço de 20 minutos, durante os quais percorreu os 15 quilómetros da bicha de automóveis, à chegada a Tordesilhas, no sábado à tarde.

Infracções e tentativas de suborno

Durante os dias da «operação férias» não foram aplicadas multas, que vão de 4000 a 12 000 pesetas para as infracções mais graves, precisamente as ultrapassagens irregulares.

Os condutores portugueses mostram uma «total inconsciência nesta matéria, pois não só não se dão conta da irresponsabilidade e do perigo próprio e alheio, mas porque retendem «comprar» os agentes, disse o capitão Fernandez.

Apesar disso, o capitão Fernandez considera que os maiores perigos não se registam nas caravanas, como no último fim-de-semana, mas quando o movimento é menor, pois nestes casos se circula a maior velocidade e mais distraidamente.

Os emigrantes portugueses foram conhecidos pelos automóveis em segunda mão e em mau estado, sobrecarregados de malas e embrulhos de todo o género.

Hoje utilizam automóveis novos ou quase novos e dos últimos modelos, potentes, o que dificulta ainda mais o controlo por parte dos condutores com pouca experiência.

A Guarda Civil de Trânsito não tem tempo para controlar o excesso de carga e de peso, embora esta questão influa em situações de perigo e alguns incidentes.

Metade dos automóveis com peso a mais

Em meia centena de automóveis estacionados na área de descanso de Tordesilhas, o capitão Fernandez observou que pelo menos metade tinham peso a mais, desequilibrando a estrutura dos veículos e desnivelando os focos, com efeitos na condução nocturna.

Os responsáveis pela Direcção-Geral de Trânsito de Espanha da área de Castela e Leão consideram que, após as medidas estruturais dos últimos anos, para que a passagem dos emigrantes portugueses não seja um calvário nem comporte tantos perigos, é necessária uma colaboração dos próprios protagonistas.

Na opinião do tenente-coronel Bajo Montero, os emigrantes deveriam fazer a sua viagem em dois ou três dias.

Este ano verificou-se um movimento fora do comum quanto a automóveis e formação de bichas.

Durante o mês de Julho, a área de descanso de Tordesilhas foi utilizada por mais de 13 000 automóveis e no último fim-de-semana pernoitaram em cada noite mais de 400 automóveis.

No último fim-de-semana, a média de circulação de veículos na estrada dos emigrante, foi, nas horas de menor movimento, de 500 e nas horas de maior intensidade chegou aos 1000, dos quais 80 por cento eram portugueses, num sentido ou noutro.

Mas destes, só menos de 10 por cento parava na área de descanso ou em Tordesilhas.

Os emigrantes recebem folhetos com indicações diversas, «mas não fazem muito caso», disse o capitão Fernandez.

Embaixada reconhece esforços dos espanhóis

A Embaixada de Portugal em Espanha solicitou recentemente ao Governo português uma distinção ou um gesto para com a Direcção-Geral de Trânsito de Espanha, como reconhecimento pelos esforços realizados para facilitar a passagem dos emigrantes portugueses por território espanhol.

Caça na Região Centro (patos, rolas e codornizes) começa no dia 15

A caça aos patos e às rolas, nos seis distritos da Região Centro, abre dia 15 de Agosto, anunciou a Direcção-Geral das Florestas, em edital sobre a matéria.

Na denominada segunda região cinegética do País, constituída pelos distritos de Aveiro, Coimbra, Castelo Branco, Leiria, Viseu e Guarda, a caça às rolas só é permitida na período compreendido entre o dia 15 de Agosto e o dia 27 de Setembro.

Como limitações impostas aos caçadores, a Direcção-Geral das Florestas refere que a caça às rolas tem de ser efectuada «à espera, sem rede, sem cão nem negaça, apenas aos domingos, quintas-feiras e dias feriados nacionais e no máximo de 20 rolas por caçador e pordia de caça».

Também no dia 15 do corrente tem início a época de caça aos patos, que se prolonga até 27 de Setembro, e que deverá ser feita «à espera ou de barco, sem cães ou com cães de parar e negaça, no máximo de 10 patos por caçador e dia de caça» e nos dias designados para a caça às rolas.

A caça aos patos é interrompida na região centro do país entre o dia 28 de Setembro e o segundo domingo de Outubro, exclusive.

Quanto à caça às codornizes a época inicia-se a 6 de Setembro e prolonga-se até 27 do mesmo mês e deverá ser feita sem cão ou com cão de parar, nos dias já designados, no máximo de 10 codornizes por caçador e por dia de caça.

A caça às codornizes é interrompida nesta região cinegética entre o dia 28 de Setembro e o segundo domingo de Outubro, não voltando a retomar-se durante o ano de 1987.

A Direcção-Geral das Florestas salienta no edital divulgado que é proibido caçar sem consentimento de quem de direito «nos terrenos murados, nos quintais, parques ou jardins anexos a casas de habitação e bem assim em quaisquer terrenos que circundem estas, numa faixa de protecção a regulamentar».

É ainda proibido caçar «nos terrenos ocupados com culturas agrícolas ou florestais durante determinados períodos do seu ciclo vegetativo, quando seja necessário proteger aquelas culturas e suas produções».

Os pombos-bravos, tordos e estorninhos podem ser abatidos nos locais e com os condicionalismos e limites da caça aos patos.

Nos locais, períodos e pelos processos autorizados para a caça às rolas, codornizes e patos, poder-se-ão caçar também corvos, gralhas e gaios, não se encontrando estas últimas espécies sujeitas a limites de áreas de abate.

FÉRIAS DE SONHO «87»
★ TURISMO DE QUALIDADE ★
ALEMANHA ROMÂNTICA
18 DIAS — PARTIDAS: 13 AGOSTO E 1 SETEMBRO
159 900$00
AUSTRIA • HUNGRIA • JUGOSLAVIA
21 DIAS – PARTIDAS 8 AGOSTO E 5 SETEMBRO
174 000$00
BENELUX E VALE DO RENO
15 DIAS – PARTIDAS: 9 AGOSTO E 6 SETEMBRO
138 900$00
SENHORA DA AGONIA
A ROMARIA MAIS PORTUGUESA DE PORTUGAL
DE 21 A 24 AGOSTO – DESDE: 13 200$00
E DE 22 A 24 AGOSTO – DESDE: 11 500$00
LOTAÇÕES LIMITADAS
CONSULTE O N/CATÁLOGO «87»
LUSANOVA TURISMO
AV. JOÃO XXI, 9-A — M. MONIZ, 6-A-TEL. 894311-894480

Uma alternativa energética barata

Coimbra prepara subsolo para receber gás natural

A Câmara Municipal de Coimbra está muito receptiva à adopção de gás natural como alternativa barata à energia eléctrica, assegurou o vice-presidente do município.

O engenheiro elecrotécnico Ferreira de Araújo, encarregado de estudar um dossier no sentido dessa inovação, informou que os novos bairros camarários estão já a ser dotados com estruturas, tendo em vista a canalização do gás propano.

Ferreira de Araújo preconiza para Coimbra que asobras de canalizações de grande diâmetro dos esgotos citadinos comecem a ser dotadas de prateleiras adequadas à montagem das canalizações do gás, quando este puder chegar através da rede dos países da CEE.

Segundo cálculos recentes, o custo do gás metano fica 40 por cento mais barato que o da electricidade.

O vice-presidente do município conimbricense considera que esta modalidade energética tem muito interesse, mas a câmara precisa de saber o ponto de vista do Governo quanto à sua liderança, calendarização, prioridades de investimento e repartição de encargos com as obras de equipamento, ao longo dos concelhos envolvidos.

O estudo da viabilidade técnico-económica do abastecimento de gás natural a Coimbra foi proposto em 1986 à câmara pela Hidrocontrato, empresa vocacionada para avaliação de grandes empreendimentos.

As redes de gás canalizado podem obter apoios financeiros proporcionados pelos fundos de desenvolvimento regional, Bancos Mundial e Europeu e, sobretudo, pelas estruturas especializadas da CEE, nomeadamente o FEDER, que concede comparticipações a fundo perdido.

Ferreira de Araújo prevê a construção a médio prazo de um gasoduto que ligue a futura rede de Portugal à rede espanhola, a partir de Vilar Formoso, passando por Coimbra e Porto, com retorno à Espanha através de Vigo.

Vai ser relativamente fácil ligar a rede espanhola à de França e a nossa à de Espanha, por forma a obter para a península Ibérica uma importante garantia e diversificação do fornecimento do gás natural — admite aquele especialista.

O valor do gás natural, como parceiro energético a considerar, foi reconhecido pelo Plano Energético Nacional de 1982, e reforçado em 1984.

Trata-se duma política de diversificação de aprovisionamentos energéticos, destinada a fazer baixar a actual dependência do petróleo que é de cerca de 80 por cento.

Ferreira de Araújo disse que tem conhecimento de que o actual Governo tem em estudo, através da Direcção-Geral de Energia, legislação atinente ao lançamento do abastecimento do gás natural.

Lisboa-Madrid
Madrid-Lisboa

Novo serviço Auto - Espresso
(De 4 de Junho a 21 de Setembro)

Grandes descontos nos Dias Verdes

Informe-se na sua agência de viagens ou na estação mais próxima

José Carvalho (ADEPA): «acordo existe, é para se cumprir»

Subdirector-geral das Pescas: «Antes do acordo os espanhóis levavam tudo o que podiam do Guadiana»

O acordo que o diabo amassou

INCIDENTES NÃO QUALQUER SIGNI

Os três únicos incidentes que caracterizaram os primeiros meses do novo acordo fronteiriço de pescas do Guadiana não tiveram qualquer significado, não foram relevantes — opinou o subdirector-geral de Pescas, Eurico Monteiro, ao «Diário de Lisboa». Segundo ele, tudo aconteceu na fase inicial do novo «regulamento», nos primeiros tempos da aplicação do acordo. Dois em Portugal (por parte de barcos espanhóis com malhagens ilegais) e um em Espanha (arrasto português em zona interdita), é pouco para que se lhe atribua particular importância.

Nesta recolha de depoimentos dos vários agentes e protagonistas da pesca na foz do Guadiana, à luz dos interesses portugueses, constata-se que houve quem atribuísse relevo ao apresamento de dois barcos espanhóis, qualquer deles libertado sem sujeição aos tribunais. Fernando Matias, por exemplo, considerou ao «DL» que a fiscalização portuguesa foi demasiado rigorosa. No entanto ele próprio defendeu que urge preservar os crustáceos portugueses e que, neste aspecto concreto — além de outros — está de corpo e alma, de acordo com o acordo. «Nós também temos capacidade para capturar lagostins, porque aprendemos, muitos de nós, com os espanhóis».

Aliás, «fizemos uma importante reconversão para a sua pesca», frisou Eurico Monteiro, que salientou o engodo com que os espanhóis olham o longueirão — que esteve na origam da «crise» de Março, com a entrada em vigor do defeso e sua protecção durante sessenta dias — à falta (proibição) do lagostim.

«O lado português do Guadiana é mais rico que o lado espanhol. Tal situação era um foco de tensões antes da entrada em vigor deste acordo, porque os espanhóis levavam tudo o que podiam», realçou o subdirector-gel de Pescas, reportando-se à sua área.

Equilíbrio acima de tudo

O acordo é equilibrado em todos os aspectos, em particular no tocante ao número de licenças. É esse o ponto, de resto, que importa, no respeito pelo que a legislação impõe. O número de licenças é o mesmo e em termos económicos há grande equiparação.

Todas as quinzenas, quer quanto ao acordo geral de pescas (que abrange portanto os barcos que pescam entre as 12 e as 200 milhas, de acordo com a legislação comunitária), são reciprocamente comunicados os números e nomes dos barcos autorizados a pescar em cada lado do Guadiana e das águas nacionais.

Aliás, no conjunto de acordos de pesca que Portugal mantém com utros Estados, sobessaem os celebrados com a vizinha Espanha, não apenas devido à complementaridade fronteiriça, como por preverem, particularmente, condições de reciprocidade no acesso aos fundos de pesca e terem implicações tanto no domínio dos recursos internos como no domínio dos recursos externos.

A controvérsia suscitada pela denúncia do acordo de 1969 em Setembro de 1984 — com as relações de pesca suspensas desde 31 de Dezembro de 1982 — tinha antecedentes, razão por que nem todos os pescadores e armadores reagiram com o coração na boca.. Com efeito, o próprio protocolo de Setembro de 1984 havia gerado acesa polémica, acabando por concitar, como na ocasião alguns frisaram, uma redobrada atenção sobre a situação, contribuindo para uma melhor e mais alargada compreensão das suas variadas implicações.

Na ocasião, os nossos negociadores permitiram aquilo que a delegação portuguesa a Sevilha (em 12 de Dezembro de 1986) não cedeu: o aumento do número de licenças concedidas. O protocolo de Setembro de 1981 agravou o desequilíbrio já então existente entre os dois países quanto à repartição dos benefícios mútuos de pesca, com riscos de prejudicar a posição portuguesa quanto à atribuição das quotas nacionais de pesca no futuro contexto comunitário.

«Princesa do Guadiana»: um dos barcos contemplados com licença de pesca do acordo fronteiriço

ou (conclusão)

TIVERAM FICADO ESPECIAL

Maus costumes

Curiosamente, foi a adesão à CEE que nos «abriu» os olhos quanto ao acordo com a Espanha e, regionalmente, na defesa dos interesses portugueses no Minho e no Guadiana. O err cometido em Setembro de 1981 não foi repetido e, claro, os espanhóis barafustaram, julgando que as

águas nacionais eram deles (talvez por terem a terceira maior frota do mundo, superior à japonesa e inferior às dos EUA e URSS).

Quanto à pesca dos crustáceos, recorde-se que no tocante ao lagostim em águas portuguesas, os espanhóis foram então autorizados a actuar com trinta e seis licenças, contra apenas quinze a arrastões portugueses. Maus costumes, a que os armadores e pescadores espanhóis se agarraram, julgando que tal situação se perpetuaria.

O resultado viu-se: a frota portuguesa não se expandiu e, só sob a tutela de Jorge Godinho foi possível, há pouco tempo, arrancar para a reconversão da nossa frota, como acima nos falou Eurico Monteiro.

Não é necessário fazer grande esforço memorial para verificar que as nossas capturas em águas nacionais foram sempre ensombradas pelos espanhóis: quando os arrastões espanhóis pararam em 1983, as safras portuguesas conheceram aumentos espectaculares, da ordem dos 100 por cento em relação ao número anterior, tendo entretanto o número de licenças portuguesas sido aumentado para 45.

Alteração qualitativa

Houve, pois, nos últimos tempos — já neste Governo — , e relativamente a acordos anteriores, uma substancial alteração qualitativa com forte redução do número de licenças concedidas a navios espanhóis e, também uma mudança radical na filosofia subjacente às negociações bilaterais.

«A regra passou a ser a reciprocidade, quer quanto às quantidades a capturar, quer quanto às artes autorizadas, quer quanto (ainda) ao número de navios (excepção feita aos palangres), quer quanto, por último, aos períodos de pesca», observa um documento intitulado «O novo enquadramento das relações de pesca luso-espanholas» a que o «DL» teve acesso.

Com essa «alteração qualitativa» quase todos, ou pelo menos a maioria dos interessados portugeses, concordou. É essa a opinião do presidente da Associação dos Armadores da Pesca Industrial (ADAPI), França Morte, que realçou a disciplina das coisas, subjacente ao próprio acordo.

«Define perfeitamente o que é português e o que é espanhol», acrescentou o presidente da ADAPI. «Os espanhóis é que não o queriam aceitar. Dá a impressão que queriam conquistar Portugal, agora pelo mar», concluiu.

A produção pesqueira aprovou o acordo. Só alguns grupos comerciais é que não. Aliás, os próprios responsáveis pelas pescas espanholas, a directora-geral Pilar Ordoñez e o secretário de Estado, Oliver, aceitam as regras negociadas.

Porto de Olhão: marisco é o seu maior emblema

O porto de Olhão – porto de marisco por excelência – é dos que maiores vendas averbou nas lotas portuguesas em 1986: milhão e meio de contos. Só de pino (pesca industrial, com 28 homens a bordo de cada barco) foram mais de um milhão de contos. A esse montante haverá que acrescentar 324 mil contos de venda de sardinha. «Os barcos bons pescavam 8, 10, 14 mil contos há poucos anos. Agora chegam aos 18, 20 e até 30 mil contos», disse o presidente da ADEPA (Associação das Empresas de Pesca do Algarve) «DL».

José Carvalho apoia o acordo fronteiriço de pescas do Guadiana. «Bom ou mau, mas creio que, para nós, foi bom, ele existe, está em vigor. Há que respeitá-lo e cumpri-lo», acrescentou ele que sabe bem o que a CEE representa para o sector das pescas. «A adesão à Comunidade Europeia obrigou-nos à criação de organizações de produtores».

Daí que a política da ADEPA e dos seus associados – alguns dos quais encontramos com José Carvalho na sede da Associação, à saída de Olhão – seja a de «limitar as capturas, mas com qualidade de modo a acautelar os recursos». Disse-nos o presidente: «Não tem piada capturarmos muito peixe para andarmos a passeá-lo pelo País».

Por isso, as «restrições» colocadas pelo acordo de pescas aos espanhóis nas nossas águas são louvadas pelas organizações de produtores, associações de pesca e respectivos associados. Para os menos atentos, aqui fica o esclarecimento OP's de que estamos a falar, apareceram – pelo menos a Olhão – em Dezembro de 1985. Uma das suas funções é não deixar descer o preço do peixe.

Se a ADEPA hoje defende que «o acordo do Guadiana existe e, portanto, tem que ser respeitado e cumprido, porque é uma realidade», houve tempo em que, exprimindo-se pelas Organizações de Produtores, sustentava que o melhor seria não haver qualquer acordo. Ou, então, que, a ser assinado, se restringisse a uma área muito próxima – e só a ela – do Guadiana.

– Mas porquê tal posição? — questionámos.

José Carvalho esclarece:

«Os espanhóis entram nas nossas águas e não ficam por Tavira. Acabam por ir mais longe. E nós aqui, em Olhão, que não estamos abrangidos pelo dito acordo, para nós não há nada. Temos aqui associados que antes pescavam em Espanha e agora nem sequer lá podem ir, porque os seu barcos estão registados em Olhão».

Nem todos aproveitam

«Nem todos os pescadores portugueses abrangidos pelo acordo de pescas do Guadiana estão a exercer a sua actividade», disse ao «DL» o representante do INIP em Olhão, Pedro Ferreira.

O delegado do Instituto Nacional de Investigação das Pescas no Algarve frisou que o acordo em vigor é compatível com os interesses portugueses, não tendo havido problemas de maior. «Está a funcionar bem», realçou.

«O acordo interessa-nos, tal como foi negociado e assinado, mais a nós que a eles (espanhóis), mas eles não estão prejudicados.

Têm o que deve ser. Protestaram, porque estavam mal habituados», acrescentou.

Pedro Ferreira lembra-se dos tempos em que os acordos eram negociados pelas Juntas Fronteiriças, tendo passado para o acordo geral em 1981, ano em que foram absorvidos por este. «A tradição tem muito peso, mas não podia persistir nesta matéria», realçou.

Segundo ele, nem todos estão a aproveitar os benefícios que dele resultam para os portugueses. Salientando que as licenças foram atribuídas aos que a elas se candidataram nas condições impostas pelo acordo e que neste momento não houve qualquer favoritismo, o delegado do INIP afirmou que há pescadores de Tavira com licenças para pescar em Espanha que nem todos os dias a utilizam.

«Há pescadores que se queixam por não ter licença e outros que nem sempre dela se servem. Temos que solucionar este pequeno problema, sabendo, como é o caso, que há quem tenha licenças e as previna contra a hipótese de crise, estando assim habilitado a um eventual subsídio».

A reportagem do «DL» ouviu sobre este ponto o vereador da Câmara Municipal de Tavira ligado a esta matéria e que nessa condição assinou o acordo de pescas em 12 de Dezembro de 1986 em Sevilha, o qual negou que haja um só pescador que seja no seu concelho, nessa situação: com licença nem sempre utilizada.

Movimento sindical já está em marcha na instituição de Tomé Pinto

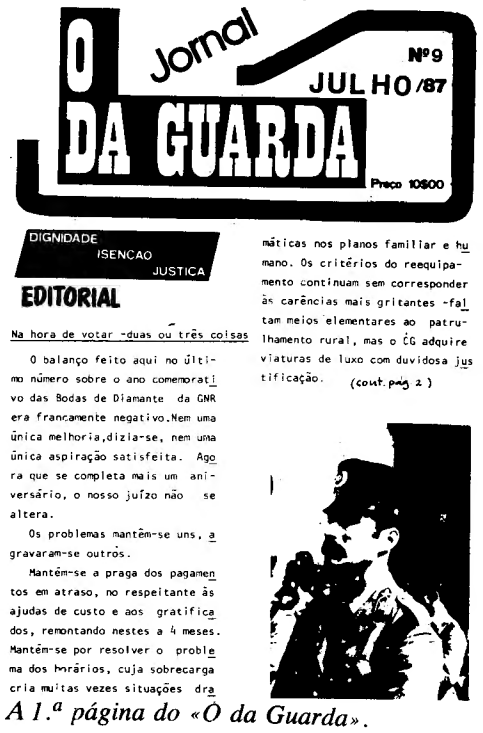
BASTIDORES DA GNR QUESTIONADOS PELO JORNAL "Ó DA GUARDA"

Manuel Geraldo

A situação vivida no seio da GNR, onde como se sabe não é permitida qualquer actividade de índole sindical, e em que a luta nesse sentido ainda não atingiu os níveis da PSP, está a ser questionada (escalpelizada) através de um jornal mensal intitulado «Ó da Guarda», a cujo oitavo número (correspondente a Julho) tivemos acesso.

Vendido ao preço de 10 escudos, e tendo como lema a divisa «Dignidade, Isenção e Justiça», o periódico, cuja autenticidade de proveniência constatámos, aborda numa linguagem acessível, mas cuidada, a que não falta um certo picaresco próprio das casernas, problemas relacionados com a força comandada pelo general Tomé Pinto, os quais, pela sua actualidade e pertinácia, não quisemos deixar de trazer para as páginas do «DL».

Refere o «Ó da Guarda» que «o Século XX já está a acabar mas na GNR ainda se utiliza a formatura na parada para se pagar aos praças o vencimento mensal, com estas obrigadas a estender a mão esquerda, fazer continência com a outra mão na posição de sentido, dar dois passos atrás seguidos de uma volta e destroçar». E questiona o articulista: «Parece incrível mas é verdadeiro. Não será já mais que tempo de os pagamentos dos vencimentos se efectuarem na Secretaria, em dinheiro, ou em cheque para quem quiser? Deve lembrar-se que já nem as Forças Armadas pagam o pré aos soldados do Serviço Militar Obrigatório (SMO) dessa forma. Será pois que o Século XX nunca mais vai chegar à Guarda? É que há tradições e tradições!».


O Jornal DA GUARDA
Nº9 JULHO/87
Preço 10$00
DIGNIDADE ISENÇÃO JUSTIÇA
EDITORIAL
Na hora de votar -duas ou três coisas
O balanço feito aqui no último número sobre o ano comemorativo das Bodas de Diamante da GNR era francamente negativo. Nem uma única melhoria, dizia-se, nem uma única aspiração satisfeita. Agora que se completa mais um aniversário, o nosso juízo não se altera.
Os problemas mantêm-se uns, agravaram-se outros.
Mantém-se a praga dos pagamentos em atraso, no respeitante às ajudas de custo e aos gratificados, remontando nestes a 4 meses. Mantém-se por resolver o problema dos horários, cuja sobrecarga cria muitas vezes situações dramáticas nos planos familiar e humano. Os critérios do reequipamento continuam sem corresponder às carências mais gritantes -faltam meios elementares ao patrulhamento rural, mas o CG adquire viaturas de luxo com duvidosa justificação. (cont. pág 2)

A 1.ª página do «Ó da Guarda».

Ajudas de custo e sargento Portugal

Continuando a folhear o «Ó da Guarda» depe-rámos com a secção «Notícias de Norte a Sul», onde, com o título «Paga-Tira, Paga-Tira», lemos um texto que não resistimos a transcrever na íntegra: «Escandaloso! É o termo adequado para a situação que se criou no Batalhão N.º 4 em torno do pagamento das 'ajudas de custo' ao pessoal que esteve deslocado em Guimarães, aquando da estadia do Presidente da República naquela cidade. O pessoal esteve lá cerca de uma semana e quando regressou as 'ajudas de custo' foram pagas. Mas passados dias foram todos intimados a devolver a massa que haviam recebido. Posteriormente, disseram que afinal voltava tudo à primeira forma e assim todos voltaram a receber a paga legalmente estabelecida pela deslocação.

«Mas ainda não se tinha o pessoal restabelecido do primeiro susto, ainda não tinha acabado de suspirar de alívio, e eis que chegava uma contra-ordem para que todos devolvessem a massa novamente.

Que dizer a isto? Quem manda na Guarda? Confrangedor! Ms afinal qual vai ser o desfecho definitivo desta coisa? Cumpra-se a lei das 'ajudas de custo!'.»

«Paga-tira, paga-tira», um artigo sobre um tema genérico, e logo de seguida a abordagem, sem complexos de classe, de um tema concreto, visando um quadro intermédio da instituição, que dá pelo nome e posto de 1.º sargento Portugal, já por diversas ocasiões citado directa, ou indirectamente, no nosso jornal. O título do artigo é «O Fenómeno de Miratejo ou a Impunidade do 1.º Sargento Portugal» e nas páginas do «Ó da Guarda» pode ler-se: «O 1.º sargento Portugal, comandante do posto de Miratejo, é um homem com uma larga história e significiativo cadastro, a merecer 'Guinness'. O pessoal que já serviu sob as suas ordens não guarda saudades. No posto que comanda, impõe de parceria com a mulher, um ambiente prepotente, sem lei nem regulamento. Desde pressões sobre o pessoal para que não peça transferência até à imposição de consumir (e pagar) a alimentação que a mulher ali confecciona, tudo pode acontecer. Soldado que a mulher tome de ponta tem a vida negra.

«Mas o sargento Portugal, conhecido ainda pelas 'coboiadas' com civis a quem espanca frequentemente no posto, sobretudo se são de cor, não se fica, no entanto, pelos 'negócios domésticos', pois são conhecidas as suas ligações com os mais variados esquemas. Enfim, um feudo à antiga, com 'escravos' e tudo... e do conhecimento de toda a gente.»

«Ó da Guarda» afirma depois saber que «as queixas contra o sargento Portugal têm sido muitas» e que as mesmas «chegaram também ao comando-geral da instituição». E que sabedor das intenções para o transferir este «ameaçou falar, dizer tudo, e... tudo voltou à primeira forma». E o jornal volta a questionar o general Tomé Pinto. Assim, frontalment: » Quem terá medo que o 1.º sargento Portugal fale? Quem lhe dá cobertura?.»

A introduzir, e na sequência de todas estas constatações, e denúncias, o jornal percursor de um movimento de opinião no seio da instituição, com sede no Quartel do carmo, apresenta um editorial em que se assume como um periódico «hoje lido e sempre ansiosamente esperado em todos os postos da GNR, com crédito e prestígio firmados», ao que refere devido à sua linha de «isenção e de estrita defesa da renovação da Guarda e dos justos interesses dos seus membros». Pelo que, por mairia de razão, a sua existência e os complexos problemas abordados, irão merecer, estamos certos, a atenção do general Mário Tomé Pinto!...

Segundo denuncia a Pró-Sindical

Agentes da PSP do Porto são transferidos de forma ilegal

A Pró-Associação Sindical da PSP/Zona Norte acusou ontem os responsáveis do Comando Distrital do Porto de «insistir em transferir agentes daquele comando para os mais diversos locais, sem lhes dar a possibilidade de serem ouvidos». Em comunicado, a Comissão afirma que «numa altura em que o Tribunal Constitucional considera ilegal a transferência por conveniência de serviço, os responsáveis pelo Comando do Porto insistem em transferir agentes sem serem ouvidos — e sem lhes dar a possibilidade de se defenderem».

O comunicado, divulgado na véspera das cerimónias do Dia do Comando Distrital do Porto, da PSP, refere que continuam por resolver os problemas como a «necessidade de um melhor relacionamento entre o Comando e os profissionais da Polícia, do péssimo estado em que se encontram as instalações da PSP e da construção urgente de um bairro para minorar as enormes carências habitacionais» dos agentes do Porto. A concluir, a Comissão revela que «há situações que se agravam, como é o caso do pagamento dos serviços prestados nos recintos desportivos, que regista cinco meses de atraso, num problema que só se verifica desde que o Governo assumiu a responsabilidade do pagamento dessas retribuições, que anteriormente cabia aos clubes».

Matou o irmão em Leiria com dois tiros de caçadeira

Em Portela, no concelho de Leiria, dois irmãos envolveram-se muma contenda, tendo um deles morto o outro com dois tiros de caçadeira, após ter sido primeiro ferido à facada.

O incidente ocorreu quando Manuel de Jesus Ribeiro, divorciado, de 35 anos, tentou passar com uma camioneta carregada de madeira frente à casa do irmão, Aquino Pereira Ribeiro, solteiro, de 28 anos. Este opôs-se e Aquino agrediu-o com uma faca. Embora ferido Manuel de Jesus foi a casa buscar uma espingarda e disparou sobre o irmão, atingindo-o mortalmente na cabeça e no abdómen, tendo sido mais tarde detido pelo GNR.

Dois agricultores caíram num poço que reparavam

Dois agricultores caíram a um poço em Sarpe, tendo um deles morrido afogado, enquanto o outro se encontra em perigo de vida na Unidade de Tratamento Intensivo do Hospital de Braga.

O acidente ocorreu na quinta da vítima mortal, Sebastião Ferreira, 47 anos, quando este procedia à colocação de uma argola no poço com nove metros de profundidade, ajudado pelo ferido, Agostinho Lopes Fernandes.

Guarda Fiscal apreendeu em Julho 124 000 contos de contrabando

A Guarda Fiscal apreendeu no mês passado cerca de 124 000 contos de mercadorias, sendo de destacar os 65 800 contos de droga apreendida. Em comunicado, a força comandada pelo general Hugo Rocha assinala que o valor dos meios de transporte apreendidos, a maioria dos quais na região Norte, ascende a 26 500 contos, enquanto no disitrito de Lisboa foram apreendidos 6000 contos de vestuário diverso.

Na sua acção de combate ao contrabando e durante esse período a Guarda Fiscal confiscou 4200 contos de géneros alimentícios, 3600 contos de tabaco, 3500 contos de gado, 3400 contos de videogramas e fonogramas e 3200 contos de material de som e imagem, tendo ainda apreendido 2600 contos de máquinas de jogos, 2400 contos de relógios e 2500 contos de mercadorias não especificadas.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

EM Portugal, pode principiar-se tarde mas, seja no que for, nunca ninguém nos pode acusar de termos deixado alguma vez de principiar.
Começamos tarde a alfabetizar, talvez por começarmos cedo a alfabestizar. Já lá fora o ensino era obrigatório e ainda entre nós se apontavam, a dedo acusador, quem ia para a escola. Felizmente recuperámos. Hoje, em Portugal, já existem uns 70 por cento da população que sabem ler, dos quais aí uns 10 por cento são praticantes. Quando morrerem todos os analfas, Portugal será um País em franco progresso. Esperemos que não demore muito.
Outro tanto acontece com o cinema. Houve umas tentativas iniciais, elitistas. Claro que não podiam resultar, pois a qualidade só será efectiva quando for consequência de uma significativa quantidade.
Sem piada ao IPC, direi que a tal quantidade se processa hoje sem recurso a qualquer subsídio. A divulgação prática da cinematografia encontra-se hoje a cargo da Guarda Republicana e da Polícia.
Estão lembrados quando os trabalhadores da Reforma Agrária fizeram a sua marcha sobre Lisboa. Pois essa marcha foi toda filmada, ao longo dos caminhos. Houve depois muitos outros exemplos. Há dias foi a manifestação da Setenave. A Polícia, de câmara em punho, tomava nota das mínimas incidências. À semelhança dos Lumières e do Paz dos Reis, que filmavam operários à porta das fábricas, as autoridades hoje em Portugal filmam-nos longe das fábricas, em pacíficas manifestações.
De modo que deixo aqui a sugestão, a todos os jovens que se interessam pela arte do cinema. O óbice do preço dos materiais e da falta de monitores deixa de ter qualquer valor.
A partir de agora, têm ao seu dispor um vasto campo de actividade e de experiência.
Como? – perguntarão.
Pois é muito fácil: inscrevam-se na Polícia e na Guarda Republicana. Aprenderão luta e **karaté,** *terão comando sobre cavalos e cães, e ficarão a saber manejar uma arma e uma câmara de cinema.*
Tudo vantagens!

Desconhecidos terão disparado de surpresa por volta das duas horas

DOIS GUARDAS DA PSP BALEADOS ESTA MADRUGADA EM LISBOA

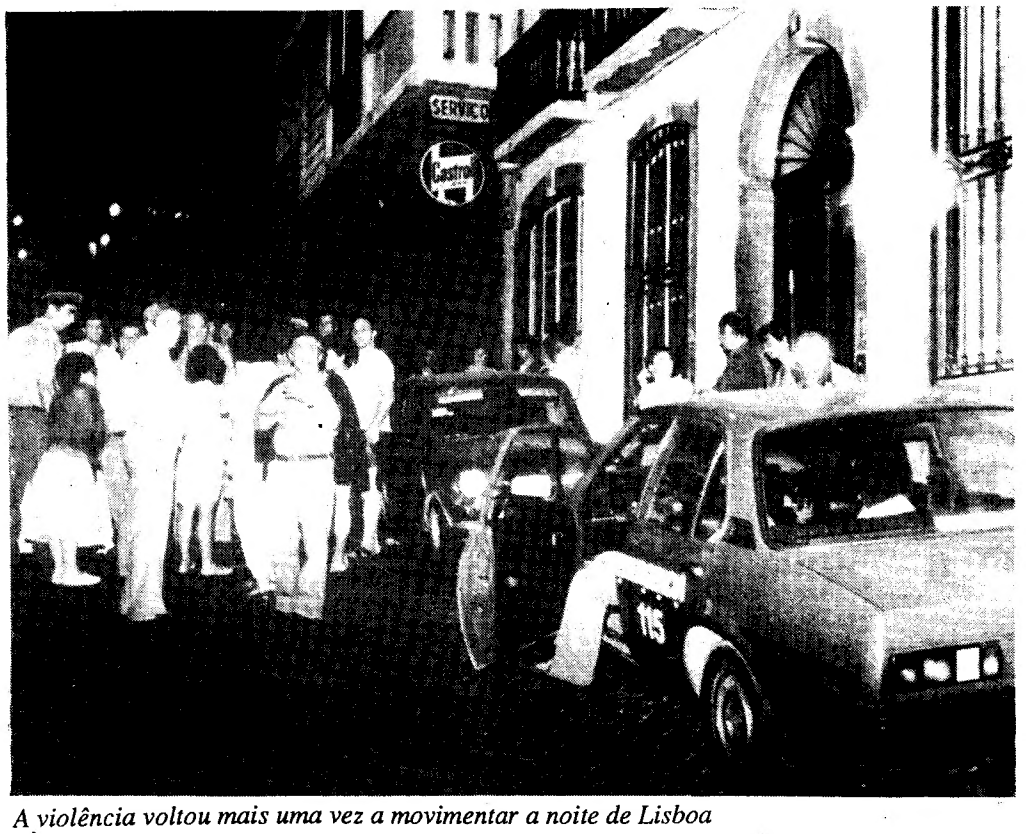
Quando estavam em serviço de patrulha, na Rua de Santo António, à Estrela, em Lisboa, dois agentes da PSP foram esta madrugada baleados por desconhecidos, em circunstâncias que estão a ser investigadas pela Polícia Judiciária e pela instituição a que pertencem.

Segundo informações prestadas esta manhã ao «DL» pelo porta-voz do Comando da PSP de Lisboa no Governo Civil, comissário Agostinho, os dois agentes estão internados no Hospital de S. José, ainda inconscientes, sendo a sua identidade a seguinte: Júlio Manuel Mendes Fernandes, de 29 anos, casado, com cinco anos de serviço, atingido no abdómen e cujo estado é considerado «bastante crítico», e Alberico Santos Carmo, de 37 anos, casado, com 16 anos de serviço, a quem já foi retirado o projéctil e que está livre de perigo.

A mesma fonte referiu que os dois agentes pertenciam à esquadra do Caminho Novo, a cerca de 800 metros do local do incidente, tendo sido encontrados caídos no chão, inanimados, e com as armas que lhe estão distribuídas ainda nos coldres, pelo que terão sido apanhados de urpresa, segundo admitem os investigadores. Junto aos corpos estavam cápsulas de calibre 6.35 e 7.65, pelo que os agressores deverão ter sido pelo menos dois, talvez saídos do átrio de um prédio daquela artéria cuja porta foi encontrada aberta.

Ainda de acordo com o comissário Agostinho, o incidete terá ocorrido cerca das duas horas, não havendo até ao momento notícia de testemunhas presenciais. O «DL» apurou entretanto que a primeira pessoa a chegar junto aos dois polícias alvejados terá sido um agente da Polícia Judiciária, Tavares de Almeida, morador na zona, e que se dirigiu ao local alertado pelos disparos.

A jovem que encontrou os dois guardas e chamou a PSP



A violência voltou mais uma vez a movimentar a noite de Lisboa

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE OEIRAS

COMUNICADO

MUNICÍPIO DA AMADORA

C O M U N I C A D O

ALTERAÇÃO DO SISTEMA DE LEITURA E COBRANÇA NO CONCELHO DE AMADORA

Informam-se, os consumidores de água das freguesias da Falagueira/Venda Nova, Venteira, Reboleira e Mina, que o sistema de leitura e cobrança, foi alterado no período de férias.

Assim, os recibos não serão apresentados à cobrança, pelo leitor-cobrador, na morada de consumo, sendo os consumidores avisados durante o mês de Agosto através de ofício, para procederem à liquidação nos seguintes locais:

POSTO DOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS — Rua das Forças Armadas, n.º 14, Mina — Amadora.
— recibos da área 5, zonas 11 à 20, 22, 23, 70, 75 e 85

JUNTA DE FREGUESIA DA FALAGUEIRA/VENDA NOVA — 2.as, 4.as e 6.as.
— recibos da área 5, zonas 05 à 10, 87 à 90 e 94.

NA DELEGAÇÃO DESTA JUNTA NA VENDA NOVA — 3.as e 5.as.
Poderão ainda liquidar os recibos das zonas 01 à 04 e 64.

JUNTA DE FREGUESIA DA REBOLEIRA
— recibos da área 5, zonas 27 à 31, 45 à 47.

JUNTA DE FREGUESIA DA VENTEIRA
— recibos da área 5, zonas 21, 24 à 26.

Para evitar, que seja atribuído um consumo médio para o processamento seguinte, os S.M.O., aconselham, os Srs. Consumidores a enviarem a leitura feita ao contador através do postal de leitura, que é remetido juntamente com o ofício.

Os restantes consumidores são visitados pelo leitor-cobrador como é habitual.

Os S.M.O., agradecem a compreensão dos Srs. Consumidores para esta alteração.

Oeiras, 24 de Julho de 1987

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Isaltino Afonso de Morais

FALA BARATO

Director JOSE VILHENA

Distribuição INTERPRESS

Comandante-Geral da PSP exige três "bons" na função: material, pessoal e instalações

O comandante-geral da PSP, general Amílcar Morgado, afirmou ontem que para exercer a sua função, com integridade e isenção, a PSP precisade três coisas: bom material, bom pessoal e boas instalações.

Morgado falava para a Imprensa, durante a visita que efectuou ao comando distrital de Braga, com o objectivo de tomar contacto com as suas necessidades.

«As actuais instalações não são funcionais nem suficientemente dignas para exercer com dignidade a missão da PSP», acrescentou o comandante-geral, fazendo referência à precaridade de instalações em que este comando está instalado.

Num prazo que não se pode dizer breve, a PSP de Braga terá instalações condignas e capazes de acompanhar o progresso da cidade, segundo a opinião daquele responsável.

Dela comunga também o presidente da Câmara Municipal local, Mesquita Machado, que esteve na reunião e se prontificou a ceder terreno para a construção de um novo edifício, desde que a PSP indique a área desejada.

Falando sobre os elementos do comando de Braga, o general Amílcar Morgado disse serem «cumpridores das suas funções, com eficiência, dignidade e total isenção».

A informatização da Polícia foi outro tema abordado.

Morgado referiu a propósito que Braga já tem um computador ligado ao comando-geral que permite uma boa prestação de serviços, nomeadamente na consulta de matrículas, viaturas roubadas e controlo da posse de armas.

Após o almoço, junto de vários elementos da PSP de Braga e representantes da Comunicação Social, que decorreu na messe da corporação, o general Morgado visitou o Palácio Municipal dos Desportos de Braga, no que foi acompanhado pelo presidente do município local, tendo-se depois encontrado com o arcebispo primaz e o governador civil.

Seguiu-se uma visita ao posto da PSP de Famalicão, já no caminho de regresso ao Porto.

Fogo posto voltou a rondar a Ria Formosa

BOMBEIROS DE FORNOS DE ALGODRES ALVEJADOS A TIRO DE CAÇADEIRA

A provar as suspeitas e a confirmar os receios dos Bombeiros de Faro, as chamas reacenderam-se ontem à tarde nos lugares de Ludo e Gambelas, junto à reserva da Ria Formosa, numa acção que os «soldados da paz» classificam de fogo posto. Menos sorte tiveram os Voluntários de Fornos de Algodres que, ontem quando combatiam chamas de origem criminosa foram alvejados a tiro de caçadeira.

«Eram cerca das 22 horas, já estávamos na fase de rescaldo, quando fomos alvejados a tiro de caçadeira, felizmente sem consequências», relatou esta manhã ao «DL» o comandante-adjunto dos Bombeiros de Fornos de Algodres a propósito de um incidente ocorrido ontem à noite quando os «soldados da paz» combatiam as chamas que eclodiram em terrenos próximos do estaleiro das obras de construção da via-rápida Aveiro-Vilar Formoso.

«Chamámos de imediato a Guarda Nacional Republicana que deteve o indivíduo, e só depois é que continuámos as operações, tendo o incêndio sido extinto por volta da meia-noite», prosseguiu João Alberto.

Segundo o «DL» conseguiu apurar, ao meio da manhã de hoje o autor dos disparos, «um homem com cerca de 50 anos», ainda não tinha sido ouvido, não tendo sido ainda apurados os motivos do acto, e se foi ele o responsável pela eclosão do sinistro. «Há suspeitas de fogo posto», assinalou o comandante-adjunto dos Voluntários de Fornos de Algodres, sublinhando que «esta manhã temos lá uma viatura a combater um foco de incêndio, porque aquele mato é um bocado difícil de apagar».

Fogo voltou à Ria Formosa

Confirmando os receios ontem expressos por um porta-voz dos Bombeiros de Loulé ao «DL», segundo os quais o vento poderia reacender as chamas, o fogo voltou aos lugares de Ludo e Gambelas, ao princípio da tarde de ontem.

O sinistro, que havia sido dado como extinto durante a manhã, chegou a atingir grandes proporções, inclusivamente ameaçando a linha férrea.

Embora ao longo da tarde as chamas não tenham atingido as proporções verificadas no dia anterior, o combate ao fogo só terminou cerca das quatro horas da manhã de hoje, portanto 12 horas depois de se ter reacendido, e dos bombeiros de Faro e Loulé lhe terem dado combate, devastando uma zona considerada de pré-parque e ameaçando, mais uma vez, a reserva natural da Ria Formosa.

«Pensamos que a origem é criminosa, que se tratou de um fogo posto», declarou ao «DL» um informador dos Bombeiros de Faro.

E, se durante terça-feira, o segundo incêndio destruíu 10 hectares de pinheiros e matos, a área foi consideràvelmente alargada, embora os «soldados da paz» ainda não tenham os números definitivos. «Mas ardeu muita coisa», concluiu a mesma fonte.

Seara ardeu na Guarda

Uma seara foi ontem destruída por um incêndio que deflagrou na Quinta do Pombo, na periferia da Guarda. O fogo, cujas causas são ainda desconhecidas, foi controlado e dominado pelos Bombeiros da Guarda, auxiliados por populares.

Por outro lado, ontem de manhã deflagrou um incêndio de pequenas proporções nas proximidades de Seixo Amarelo, no concelho da Guarda, que foi também extinto pelos Voluntários de Gonçalo.

Entretanto, são já conhecidos alguns números das áreas ardidas pelos sinistros ocorridos no inicio da semana.

Assim, cerca de 50 hectares foram destruídos pelo fogo na Mata da Rachada, próximo de Gonçalo, dos quais 35 hectares eram de pinhal.

O fogo que foi combatido pelas corporações da Guarda, Manteigas, Sabugal, Belmonte e Gonçalo, auxiliadas por meios aéreos, terá sido posto.

Esta é a convicção dos «soldados da paz» tendo em conta o local onde as chamas deflagraram, e a configuração do incêndio, com focos isolados e vários e sucessivos reacendimentos.

Nas praias de Salgueiros, Aguda, Lavadores e Espinho

TLP instalam quatro telefones "balneares"

Uma equipa de técnicos especializados dos TLP Porto instala hoje nas praias de Salgueiros, Aguda, Lavadores e Espinho, quatro postos públicos digitalizados que permitem telefonar para todo o mundo — disse um responsável da empresa.

Oscar Azevedo, director do departamento de postos públicos, acrescentou que o projecto, da responsabilidade dos TLP Porto, contempla a montagem de mais 26 postos, que serão retirados logo que termine a época balnear.

O modelo escolhido — disse — é convencional e consta de uma coluna com perfil rectangular, na qual foi montado um nicho em plástico, de cor branca, que envolve parte do posto telefónico que é azul.

Estes novos postos permitem telefonar, através de moedas, para todo o mundo, e são montados e desmontados em menos de meia hora, sem causar grandes transtornos ou embaraços nas ruas.

«Satisfazer as necessidades dos habituais utentes que no período balnear se encontram de férias na praia e no campo é uma das razões apontadas pelos TLP para a instalação destes novos sistemas de comunicação» — disse ainda aquele responsável.

O projecto prevê a instalação na parte sul de quatro postos em Espinho, dois nas praias de Salgueiros, Madalena, Valadares, Aguda, e Granja, e um em Lavadores e Senhor da Pedra.

Na parte Norte, os TLP pretendem dotar a praia da Boa Nova com cinco, Labruge com dois, bem como a praia do Cabo do Mundo, da Memória, Agudela, Corgo e Frontão, e Angeiras com um cada.

Na cidade de Espinho, os TLP, após negociações com a autarquia, instalarão definitivamente três cabinas telefónicas, uma frente à estação da CP e duas em redor do casino local.

Oscar Azevedo disse ainda que os TLP pretendem também instalar na sua área de exploração, a partir de Setembro/Outubro, 35 caixas «credit-phone», que permitirão aos utentes telefonar para qualquer lado desde que munidos de um cartão-pré-comprado.

O telefone «balnear» dos TLP

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção Operacional de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/3081, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Coruche, de uma linha aérea a 30 KV com 222 metros, do poste n.º 7, da linha para o PT da Herdade da Agolada, ao PT n.º 1433 da Barragem da Agolada.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 24 de Julho de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

(Assinatura ilegível)

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção Operacional de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/3069, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Coruche, de uma linha aérea a 30 KV com 81 metros, do poste n.º 8, da linha para o PT da Fábrica de Processamento de Tabaqueira, EP ao PT n.º 1211 da Zona Industrial de Monte da Barca.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 24 de Julho de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

(Assinatura ilegível)

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção Operacional de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/3079, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Alcáçova, concelho de Elvas, de uma linha mista a 30 KV, com 329m, parte aérea com 239m, parte subterrânea com 90m, do poste n.º 8 da linha de interligação «poste n.º 360 da linha Portalegre — Elvas — poste n.º 1 da linha para o PT 26 — Caia» ao PT do Forte da Graça.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 24 de Julho de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

(Assinatura ilegível)

TERCEIRO CHOQUE PETROLÍFERO NÃO ESTÁ AINDA À VISTA

Possíveis obstáculos ao fornecimento de petróloeo no golfo Pérsico não deverão causar escassez imediata nos países industrailizados — garantiu hoje a Agência Internacional de Energia (AIE).

Os 24 membros da Organização para a Cooperação e o Desenvolviemento Económico (OCDE) estão melhor equipados para enfrentar problemas de fornecimento no golfo do que estavam nos anos 70, devido às reservas petrolíferas de companhias e governos e a uma invulgar capacidade de produção dentro e fora do golfo — salientou a agência.

«Estamos preocupados com a região do golfo na medida em que a OCDE depende em grande parte dos seus fornecimentos de petróleo» — observou um responsável da AIE, acrescentando: «No entanto, se houver problemas de abastecimento, estes não causarão uma escassez imediata».

«A situação é muito melhor do que na altura dos choques petrolíferos de 1973 e 1979 e estamos melhor colocados para enfrentar problemas de fornecimento» — frisou.

O golfo Pérsico fornece ao Japão cerca de 50 por cento das suas importações petrolíferas, 15 por cento ao Canadá e aos Estados Unidos e 25 por cento à Europa.

Crescentes tensões na região nas últimas semanas provocaram receios no mercado e os preços do petróleo têm-se mostrado voláteis.

Os preços do «Brent» do mar do Norte subiram no princípio desta semana um dólar por barril, atingindo cerca de 21 dólares, antes de estabilizarem a cerca de 20 dólares.

No entanto, a AIE crê que estes receios não reflectem a realidade uma vez que o petróleo está a passar pelo golfo sem problemas e mais deverá ser canalizado através dos oleodutos locais.

Dados da AIE mostram que a OCDE, que consumiu 34 milhões de barris por dia no segundo trimestre de 1987, recebeu 20 por cento do seu petróleo do golfo Pérsico.

Da parte dos consumidores, os EUA reduziram quase totalmente o petróleo que recebem do estreito de Ormuz, o qual representa apenas 5 por cento das suas reservas.

A situação não é tão boa para a Europa (25 por cento) e principalmente para o Japão, com uma dependência de petróleo do Golfo na ordem dos 65 a 70 por cento.

Alternativas ao estreito de Ormuz

De um total de 9,5 milhões de barris por dia de exportações petrolíferas oriundas do Golfo, no segundo trimestre de 1987, 7,4 milhões passaram pelo estreito de Ormuz e 2,1 milhões através de oleodutos ligados aos mares Vermelho e Mediterrâneo.

A AIE referiu que, se o estreito de Ormuz for bloqueado, a capacidade por terra pode ser aumentada em 500 000 barris por dia, através de um novo oleoduto iraquiano ligado à Túrquia e em dois milhões pelo oleoduto saudita-irquiano de Yanbu, ligado ao mar Vermelho.

Cerca de 5,5 milhões de barris por dia poderão ainda ser fornecidos por produtores do Golfo e dois a três milhões por produtores fora do Golfo, como o México, a Malásia, a Nigéria e a Venezuela – salientou a AIE.

Companhias petorlíferas e governos da CEE possuem também cerca de 3000 milhões de toneladas de reservas de «crude» que podem minorar possíveis problemas de abastecimento.

Responsáveis da agência relembraram que em 1973 não havia reservas governamentais e que em 1979 havia apenas 23 milhões de toneladas.

Peritos da Comissão Europeia manifestaram uma posição semelhate à da AIE ao afirmarem que as tensões no Golfo só causaram ligeiras variações no preço do petróleo e que a hipótese de encerramento do estreito de Ormuz não deverá ter influência significativa nas reservas petorlíferas mundiais.

Os preços do «crude» no mercado «spot» deverão manter-se até ao final do ano entre 18 e 20 dólares e não se prevê nenhuma escassez – salientaram os peritos.

Não há sinais de «choque petrolífero»

Analistas em Londres comentaram também que a subida dos preços do petróleo registada após a morte de peregrinos iranianos em Meca (Arábia Saudita) e as ameaças de represálias por parte de Teerão não são sinais de um novo «choque petrolífero».

Os países ocidentais não correm o risco de uma subida brutal dos preços, como aconteceu em 1973 e 1979, que provocou duas recessões, uma vez que actualmente existe uma superabundância de petróleo bruto à escala mundial — observaram os analistas londrinos «E. D. and F. Man».

A produção actual da OPEP, com 18,2 a 18,5 milhões de barris por dia, ultrapassa largamente o «plafond» global previsto pela organização para os dois últimos trimestres de 1987 (16,6 milhões de barris/dia), pois o Iraque e os Emirados Árabes Unidos aumentaram a sua produção, unilateralmente, referiram os analistas.

Os países europeus dispõem de quatro meses de reservas de produtos petrolíferos, enquanto os Estados Unido têm vindo a tentar desde há algum tempo limitar a sua dependência de crude do Golfo, importando, nomeadamente, petróleo mexicano.

No caso do encerramento do Estreito de Ormuz, os países mais lesados seriam os produtores, em particular o Irão que precisa de escoar por aquela via toda a sua produção petrolífera indispensável ao seu esforço de guerra.

O Kuwait e a Arábia Saudita têm uma solução parcial: A exportação de petróleo por um oleoduto que atravessa o país do rei Fahd até ao porto de Yanbu, no Mar Varmelho.

O Iraque espera retirar a segunda posição ao Irão dentro da OPEP, depois da Arábia Saudita, fazendo aumentar a sua produção para 2,5 milhões de barris/dia contra dois milhões actualmente.

Petrogal continua atenta

Os preços dos derivados do petróleo só serão aumentados em Portugal se o preço do «crude» nos mercados internacionais tiver um aumento considerável e persistente — disse ontem à Lusa uma fonte da Petrogal.

A única empresa do País que refina ramas continua a seguir com atenção a evolução do preço do «crude» nos mercados internacionais, sendo de notar que ele registou ontem uma ligeira quebra, depois de ter passado no início da semana os 22 dólares o barril.

Segundo disse uma fonte da empresa, «sabe-se que não é a Petrogal a decretar directamente o preço dos derivados do petróleo, gasolinas, gasóleos, lubrificantes, etc.... essa tarefa cabe ao Governo, mas o encarecimento da matéria-prima terá inevitavelmente reflexos em Portugal a médio e longo prazo, se os aumentos forem consideráveis e persistentes».

O petróleo «Brent» do mar do Norte baixou ontem no mercado efectivo para 20,30 dólares o barril (distribuição em Setembro) contra 20,40 dólares na terça-feira.

Em Tóquio, o preço do barril do petróleo desceu 30 cêntimos, à medida que os mercados põem de parte receios de problemas de abastecimento no Médio Oriente, e começam a dar mais atenção às notícias de aumento de produção.

Honda e General Motors reparam carros com defeito

A Honda e a General Motors aconselharam os seus concessionários em todo o mundo a efectuarem reparações em vários dos seus automóveis devido a peças defeituosas, mas nenhum dos modelos com problemas é comercializado em Portugal.

A Honda ordenou a reparação de 27 000 automóveis dos modelos «Prelude», «Accord» e «Vigor», vendidos desde Junho, para corrigir uma válvula de refrigeração de ar defeituosa.

O representante da Honda em Lisboa disse à Lusa ter recebido informações do Japão naquele sentido apenas referentes ao modelo «Prelude 88», mas salientou que esta versão só começará a ser vendida em Portugal a partir de Janeiro de 1988 e nessa altura o defeito já estará corrigido.

A Honda é o maior fabricante mundial de motorizadas e o terceiro construtor automóvel do Japão, depois da Toyota e da Nissan.

Também a General Motors, o maior construtor automóvel dos Estados Unidos, ordenou a reparação de cerca de meio milhão de carros vendidos em 1982 para corrigir problemas nos tubos de escape.

Os modelos defeituosos são os «Chevrolet Impala», «Caprice Classic», «Camero», «Malibu Classic», «Monte Carlo», «El Camino», «Pontiac Firebird» e «GM Caballero», vendidos em 1982, mas não comercializados em Portugal.

FESTRU analisou resultados eleitorais

A Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários Urbanos (FESTRU) apontou, como causa essencial dos resultados eleitorais de 19 de Julho, «o intenso controlo de alguns órgãos de Comunicação Social e do aparelho de Estado por parte do Governo, a falta de convergência das forças democráticas e as excelentes condições da conjuntura económica internacional que deram a Cavaco Silva a possibilidade de distribuir benesses e assim influenciar o voto de muitos milhares de portugueses que nada têm a ver com o PSD».

Esta posição foi assumida ontem, em reunião do Conselho Nacional da FESTRU dedicada à análise da «situação decorrente das eleições e das suas incidências no sector dos transportes».

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$55	56$55
ALEMANHA FED. (marco)	77$30	78$50
ÁUSTRIA (xelim)	10$95	11$15
BÉLGICA (franco)	3$528	3$778
BRASIL (cruzado)	2$10	3$60
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	109$80	112$30
(notas de 5 a 1000)	110$30	112$80
DINAMARCA (coroa)	20$35	20$75
ESPANHA (peseta)	1$109	1$229
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	145$65	149$15
(notas de 5 a 1000)	146$15	149$65
FINLÂNDIA (marka)	31$90	32$50
FRANÇA (franco)	23$20	23$90
HOLANDA (florim)	68$65	69$75
IRLANDA (libra)	208$25	212$25
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$921	$976
NORUEGA (coroa)	21$20	21$70
REINO UNIDO (libra)	230$40	234$90
SUÉCIA (coroa)	22$20	22$70
SUIÇA (franco)	93$30	94$80
VENEZUELA (bolívar)	4$40	5$40

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Para alguns bancos comerciais

Depósitos a prazo no Banco de Portugal

Os bancos sujeitos a limites na expansão do crédito vão poder remunerar melhor os seus recursos, através da criação de depósitos a prazo no Banco de Portugal, indica um documento do Banco Central a que a Lusa teve hoje acesso.

Com o mesmo objectivo vão ainda ser criados Títulos de Intervenção Monetária (TIM), um novo produto financeiro, bem como operações de aquisição de liquidez por prazos de sete dias ou inferiores, e eliminadas as operações de recompra antecipada no Mercado Interbancário de Títulos.

O conjunto destas medidas, que entrará em vigor a 17 de Agosto, está contemplado numa nota do Banco de Portugal, enviada a todos os bancos que operam no mercado português e subordinada ao título «Transformação do Mercado Interbancário de Títulos».

Esta transformação, refere a nota, passa pela criação de depósitos a prazo das instituições de crédito no Banco de Portugal, que serão constituídos/emitidos a 82 dias, vencendo juros a taxa fixa. No entanto, só as instituições de crédito sujeitas a limites à expansão do crédito poderão constituir estes depósitos.

Os Títulos de Intervenção Monetária (TIM) podem ser negociados em mercado secundário entre as mesmas instituições, mas essa negociação não tem qualquer efeito secundário sobre os «plafonds» atribuídos às instituições de crédito nem afecta a capacidade de «subscrição primária» das instituições adquirentes.

Soldados indianos estacionados no Sri Lanka olham para um amontoado de armas abandonadas após a rendição dos guerrilheiros tamil ontem inciada na sequência do plano de paz assinado entre aquele país e a Índia

Uma ceia para 450 pessoas no ambiente do fim do reinado de Felipe II (século XVI), com talher, música e trajes da época, vai ter lugar em Setembro num castelo de Madrid em benefício dos doentes da SIDA. Os 450 lugares serão vendidos em leilão nos próximos dias num hotel de Marbella, e as receitas reverterão para a construção de uma residência destinada às vitimas do Sindroma de Imunodeficiência Adquirida. O projecto é liderado pelo historiador António Luis Ansorena, secretário-geral do Comité Anti-SIDA de Madrid, e a ideia surgiu através da recuperação de dois exemplares únicos da primeira edição (1599) do livro «Arte e Cozinha» de Diego Granada. A ementa da ceia baseia-se em receitas extraídas deste livro e 50.000 flores naturais serão utilizadas nos arranjos florais.

Milhares de jovens pacifistas simulam,em Hir provocados pela bomba atómica que há 42 anos foi lar Unidos sobre aquela cidade. O primeiro-ministro japo decisão do seu país de manter a actual Constituição que posse e recepção de armas nucleares

Grécia: espera-se nova vaga de calor

Duas semanas após uma vaga de calor sem precedentes que provocou mais de 900 vítimas, o centro meteorológico de Atenas prevê para o próximo fim-de-semana uma segunda onda de calor com temperaturas da ordem dos 43 graus. «Esperamos uma elevada subida da temperatura no sábado, mas a vaga de calor será menos prolongada do que a última — apenas quatro dias», declarou um funcionário do centro meteorológico que exigiu o anonimato. O Ministério grego da Saúde anunciou medidas de emergência para evitar que se repitam os mesmos problemas surgidos de 20 a 28 de Julho devido à falta de ar condicionado nos hospitais, que causou a morte de dezenas de pessoas. Um comunicado do ministério refere que, nos póximos dias, as unidades hospitalares serão equipadas com carregamentos de gêlo, ventoinhas e ar condicionado. Quando as temperaturas se aproximarem dos 40 graus centígrados, os hospitais especializados e as clínicas militares entrarão em regime de serviço permanente. O comunicado adianta que será lançado um apelo aos médicos que estão de férias para que regressem aos seus postos de trabalho. Os bombeiros e a Polícia receberam instruções para colaborarem com as autoridaes sanitárias, enquanto a Igreja ortodoxa concordou em realizar funerais durante o fim-de-semana.

Prisão de opositores no Panamá

As autoridades judiciais do Panamá ordenaram quarta-feira a detenção de seis dirigentes da Cruzada Civilista, organização opositora, acusados de integrarem um «plano subversivo para desestabilizar o país». Os acusados, Aurelio Barria, Gilbert Mallol, Roberto Brenes, Eduardo Vallarino, Rafael Zuniga e Raul Mandez, são qualificados como «autores e promotores de planos subversivos» contra o Governo, informou o juiz Mario Ballesteros encarregado da investigação. Um funcionário governamental disse que as provas contra os opositores foram encontradas terça-feira na sede da Câmara de Comércio, onde eram coordenadas as actividades da Cruzada. Até ao momento não se verificou ainda qualquer das detenções ordenadas, e os familiares dos visados afirmam que «eles estão em lugar seguro».

Tártaros manifestaram-se em Moscovo

O grupo de tártaros da Crimeia, que durante as duas últimas semanas se manifestou na Praça Vermelha, abandonou já a capital soviética, afirmou quarta-feira um porta-voz do Departamento dos Assuntos Internos. O grupo, que em princípio era integrado por 200 pessoas, foi crescendo dia a dia até conseguir juntar 800 manifestantes em frente das muralhas do Kremlin, na Praça Vermelha. Depois das advertências feitas pelas autoridades municipais moscovitas, a Polícia interveio e o grupo ficou substancialmente reduzido e foi concentrar-se no parque de Ismaizlovo, nos arredores da capital. Este grupo de tártaros veio de diversos pontos do território soviético para solicitar ao governo de Moscovo o seu regresso ao lugar de origem, a Crimeia, na República da Ucrânia, de onde foram deportados de forma massiva em 1944 por José Estaline, sob a acusação de colaboração com o Exército nazi. Os manifestantes foram recebidos no dia 27 de Julho pelo presidente do Presidium do Soviete Supremo, Andrei Gromyko, que lidera uma comissão especial criada para estudar o problema.

Proposto por Ortega em resposta a um plano de Reagan

ESTADOS UNIDOS RECUSAM DIÁLOGO COM A NICARÁGUA

Os Estados Unidos rejeitaram um apelo do presidente nicaraguense, Daniel Ortega, para a realização de conversações imediatas e incondicionais entre Washington e Manágua que respondia a um nova «proposta de paz» norte-americana, sobre a qual a Nicarágua aceitou negociar.

O secretário de Estado adjunto norte-americano Elliott Abrams acusou Ortega de tentar atrasar o plano de paz subscrito pelo prsidente Ronald Reagan, ao fazer apelo a conversacões entre os EUA e a Nicarágua, antes de todos os lideres da América Central se debruçarem sobre o plano.

Abrams disse que o governo sandinista da Nicarágua e os rebeldes nicaraguenses deverão primeiro alcançar um cessar-fogo, à luz da proposta dos EUA, e só depois se iniciariam negociações.

Este novo capítulo das relações entre Washington e Manágua está contudo marcado por contradições.

Na verdade, um porta-voz oficial da Casa Branca dissera à agência EFE que a administração norte-americana encarara com optimismo a declaração feita quinta-feira pelo presidente nicaraguense.«Estamos optimistas pela opinião positiva do presidente Ortega no que respeita ao nosso plano», acrescentou.

Por outro lado, em Manágua, a proposta de Reagan suscitou reacções contrárias. O ministro nicaraguense dos Negócios Estrangeiros, Miguel D Escoto, afirmava ontem que o governo de Manágua considerava a inciativa de paz dos Estados Unidos como «uma nova manobra publicitária». O ministro pôs ainda de parte a possibilidade de conversações directas entre Manágua e Washington.

No entanto, no mesmo dia, o presidente Daniel Ortega afirma que o governo nicaraguense aceitou o diálogo «imediato» e «sem condições» com a admnistração dos Estados Unidos a fim de discutir a proposta apersentada por Washington sobre a situação na América Central.

Ortega informou que a Nicarágua está disposta a dialogar com o governo dos EUA e disse que as conversações podem ser realizadas em Manágua, Washington ou num terceiro país.

O plano de Reagan

O plano para a América Central foi divulgado pouco

Na Cidade do Cabo

Delegação moçambicana começa hoje conversações com " Pik " Botha

Uma delegação governamental moçambicana desloca-se hoje à cidade do Cabo para debater, com o ministro sul-aficano dos Negócios Estrangeiros, as acusações de responsabilidade de Pretória no massacre de Homoine, disse umafonte oficial.

A delegação moçambicana, chefiada pelo ministro da Cooperação, Jacinto Veloso, vai reunir-se com «Pik» Bortha, respondendo ao convite que o MNE sul-africano dirigiu ao goveno de Maputo no passado fim-de=semana.

Momentos antes de partir para a cidade do Cabo, Jacinto Veloso afirmou que a delegaçaõ moçambicana «tem por missão essencial verificar com o governo sul-africano se existem condições para a retomada do diálogo e para o estabelecimento de mecanismnos práticos de análise e solução dos problemas que impedem o cumprimento do acordo de Nkomati».

Esta será a primeira vez que Mocambique discutirá questões de segurança com a África do Sul desde que, em 1985, abandonou a conmissão de segurança conjunta, na sequência da descoberta, na base da Renamo na Gorongosa, de documentos indicando violação do acordo de Nkomati por parte de Pretória.

O encontro de hoje é ,aliás, visto por analistas políticos como uma «última tentativa desesperada» para salvar aquele acordo de não agressão, assinado entre os dois governos em Março de 1984.

As autoridades de Pretória têm desmentido as acusações de Maputo que lhes atribuiu repsonsabilidades pelo pior massacre ocorrido em Moçambique nos últimos dez anos, em que foram mortas 388 pessoas.

Homem de 30 anos f no Pentágono e éal

Um guarda do Pentágono alvejou um intruso que exibiu uma arma para no edifício, onde pretendia, segundo seis», revelaram fontes da defesa.

As mesmas fontes acrescentaram um posto de segurança sob a ameaça chegado a entrar no edifício.

O Bureau Federal de Investigação morto como Dwain Wallace, de 30 ar gstown, Ohio. Wallace foi levado er o Hospital Ortopédico Nacional, situ do Pentágono, onde viria a morrer meia depois de aí ter dado entrada.

Dwain Wallace apresentava um ún cado por uma bala, tendo sido alve acesso aos gabinetes dos chefes dos fere um comunicado do Departamento

No mesmo texto descreve-se Walla problemas mentais e diz-se que ele submetido a tratamento psiquiátrico.

No momento em que Wallace pret plexo do Pentágono, encontravam-se cio o secretário de Estado da Defesa, e o secretário de Estado George Shultz encontro privado.

...em Hiroshima, os mortos ...os foi lançada pelos Estados ...tro japonês reiterou a firme ...ição que proibe a produção,

...GO

...antes da realização, quinta-feiram da cimeira dos lideres da região, na Guatemala. Nessa proposta afirma-se que Washington deixaria de ajudar militarmente os «contras» se a Nicarágua aceitar um cessar-fogo e iniciar reformas democráticas.

O plano de Reagan foi aprovado pelos lideres do Congresso norte-anericannp e concede ao governo nicaraguense um prazo até 30 de Setembro para o termo das negociações e solicita o cumprimento dos requesitos exigidos a fim de cessar a ajuda norte-americana aos rebeldes anti-sandinistas.

...nos força entrada ...e é abatido a tiro

...o alvejou ontem mortalmente ...arma para forçar a sua entrada ...segundo disse, «discutir mís... ...efesa norte-americana.
...enatarm que o homem passou ...a ameaça de um pistola, tendo ...
...estigação (FBI) identificou o ..., de 30 anos, natural de Youn... ...levado em estado crítico para ...onal, situado nas proximidades ...morrer cerca de duas horas e ...ntrada.
...va um único ferimento provo... ...sido alvejado na área que dá ...efes dos Estados Maiores, re... ...artamento de Defesa.
...-se Wallace como aparentando ...e que ele fora anteriormente ...uiátrico.
...llace pretendia entrar no com... ...travam-se no interior do edifí... ...a Defesa, Caspar Weinberger, ...rge Shultz, que mantinham um

Enquanto EUA anunciam reforço da sua esquadra

Teerão poderá ter oferecido ao Kuwait o fim das hostilidades no Golfo

O governo iraniano teria oferecido secretamente ao Kuwait o fim das hostilidades no Golfo Pérsico sob a condição de os seus petroleiros não navegarem mais sob pavilhão norte-amreca-no, informa hoje o diário britânico «The Independent». Esta notícia surge numa altura em que os Estados Unidos anunciam o reforço da sua esquadra naval na região e em que Teerão resolve prolongar por mais um dia as suas manobras navais no Golfo.

O «The Independent« acrescenta na sua edição de hoje que uma delegacão iraniana viajou esta semana para o Kuwait a fim de apresentar a oferta que se baseia na recusa iraniana de «uma confrontação directa com os Estados Unidos» por temer a destruição das suas bases militares e assim aumentar o perigo de «um ataque iraquiano de grandes dimensões».

Segundo o jornal, que cita fontes da delegação de Teerão, o Irãoo comprometer-se-ia a não atacar barcos sob pavilhão do Kuwait.

O Pentágono anunciou, entretanto, que os Estados Unidos reforçaram hoje a sua presença no Golfo, com o envio de helicópteros draga-minas e lanchas rápidas.

As mesmas fontes confirmaram assim a notícia da partida da Carolina do Sul do barcode transporte anfíbio «Raleigh» que leva lanchas rápidas para serem utilizadas por comandos anti-terroristas.

No Golfo continuam, por outro lado, as manobras navais iranianas que foram agora prolongadas até sexta-feira. Segundo a agência iraniana IRNA, o Irão exprimentou «com êxito» o primeiro submarino de fabrico nacional e disparou mísseis verdadeiros contra «objectivos hipotéticos».

Teerão anunciara ontem que os mísseis estão dirigidos para navios do Golfo, e que estes se tornarão alvos potenciais caso as suas forças sejam atacadas durante a execução dos exercicios navais iniciados na terça-feira.

Fontes da navegação adiantaram, contudo, que o tráfego maritino no Golfo está a decorrer normalmente apesar das ameaças iranianas contra os Estados Unidos e os seus aliados na região.

EUA querem mais cooperação

Os Estados Unidos e os seus aliados europeus estão a fazer progressos no acordo para implementar um esforço militar coordenado para responder às ameaças iranianas no Golfo, disseram ontem funcionários da administração norte-americana.

As mesmas fontes disseram que a admnistração Reagan propôs aos aliados um estabelecimento de uma froça conjunta no Golfo para neutarlizar minas, partilhar informações e desenvolver a cooperação entre os barcos dos EUA, França e Grã-Bretanha.

A primeiro-ministro britânica rejeitou, na passada sexta-feira, um pedido norte-americano de assistência na dragagem de minas, mas na quarta-feira fontes do governo britânico disseram que se espera que Margaret Thatcher reveja a sua posição.

A Alemanha Federal reiterou, contudo, a sua recusa em enviar draga-minas para o Golfo, após o chanceler Helmut Kohl ter conferenciado na sua residência de Verão com o conselheiro de Segurança Nacional norte-americano, Frank Carluccxi, que se deslocou à Europa para discutir os problemas do Golfo e as negociações sobre controlo de armas.

Entretanto, porta-vozes da CEE afirmaram em Bruxelas que um hipotético encerramebnto do Estreito de Ormuz não afectaria significativamente as iimportações de petróleo da Comunidade Europeia, cujas importações do Golfo foram o ano passado 35 por cento do total. Os porta-vozes adiantaaram, contudo, que os preços do crude poderiam atingir valores extraodinariamente elevados, devido ao caracter especulativo do mercado petrolifero e à volatilidade das cotações do meracado disponível.

Mais navios atacados

O número de ataques contra navios mercantes no Golfo Pérsico quase duplicou nos últimos doze meses em relação ao período de 12 meses anterior: de 118 contra 67.

Os dados foram hoje revelados pela «LLoyd s List», publicação da companhia de seguros com o mesmo nome.

Desde o principio do ano foram mortos 47 marinheiros, elevando para 212 o número total dos que morreram desde que começaram as hostilidades entre o Irão e o Iraque, há quase sete anos.

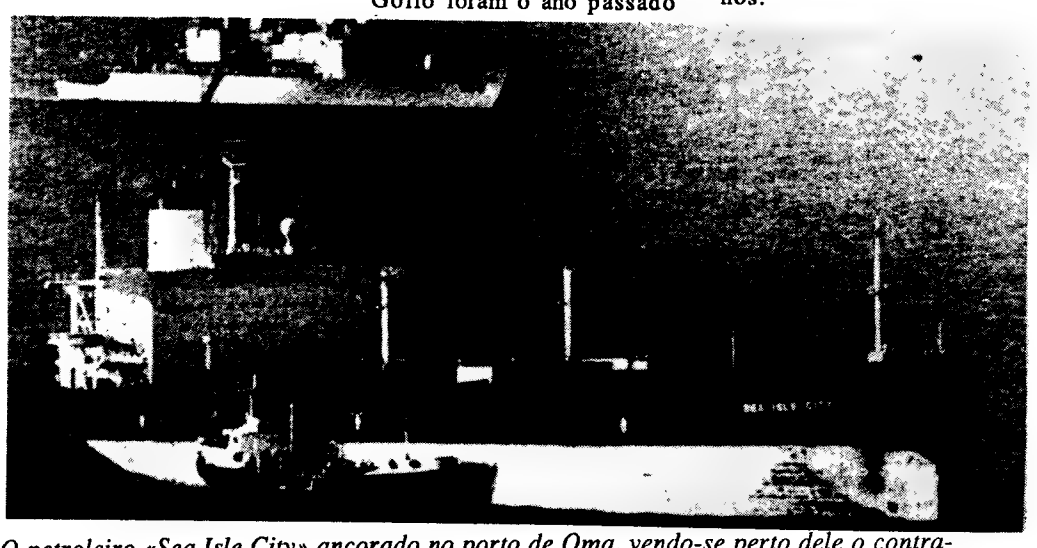
A marinha mais atingida foi a do Irão, Os barcos com pavilhão panamiano e liberiano seguem-se na lista dos mais atacdos.

Prisioneiros de guerra

Desde o inicio da guerra do Golfo, 40.000 soldados iranianos foram aprisionados pelo Iraque ou desaparecearam, disse ontem a rádio Teerão.

Esta emissora disse que o Irão libertará 100 prisioneiros iraquianos inválidos de guerra e espera que o Comité Internacional da Cruz Vermelha obtenha o mesmo do Iraque, em relação a prisioneiros iranianos.

O rei Fahd da Arábia Saudita exortou,entretanto, o Irão a aceitar uma resolução das Nações Unidas destinada a impelementar um cessar-fogo na guerra com o Iraque. O seu depoimento foi lido numa reunião de chefes das delegações dos peregrinos dos Estados muçulmanos que participaram nas cerimónias de Meca, este ano ensoambradas pelos confrontos da passada sexta-feira nos quais morreram mais de 400 pessoas, na maior parte iranianos.



O petroleiro «Sea Isle City» ancorado no porto de Oma, vendo-se perto dele o contratorpedeiro norte-americano «Kelly»

24 HORAS

Euromísseis: acordo para breve

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, afirmou ontem que o seu país e os Estados Unidos estão prestes a alcançar um acordo sobre a eliminação de mísseis nucleares de médio alcance. «Está quase concluído um acordo sobre mnísseis de médio alcance e mísseis táctico-operacionais», afirmou Shevardnadze à sua chegada a Genebra. Acrescentou existirem alguns problemas nas negociações sobre forças nucleares de alcance intermédio, mas adiantou: «não são insuperáveis».

Explosão de gás mata dois em Madrid

Duas pessoas morreram e 18 ficaram feridas devido a uma explosão de gás de cidade registada na madrugada de hoje num bairro de Madrid, anunciou a Polícia Municipal. A explosão verificou-se pouco depois das 6 horas locais (5 em Lisboa), num prédio de quatro andares do bairro industrial de Villaverde Alto. Os feridos, três dos quais estão internados em estado grave, foram conduzidos para um centro hospitalar próximo.

Luanda apresenta proposta a Washington

O governo angolano apresentou ontem aos Estados Unidos uma «proposta de acordo global», segundo nota do Ministério dos Negócios Estrangeiros distribuída em Luanda, que não revela pormenores. A proposta visa «a aceleração da implementação da resolução 435/78 do Conselho de Segurança das Nações Unidas» e «o restabeleciemento de uma paz duradoura na África Austral», diz a nota. Segundo o Ministério dos Negócios Estrangeiros, a proposta obedeceu ao desejo do governo angolano de «dar a sua contribuição construtiva na procura de uma solução negociada para os problemas que afectam a África Austral, inspirado no princípio da flexibilidade demonstrada aquando da apresentação da plataforma de 1984 onde se propõe a redução gradual das tropas cubanas em Angola, visando um acordo quadripartido entre este país, África do Sul, Cuba e o movimento guerrilheiro namibiano SWAPO (Organização Popular do Sudoeste Africano).

Campuchea:URSS apela a solução política

A União Soviética e a Malásia apelaram ontem, através de um comunicado conjunto, a um acordo político urgente para o conflito no Campuchea em que serão tidos em conta os interesses das partes envolvidas. O comunicado foi divulgado pela agência noticiosa TASS, ao mesmo tempo que o primeiro-ministro da Malásia, Mahathir Mohamad, deixava a União Soviética após uma visita de oito dias àquele país. «Ambas as partes partilham a opinião de que é urgente resolver os problemas do Campuchea através de meios políticos e pela via das conversações», refere o documento, sublinhando «a necessidade de procurar maneiras de resolver o problema tendo em conta os interesses das partes envolvidas».

Yves Montand apoia cristãos no Líbano

O actor e cantor francês Yves Montand desloca-se ao Líbano na próxima semana numa missão destinada a auxiliar os refugiados cristãos libaneses, revelou ontem o arcebispo de Lyon, Albert Decourtray. O arcebispo declarou aos jornalistas que tanto ele como Yves Montand partirão para Beirute a bordo de um avião que transportará medicamentos oferecidos pelos cristãos franceses aos cristãos libaneses. «Decidimos fazer esta viagem para atrair a atenção mundial para a luta dos refugiados cristãos no Líbano», adiantou o arcebispo francês.

Atentados em Santiago do Chile

Quatro engenhos explosivos rebentaram quarta-feira à noite em vários pontos da capital chilena, anunciaram fontes policiais citadas pela agência governamental «ORBE». As explosões não provocaram vítimas, mas os estragos em imóveis públicos e privados são consideráveis segundo a mesma fonte. Os engenhos foram activados na zona oeste de Santiago, afectando um local comercial e um autocarro, uma sucursal da companhia de telefones e um centro de vacinas. Até ao momento nenhum grupo ou movimento reivindicou a autoria destes atentados.

Francisco Félix "apontou" para Seul

Francisco Félix tornou-se vice-campeão da Europa em tiro, modalidade fosso olímpico, ao obter a 2.ª posição no campeonato da Europa que se disputou em Lahti, Finlândia.

Francisco Félix, que assim conseguiu o apuramento para os Jogos Olímpicos de Seul, totalizou 193/200 (+23) contra 194/200 (+23) do vencedor, Damme, da RFA, vice-campeão mundial em 1986.

Com este resultado, Portugal conseguiu mais um lugar entre os 40 atiradores que disputarão os Jogos Olímpicos de 1988.

Hélder Cavaco foi 16.º classificado com 186/200 e por equipas venceu a Itália tendo Portugal conseguido a 5.ª posição.

Participaram, no Europeu, 70 atiradores em representação de 28 países.

Egipto lidera jogos Pan-Africanos

O Egipto lidera a classificação, por medalhas conquistadas, dos Jogos Pan-Africanos a decorrerem em Nairobi, no Quénia, e que hoje entram no 6.º dia consecutivo de competições.

O quadro de medalhas no final da quarta jornada era o seguinte:

PAÍS	Ouro	Prata	Bronze	Total
Egipto	13	5	5	23
Tunísia	6	6	3	15
Senegal	2	0	1	3
Argélia	1	4	6	11
Quénia	0	3	1	4
Madagáscar ...	0	1	1	2
Zimbabwe	0	1	1	2
Nigéria	0	1	0	1
Etiópia	0	1	0	1
Camarões	0	0	3	3

Colectividades

Farense: direcção entra em funções

Uma nova e eventual crise no Farense tem que ser evitada, referiu hoje o presidente da Assembleia Geral do clube no acto de posse da direcção eleita pela assembleia em 27 de Julho passado.

Cabrita Neto exortou os novos dirigentes a encararem o futuro com «calma, força e determinação» para vencerem o «grande desafio» que os espera, «porque todos, agora, estarão com os olhos postos no Sporting Clube Farense, após a grave crise que atravessámos».

O presidente da assembleia geral do Farense lembrou a necessidade de rever, com urgência, os estatutos da colectividade, **caducos e atrasados,** adaptando-os à realidade actual do clube e focou ainda o **problema administrativo-financeiro que tem que ter um mínimo de coordenação e de contas em dia, para que não hajam mais dúvidas.**

O presidente da direcção, Fernando Barata, considerou que a responsabilidade directiva aumentou, estando «a cidade, o distrito e mesmo o País, à espera dos nossos deslizes», mas, garantiu, «nós não pensamos falhar».

De salientar ainda que o antigo árbitro internacional Joaquim Campos se mantém no departamento de futebol, como profissional administrativo.

MUNICÍPO DE LISBOA

AVISO

Avisam-se todos os interessados, que no próximo dia 19 de Agosto de 1987, pelas 15 horas, se realizará no Pavilhão Carlos Lopes (antigo Pavilhão dos Desportos) ao Parque Eduardo VII, a praça para arrematação de locais de venda na Feira da Luz, que terá a duração de 29 dias, que vai de 30 de Agosto a 27 de Setembro.

Para mais esclarecimentos, deverão os interessados contactar a Direcção dos Serviços de Abastecimento, na Rua do Machadinho, n.º 20.

Lisboa, 1987/07/24

O director dos Serviços de Abastecimento
Rómulo Figueiredo

OUTERELO, LIMITADA

Certifico para efeitos de publicação que me foi apresentado o livro de actas da Assembleia Geral da sociedade comercial por quotas, com a firma em epígrafe, que tem a sua sede na Rua Nova do Almada, n.º 45-A, em Lisboa, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 31 596, com o capital social de 6000$00, titular do cartão de identificação de pessoa colectiva n.º 500917558, no qual se encontra exarada uma acta com o n.º 8, lavrada de folha 3 a folha 4 em que foi deliberado eleger como gerente o sócio José Lopez Henriques Outerelo da Costa.

Está conforme ao original.
1.º Cartório Notarial de Lisboa, aos 17 de Julho de 1987.

O Ajudante

Alberto Vila Rodrigues

«DL» 6/8/87

Atletismo: presença lusa na Corunha

JOSÉ REGALO E GÉMEOS CASTRO "APTOS" PARA OS "MUNDIAIS" DE ROMA

Os portugueses José Regalo, Dionísio Castro e Domingos Castro classificaram-se respectivamente, em 3.º, 4.º e 5.º lugares, na prova dos 5000 metros da reunião internacional de atletismo da Corunha, ganha pelo recordista mundial, o marroquino Said Aouita, no tempo de 13.21,05 minutos.

Os três fundistas portugueses conseguiram o seu objectivo principal, que era fazer menos de 13.25 minutos, o tempo mínimo «A» para o próximo campeonato do Mundo, que terá lugar em Roma na última semana do corrente mês.

José Regalo, já recordista de Portugal dos 3000 metros obstáculos, fez agora na Corunha o melhor tempo português do ano nos 5000 metros, ao ser cronometrado com 13.22,09 minutos.

Domingos Castro foi 5.º com 13.23,06 e o seu irmão gémeo Domingos Castro somou 13.23,09 minutos.

O segundo a cortar a meta foi Steve Ovett, da Grã-Bretanha, com 13.22,08 minutos.

No sector feminino, a portuguesa Teresa Oliveira classifico-se também em 2.º lugar na prova dos 400 metros planos, com o tempo de 57 segundos, contra os 54.71 segundos feitos pela vencedora, a espanhola Esther Laoz.

No disco, Elisa Costa atirou o engenho a 46,24 metros e obteve a segunda posição, enquanto a vencedora, a espanhola Angeles Barreiro, conseguia 52,72 metros.

Juvenal Ribeiro e Henrique Crisóstomo classificaram-se respectivamente, em 2.º e 4.º lugares, na prova dos 10 000 metros, que teve como vencedor o norte-americano Mark Nenon, que fez o tempo de 27.51,16 minutos, tendo Juvenal Ribeiro sido cronometrado com 28.30,51 e Henrique Crisóstomo, 28.53,31.

Imortal vai reforçar-se

O técnico do atleta Ezequiel Canário, Lara Ramos, revelou que a secção de atletismo do Imortal de Albufeira vai ser reforçada para a próxima época com «nomes sonantes».

Para Lara Ramos, o clube algarvio tem estado a respeitar os termos contratuais firmados com os atletas «apesar de às vezes se registarem alguns atrasos. Somos uma grande família e nunca tivemos problemas».

O técnico de Ezequiel Canário revelou que até ao próximo dia 15 serão dadas «as grandes novidades» para a próxima época em termos de Imortal de Albufeira.

Entretanto, está marcada para 24 de Janeiro mais uma edição do Cross Internacional das Amendoeiras que terá como cenário a nova pista de relvado da Aldeia das Açoteias.

«Reunião» de Oslo

O tempo conseguido pelo britânico Steve Cram nos 1500 metros, 3.32.93 minutos, constituiu um dos poucos momentos altos da reunião internacional de atletismo que teve lugar em Oslo.

Cram, ex-recordista mundial da distância, conseguiu agora uma boa marca, embora algo distante dos 3.29.76 que constituem o novo recorde, também ele em poder do superatleta marroquino Said Aquita.

De saleintar também nesta reunião de Oslo os 2,36 metros transpostos em altura pelo sueco Patrik Sjoberg, ele próprio detentor do recorde mundial com 2,42 metros.

O segundo no salto em altura foi o alemão-federal Dietman Moegenburg, com 2,30 metros.

Volta a Portugal - Taça "Cutty Sark"

Veleiros vão desafiando os mares

O «Predial Foz» de João Andrade, figura entre os resistentes da «grande aventura dos mares»

Organizada pelo Clube de Vela Atlântico, Associação Naval de Lisboa e Clube Internacional da Marina de Vilamoura, e com o patrocínio da Casa Ramos Pinto — que tem no seu administrador Ricardo Nicolau Almeida um grande entusiasta dos desportos náuticos — está a decorrer a Primeira Edição da Volta a Portugal à Vela para disputa da Taça Cutty Sark. Da comissão de honra fazem parte entre outros as autarquias de Matosinhos, Nazaré, Cascais e Lisboa — que através do seu pelouro de desporto ofereceu, ontem, aos concorrentes um excelente convívio no Páteo Alfacinha, onde as gentes do desporto recebem a amizade e o carinho de Vítor SEIÇA E José Eduardo — Porto, Vila do Bispo, Vila Nova de Gaia, Sesimbra e Loulé.

●

Os fracos ventos vindos de sudoeste ou oeste provocaram um tremendo desgaste entre tripulantes dos 12 barcos concorrentes perfeitamente visível na segunda regata, que ligou Nazaré a Cascais numa distância aproximada de 70 milhas, dominada em tempo real e corrigido pelo «Easy Boys» de António Quelhas, dado que apenas oito embarcações terminaram dentro do horário previsto, que era de 30 horas.

De facto, alguns dos veleiros tiveram de meter o motor a trabalhar, pelo facto de verificarem que não chegavam dentro das 30 horas previstas como tempo limite, primeiramente o «Galeota» de Carvalho Rosa, depois o «Vega» da Armada Portuguesa comandado pelo capitão-tenente Rodrigues Leite, «GDT Petrogal», e, finalmente o «Things».

Enfim, aspectos próprios de uma regata à vela, onde, também, se tem de salientar o infortúnio a bordo do «Malona» e ainda muito perto da Nazaré, quando a jovem (19 anos) Bárbara Van Asch, uma das duas mulheres que integram este «pelotão» da Volta a Portugal em veleiros, viu um tacho com água a frever (para um «sparguetti que estava de estalo») virar-se sobre ela devido a uma refrega de vento, provocando uma forte queimadura num dos pés.

Um azar que obrigou a que a jovem Bárbara aguentasse durante longas horas a queimadura, sendo, já depois do cabo da Roca, transportada numa das lanchas da Marinha para o Hospital de Cascais, onde foi devidamente tratada das queimaduras de segundo grau (uma jovem e valente marinheira!) que, todavia, não «me impedem de continuar a viagem até Vilamoura».

Um bravo para esta jovem, que tal como Midá Pinheiro, que vai a bordo do «Easy Boys», são as duas jovens mulheres que emprestam, ao fim e ao cabo, um certo colorido e a manifestação clara e inequívoca que o mar não é só para homens de barba rija. O exemplo dado por Bárbara Van Asch e Midá Pinheiro, esta uma jovem de 23 anos de idade, que completou o 5.º ano de Medicina. Portanto «uma candidata a médica, que gosta, essencialmente, de andar à vela, seja nos 'laser' ou nos barcos de cruzeiro, como já aconteceu há dois anos, quando fez parte da equipa portuguesa que participou no Campeonato de 'First Class' em La Rochelle, para estudantes europeus», considerou a segunda das duas tripulantes.

Em termos desportivos, esta segunda regata entre Nazaré e Cascais começou, como tem sido norma nesta 1.ª Volta a Portugal, com ventos fraquíssimos, de tal ponto que, na largada de anteontem, todos os 12 veleiros ficaram «ancorados» ao largo da Nazaré. Mas, quando o vento entrou, houve, de certa forma, competição e alguma luta, principalmente, entre os dois meia-tonelada — o «Easy Boys» de António Quelhas com o espanhol Javier Gandra ao leme e o «Pnine» do francês Jean-Claude Sarrade, com Pedro Pires de Lima a «skipper» — em prova, bem como os «quartos-de-tonelada», com a vibrante e interessante luta protagonizada pelo «Promec Linde» de Eduardo Guedes Queirós e o «Predial Foz» de João Andrade.

Desta feita, houve uma certa inversão de valores em relação à primeira regata. Com efeito, enquanto na «subida» para a Nazaré, de Leixões, tanto o «Promec Linde» como o «PNINE» levaram a melhor sobre os seus adversários directos, desta vez, tudo girou ao contrário mercê de uma boa estratégia de regata empreendida tanto pelo «Easy Boys» como pelo «Predial Foz», mormente, na passagem do cabo da Roca.

O local onde alguns «enterraram» as suas aspirações para esta chegada ao cabo de Santa Marta em Cascais. Um tanto por culpa do vento, que imobilizou os barcos até de manhã, outro tanto, porque, na ulrapassagem deste obstáculo, a escolha dos «bordos» veio a ter uma influência decisiva.

Deste modo, passou para a frente da classificação o «Easy Boys», seguido, agora, pelo «Pnine» e pelo «Promec Linde», a suscitar, afinal, um final de prova bastante emocionante, não só pelas consecutivas «lotarias» que têm surgido até Cascais, como, fundamentalmente, pelo possível aparecimento dos ventos fortes, que podem dar uma volta de mar a toda a actual «geral».

Alves Henriques

Bétis, 2 - Sporting, 1

JOGO "ALARGADO" A TRINTA E SEIS

O Sporting perdeu por 1-2 com o Bétis, da primeira divisão espanhola, em jogo amistoso realizado no Estádio «Benito Villamarin», em Sevilha, perante cerca de 18.000 espectadores.

O Bétis inaugurou o marcador aos 34 minutos, por intermédio de Reys, de grande penalidade, e marcou o seu segundo golo aos 62 minutos, por Gabino, enquanto Oceano, aos 70 minutos, obteve o tento do Sporting, numa jogada pessoal de excelente recorte.

A equipa portuguesa movimentou bastante o esférico na defesa e no meio campo, mas, sobretudo na primeira parte, careceu de capacidade ofensiva.

As duas equipas alinharam:

Bétis: Cervantes (Salva, 76); Diego, Gail, Julio (Calleja, 53) e Quico: Chano (Orena, 63), José Luis (Cristobal, 63), Reys (Romo, 70) e Rincon (Melenas, 79): Gabino (Medina, 79) e Pato Yanez.

Sporting: Damas (Rui Correia, 66); João Luís (Virgílio, 70), Duílio (Mário Jorge, 45) e Venâncio; Vítor Santos, Marlon (Cadete, 45), Litos (Carlos Xavier), 22 e Oceano; Mário, Sealy (Houtman, 78) e Silvinho (Morato, 45).

De assinalar que o encontro teve 14 substituições o que torna o espectáculo enfadonho pelas constantes oscilações no ritmo e na dinâmica do jogo. Isto, para além de ser um factor que leva os espectadores a «divorciarem-se» cada vez mais deste tipo de jogos com naturais prejuízos dos organizadores.

Benfica na Corunha...

Para participar na disputa do troféu Teresa Herrera a equipa futebolística do Benfica já vai a caminho da Corunha. Como primeiro opositor, os «encarnados» terão o Everton (jogo a realizar no sábado) seguindo-se o Desportivo da Corunha ou o Sporting de Gijon, no domingo. A comitiva chefiada por Vítor Vasques e Gaspar Ramos integrados técnicos Ebbe Skovdahl, Toni e Eusébio; Amílcar Miranda (médico), Hamilton Marques (massagista), José Luís (roupeiro) e os seguintes 18 futebolistas: Bento e Silvino; Veloso, Edmundo, Álvaro, Mozer, Hajdry, Chiquinho, Dito, Rui Águas, Elzo, Diamantino, Vando, Carlos Pereira, Samuel, Tueba, Fonseca e Nunes.

Como se vê os grandes ausentes são Carlos Manuel, Shéu (lesionado), Chalana (em fase recuperação). Outros ausentes: Delgado, Augusto e Pacheco.

...E o FC Porto na Holanda

Também os campeões europeus iniciaram mais uma viagem, desta vez para Amesterdão onde, juntamente com o Ajax, Dínamo de Kiev e Torino, irão disputar um torneio internacional. Os «dragões» farão a estreia amanhã (19.30 horas) frente à turma soviética e Tomislav Ivic escalou os seguintes 20 elementos para a digressão: André, Bandeirinha, Barriga (ex-Paços de Ferreira), Quim, Domingos Paciência (ex-júnior), Eurico, Inácio, Jaime Magalhães, Jaime Pacheco, Jorge Plácido (ex-Chaves), Madjer, Zé Beto, Mlynarckzik, Rui Barros, Semedo, Festas, Frasco, Rui Neves (ex-Estarreja), João Pinto e Sousa.

O vice-presidente Teles Roxo, chefia a comitiva, que inclui ainda Tomislav Ivic (treinador), Octávio (treinador adjunto), Luciano d'Onofrio («manager»), Rodolfo Moura (massagista) e Fernando Brandão (roupeiro).

Salgueiros, 2 Académica, 0

O Salgueiros derrotou a Académica por 2-0 em encontro de futebol de carácter particular disputado no Estádio Municipal da Figueira da Foz, sendo os golos apontados por Tonanha aos 30 minutos e João Luís aos 81.

Sob a direcção de Miranda Dias (Coimbra) alinharam:

Académica: Valente (Vítor Novoa aos 45); Simões (Tomás, aos 45m), Mota e Porfírio; Bary (Dimas aos 70m), Quinito (Mito aos 34m), Rolão e Marito (António Luís aos 59m); Eldon (Sorry aos 59m), Reinaldo (Rocha aos 59m) e Jorge (Baltasar aos 45).

Salgueiros: Madureira; Ferreirinha, Carlos Brito, Matias e Casimiro (Litos aos 34m); Oliveira (João aos 45), Constantino (Santos Cardoso aos 45m), Jorginho (José António aos 45m) e Luís Filipe (João Luís aos 45m); Tonanha (José Manuel aos 69m) e Rui França (Pedro aos 61m).

Boavista venceu o Progresso Sambizanga

O Boavista realizou ontem o segundo encontro da sua digressão a Angola, tendo derrotado o Progresso Sambizanga por 3-0 com golos da autoria de Jorge Andrade, Coelho e de um defesa opositor. Os axadrezados alinharam com: Alfredo; Valdir; Queiró; Barny e Marco António; Parente e Walker; Casaca e Monteiro; Coelho e Jorge Andrade. O técnico Pepe «ensaiou» ainda: Agatão, Quim, Armando e Márcio. O Boavista defrontará no sábado o Ferroviário de Huíla.

Estrela da Amadora volta a «apostar» na subida

O Estrela da Amadora, que ontem fez a apresentação do seu plantel aos órgãos de Comunicação Social — o convite chegou aqui esta manhã — anuncia, como propósito primeiro, a subida ao escalão superior do luso futebol. Joaquim Meirim é o técnico principal e terá Matine como adjunto, Elísio Gouveia (preparador físico), António Gama e Moreira da Silva (secretários técnicos). Quanto a jogadores o quadro é este:

Guarda-redes: Melo, Valter e Almeida (ex-júnior).

Defesas: Marlon (ex-Aves), Noberto (ex-Amarante), Mota, Chumbo, Luís Carlos (ex-Náutico do Recife), Fernando Marques, Cortes (ex-júnior) e Cartaxo (ex-júnior).

Médios: Rosário, Jaime (ex-Amarante), Nelson Borges, Rebelo (ex-Sacavenense), Rui Lopes, Paulo Jorge (ex-Samora Correia), Palhares, Pedro, Nito (ex-Oriental), Nascimento, Nelo (ex-Viseu e Benfica), Jorge Humberto (ex-júnior), Pires (ex-júnior), Parreira (ex-júnior), Paulo Carvalho (ex-júnior) e Idilson (ex-júnior).

Avançados: Gadelha (ex-Samora Correia), Joel, Palecas (ex-Guimarães), Mozart (ex-Oriental), Bonfante (ex-Ferroviário do Ceará), João Carlos (ex-júnior) e Damba (ex-júnior).

Basaula: um ano em Elvas

Enquanto um dirigente aguarda passagem para voar até ao Brasil na procura de reforços para o Elvas, o clube alentejano conseguiu estabelecer acordo com o Vitória de Guimarães para a cedência, por empréstimo (durante um ano), do zairense Basaula.

Divisões secundárias: sorteio na próxima semana

Realiza-se na próxima terça-feira o sorteio do campeonato nacional da II divisão e na 5.ª feira terão lugar os sorteios da III divisão e da 1.ª eliminatória da Taça de Portugal. Estes actos terão lugar no auditório do ISEF (Cruz Quebrada) pelas 18.30 horas

Espinho, 2-Marítimo, 2

Realizou-se, na Costa Verde, um «amistoso» entre o Sporting de Espinho e o Marítimo que terminou com um empate a dois golos.

Taveirense indemniza árbitro

O União Desportivo Taveirense, clube da terceiça divisão distrital de Coimbra, vai ter de pagar cerca de 50 contos a um árbitro, por danos causados na sua viatura.

Aquele clube foi condenado ao pagamento desta quantia ao árbitro José de Matos Alves, na sequência de danos provocados na sua viatura por adeptos do Taveirense, após um jogo disputado em Fevereiro último contra o Clube de Desportos e Educação Física do Norte e Soure.

O "Caso dos 32-0" está arrumado

O Conselho de Disciplina da A.F. de Aveiro confirmou as penas propostas pelo inquiridor do processo dos 32-0, punindo cinco clubes da primeira divisão distrital com desclassificação e quatro dirigentes com irradiação.

Pena idêntica tiveram 36 jogadores, embora a estes fosse reduzida para três anos de suspensão de toda a actividade desportiva.

O acórdão do Conselho de Disciplina da Associação de Futebol de Aveiro culmina um longo processo de 14 volumes e cerca de milhar e meio de páginas.

O Conselho de Disciplina absolveu o jogador Marco Paulo da Silva Reis, considerando que o mesmo no teve qualquer acção activa no resultado de 32-0 que a sua equipa possibilitou ao adversário, pedindo mesmo a sua substituição aos 10 minutos da segunda parte.

As equipas desclassificadas, e que assim se vêem relegadas para a disputa do campeonato distrital da 2.ª divisão são o Clube Desportivo Paços de Brandão, Clube Desportivo de Tarei, Sporting Clube do Bustelo, Associação Desportiva Sanjoanense (clube que há quatro anos atrás disputava o nacional da 2.ª divisão) e Futebol Clube Cortegaça.

As penas de irradiação atingem o presidente do C.D. Paços de Brandão, Januário da Silva Monteiro, o vice-presidente do S.C. Bustelo, João da Costa Santos, o presidente da Sanjoanense, Mário Ferreira de Almeida e presidente do Cortegaça, Alvaro Manuel de Sá e Silva.

Os jogadores punidos com pena de irradiação, convertida em três anos de suspensão, pertencem ao Bustelo, Tarei e Cortegaça.

A totalidade das multas e custas do processo a suportar por aqueles cinco clubes ascende a 850 contos.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 32/87, DE 9 DE AGOSTO DE 1987

Jornal do Fundão: 111 X1X 111 21XX; O Mensageiro: 211 XX1 11X 11X2; Reconquista: 111 111 1XX X221; Penalti: 111 112 111 121X; Informação Desportiva: 111 11X 11X 2121; Panorama Desportivo: 11X 111 121 X121; Maria da Fonte: 111 11X 111 2X21; Correio de Coimbra: 111 1X2 111 1X21; Notícias de Gouveia: 1X1 X12 111 X121; Maria da Fonte: 2X1 2X1 111 X212; Jornal de Notícias: X11 X11 1X2 2121; Defesa de Espinho: 112 112 X12 2121; Notícias de Viana: X11 212 111 X221; O Diário: 111 X1X 121 2122; Rádio Totobola: 111 X11 1XX 2X21; Jornal da Beira: 111 11X 111 2121; Eu Sei Tudo: 1X1 112 111 X1X1; Correio do Vouga: 111 111 111 1111; A Voz do Domingo: 111 11X 111 1121; O Algarve: 211 1X1 211 2211; Folha do Domingo: X11 11X 111 XX12; O Jornal de Amarante: 111 112 111 2121; A Defesa: 1X1 X11 XXX 21X1; O Jornal de Felgueiras: X11 11X 11X X2X1; No Estúdio e no Estádio: 11X 112 1X1 212X; Notícias de Felgueiras: X11 112 X1X 22XX; Rádio Comercial-Secção Desportiva: 111 111 X1X 2X21; Tempo de Desporto: 1X1 X1X 11X 2XX1; Diário do Desporto-RR: 111 XX2 1X1 X221;

Bola Branca-RR: XX1 X12 11X X2X1; Desporto-RR: 1X1 X21 112 1XX1; Voz de Lamego: 11X 112 11X X12X; Rádio Guarda: 11X X21 1X1 11X1; Sons da Madrugada: 1X2 21X X2X 212X; Tarde Desportiva: 111 21X 12X 2X21; Livre e Directo: 1X1 122 X11 X211; Desporto Regional-RR: 111 X1X 111 2222; Clube da Manhã: 111 X1X 111 212X; Ecos de Cacia: 111 11X 111 XX21; Pista de Dança: 111 111 111 1111; Desporto Regional-Rádio Altitude: 111 11X 11X 21X1; Jornal de Santo Tirso: 111 112 1X1 2X2X; Linhas de Elvas: 111 X11 111 X21X; O Jornal da Lixa: 111 111 111 21X1; O Comércio de Leixões: 111 X1X 1X1 212X; De Tudo Um Pouco: 111 X12 111 X12X; Jornal de Gaia: 1X1 211 1X1 2XX1; Jornal da Graça: X22 2X2 111 2X22; Jornal de Notícias: 111 X11 11X XXX1; O Primeiro de Janeiro: 111 1X1 111 21X1; Repórrter do Dia: 111 11X 111 2221; Rádio Sports: 11X 121 111 2121; Alvo Desportivo: 111 111 111 X211:

Rádio Alvo: 11X X11 1X1 1121: Alvo: 11X X11 1X1 1121; Alvo Suplemento: 111 111 111 X11X: Voz do Ave: 11 1XX 111 XX11: A Voz dos Ridículos: 11X 11X 111 1111; Rádio Placard: 111 211 1X1 1X21; Estúdio 64: 111 211 1X1 1X21.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Bayern-Hamburgo	50	7	3	10	1	1
2. Schalke 04-Hannover	49	8	3	9	2	1
3. B.M'Gladbach-B.Uerdingen	49	8	3	9	2	1
4. Nuremberga-Estugarda	32	20	8	6	4	2
5. W.Bremen-Karlsruher	48	8	4	9	2	1
6. F.C.Homburgo-B.Leverkusen	25	19	16	5	4	3
7. AIK-Orgryte	53	6	1	10	1	1
8. Halmstads-Elfsborg	42	14	4	8	3	1
9. Norrkopping-Hammarby	42	15	3	8	3	1
10. Sundsvall-Malmo	13	19	28	2	4	6
11. Herfolge-Naestved	30	16	14	6	3	3
12. Aalborg-Bronby	12	15	33	2	4	6
13. Vejle-Lingby	42	12	6	9	2	1

1ª) — Nos termos do Art.º 14 º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
111 111 111 1121

49.ª Volta a Portugal

BRINCADEIRAS IMPRÓPRIAS PARA MENINOS

Neves de Sousa
nosso enviado especial

-O José Fernandes é sempre o mesmo chulo, que não dá hipótese a ninguém.

Palavra de honra: estava mesmo indignado o rapaz com a camisola do Garcia Joalheiro, o já bem conhecido papa-notas que se chama Joaquim Fernandes, o mesmo que no ano passado abarrotou os bolsos na tirada onde havia 300 e tal notas penduradas na árvore e, por aí fora, mostra uma pontaria especial (e bem calibrada) para os prémios mais saborosos. Joaquim Fernandes ia explicando, ao maralhal todo em redor (que não é todos os dias que se pode tocar nas costas dos ciclistas e levar, depois das «vacances», fotos para mostrar que somos íntimos com os voltistas). Joaquim Fernandes, mais que apresentar do filme de etapa, continuava a descarregar:

Não se faz: quem andou na estrada, viu. Eu puxei que nem um danado, imaginei, sonhei que tinha a amarela ao alcance. Mas, a trinta quilómetros, quando vi que ninguém ia para a frente, perdi a força e à porta de Estremoz já nem podia fazer-me ao «sprint». O José Fernandes foi o costume: mete-se na gosma e os outros que se lixem..

Fomos recolher a outra parte da questão. Muito calminho, para o «chichi» da praxe, lá estava José Fernandes, o mano mais jovem de Venceslau metido nestas andanças:

— Qual quê. Houve «esticões» enormes logo à saída, a primeira fuga não resultou e a segunda quase dava o mesmo se não fossem quatro ou cinco ciclistas a puxarem à vez. Aí a vinte e poucos daqui, percebi que eles estavam todos na retranca, na reserva, feitos à ideia de ganharem a etapa. Eu, que já puxara muito pelo Joaquim e estava a topar que eles queriam ganhar aos cinco quilómetros e no final, senti-me com forças, aguentei um bocadinho e pronto.

Joaquim contra-ataca:

— Repito: ele é sempre o mesmo, já assim é nos «Grandes Prémios». Em tudo. Ah, mas eu volto a tentar ganhar uma etapa, pelo menos acabar a «volta».

A pergunta ia no ar:

— E a «amarela», joalheiro?

— Acho que se acabou a hipótese. Era hoje (ontem) ou nunca. Aquela é que era a boa fuga...

Pertinho, o colega Guita Júnior lembra-me esse «tour» caseiro que foi embolsado pelo Manuel Zeferino: aconteceu em Julho de 81 e o então portista, remetido até Vila Real de Santo António na tal «boa fuga» em que todos os ciclistas desejam participar, ganhou ali pecúlio temporário de tão grande monta que não mais foi aliviado da camisola cor de sol. Desta feita, Joaquim Fernandes andou mais de cinquenta quilómetros como se fora o rei, virtualmente era o comandante da serpente. Só que apagou o maçarico subitamente e a viga ficou por soldar à estrutura do prédio que era miragem loucamente apetecida.

Uma definição rápida, que a coisa já lá vai: combate na vanguarda, repouso autoconsentido lá na retaguarda da estrada, com o controlo entre os maiorais a funcionar perfeitamente, cada qual espreitando as outras vertentes do triângulo com astúcia e arma com o gatilho junto ao dedo. Muita gente tentou escapulir-se, ir fazer pela vidinha, mas só aí por alturas do nono quilómetro o assunto ficou mais firme: lá iam José Fernandes (Ajacto), Carlos Gago (Olhanense), José Marques (Tavira), Gaxento Oinaederra (Fagor), João Paulo (Sangalhos/ Recer), Joaquim Fernandes (Garcia Joalheiro), Luís Gregório (Sport Lisboa e Marinha) e Renato Ferraro (Feirense/Ruquita). Passam as montanhas no Barranco Velho e no Caldeirão, recebem a preciosa coligação de Alfredo Gouveia (Salgueiros/Malhas Comax) e vão andando, sempre ampliando a vantagem sobre quem ficava para trás, na grande coluna do conformismo ou da inteligência calibrada ao milímetro.

José Fernandes: braço ao alto e sorriso do triunfo

O carro neutro da «Altis» (com o antigo campeão Onofre Tavares e Fernando Oliveira) cede o posto aos apoiantes oficiais: cinco, sete, dez, doze minutos, a vantagem dos caminheiros galopantes chegou a roçar os 14 minutos, depois foi ficando reduzida a sua riqueza. Luís Gregório nem chegou a (verdadeiramente) andar muito tempo na aventura, o basco da Fagor ao encostar-se ao carro do dr. José Barreiro de Magalhães, tomou umas coisas mas o mal estava lá: sentou-se na beira da estrada, desatou a vomitar e por aí se quedou. Duarte Cancela de Abreu, contacto de Imprensa da Fagor, justifica o caso:

— Uma intoxicação alimentar foi a causa do afastamento dos três ciclistas da minha empresa, o francês Henri Abadie não chegou a cortar a meta no contra-relógio para Loulé porque sentiu cólicas no estômago e chegou (mesmo) a vomitar. Hoje, o problema agravou-se: tanto o Gaxento como Chaubet abandonaram a corrida com os mesmos sintomas. Exacto: fortes dores de estômago juntamente com vómitos e febre. Restam-nos agora dois homens que prometem conseguir uma boa classificação individual.

De qualquer modo, a Fagor não se livra de estar perante a dúvida de quem (pelo lado de fora) fica com interrogações na consciência. E, como se explica que quase todos os dias o seu director desportivo apareça no comunicado do júri ao peso de multas, desta feita novamente penalizado (três continhos) por «desacordo com decisões dos elementos oficiais»? Das duas, uma: ou por cá somos rigorosos em demasa, ou lá por fora pode fazer-se tudo o que vier à ideia.

Adiante. Chegou a meta, aparece o carro-vassoura com mais dois desistentes (Luís Janeiro, do Tavira, Alexandre Fullgraf, do Salgueiros). O defensor de Paranhos escapa-se como uma flecha. O efémero companheiro algarvio diz assim:

MARTANO
Com o exclusivo Stand Jasma
Cova da Piedade — 2800 ALMADA Telefone: 229 37 80

— Estou farto de dar trambulhões, já parti duas bicicletas, ando com um azar dos diabos.

Dizem os que sabem, que o rapaz (de 20 anos) esteve tuberculoso há coisa de dois anos, mais recentemente viu morrer a namorada, está mesmo com a borda debaixo de água, mas quer tirar a última disciplina que lhe falta para o 12.º ano. Ciclismo? Também passou pelo Carnide e pelo Sporting mas, estou a pensar com os meus botões, que tão cedo não aparecerá nestas viagens. Será que tem andado a perder-se um outro óptimo profissional?

Chegaram todos os demais 91 ciclistas em prova. Os Bombeiros de Estremoz ficam a pau para, logo de manhã, receberem nos braços José Vilela, o papa-léguas que anda a fazer uma média de 175 quilómetros por dia, chapéu encarnado enterrado até às orelhas, reclamo da Aguardente Velha nas costas da camisola rubra, corpo tisnado num desafio e numa aposta:

— Gostava que se fizesse uma Volta a Portugal a pé, com equipas de três atletas, coisa aí para dois mil quilómetros. Então é que se via quem tinha unhas para tocar guitarra.

Não contem comigo: ver já cansa.

Por falar nisso

Rememoram-me imagens da etapa para Estremoz que vão sendo imediatamente ultrapassadas: Veiga Trigo desfrutando espectáculo que o rende. O sorteio do esticadinho campeonato de futebol e os duelos dos graúdos. Aquele espontâneo que andou vinte quilómetros entre os fugitivos e o pelotão, dando tudo por tudo, rapidamente alagado em suor, cabeça rapada e fita fina na testa, um pálido e tristinho número sete fingindo de dorsal. E o mais insólito, visto por estes que a terra um dia vai comer: uma raposa atravessando a estrada, ali por altura da Vidigueira. Ninguém podia parar (com pena de perder o lugar na caravana), nunca um belo troféu esteve tão ao alcance das mulheres de alguns

Continua na pág. 17.

Electro Ouro

Para assegurar o indispensável contacto com a «rádio da volta», a nossa equipa de reportagem conta com um excelente rádio, cedido por gentileza da ELECTRO OURO, que permite a chegada à nossa viatura de todas as informações relativas ao que se passa na caravana.

49.ª Volta a Portugal

Continuação da pág. 16

voltistas.

E é a hora de surgirem as piadas: Bruno Neves quer à força convencer a plateia de que anda por cá um jornalista que «tem os pulmões esfriambrados», Márcio (o condutor do carro de Serafim Ferreira, que todos tratam por Cacá), é apontado como novo inventor de uma variante do «cristo», ou da lerpa, como lhe queiram chamar: esteve uma noite inteira com as biscas e valetes numa algibeira, varreu a mesa e a concorrência, escapou por um triz a morte-macaca.

Raul Terebentino sai do pódio

– Foi um grande desgaste. Deitei-me à uma da noite, levantei-me às seis. Etapas destas não podem existir, profissionais a correrem desta maneira nunca se viu.

Responde a pequeno auditório:

– A fuga dos sete? As equipas mais importantes não estavam interessadas em que essa escapada chegasse a fazer mossa. Já agora, quero aqui agradecer a colaboração que recebi dos meus companheiros, muito especialmente do Luís Vargues, que me deu ajuda preciosíssima quando a minha bicicleta furou.

MARTANO
Com o exclusivo Stand Jasma
Cova da Piedade — 2800 ALMADA Telefone: 229 37 80

Hoje, aí temos o Olhanense de Amarelo, a caminho da sua terra.

— Pode escrever: Nasci na casa do guarda da pista de Alpiarça e sei que, se lá chegar em primeiro, vai ser uma festa de arromba. Contem comigo: só se não puder, caramba.

Olho os apontamentos: um mundo de coisas, ainda por contar. A bela hospitalidade recebida em Loulé, onde o presidente da edilidade (José António Guerreiro Cavaco) desabafou sobre quanto está fazendo para colocar ainda maior prestígio «no melhor município algarvio». João Soares (empresário bem sucedido na vida) igualmente nos falou de projectos e realidades, qualquer deles mandando um abraço para a Mário Zambujal na crónica que vou remeter amanhã. E mais, mais: Leonal Miranda falando do ciclismo de duas épocas, a gente correndo de seca para meca na procura de poiso para dormir de cada vez que se constata que a chegada de turistas endinheirados fez abortar a reserva prévia da caminha.

Contas do mesmo rosário, que estão na lista de espera. Ao mesmo tempo que Raul Terebentino já se equipa para arrancar e o resto da sua «entourage» também já acabou os preparativos para a viagem até Alpiarça, arrumemos a trouxa com um conselho ao camarada que nos acompanha diariamente: não perca o próximo capítulo. Como na telenovela, pode também ser escaldante mas com uma vantagem: ter apenas intérpretes cá da casa. Ou, quando muito um velho aliado britânico a fazer traquinices.

Neves de Sousa

MARTANO
Com o exclusivo Stand Jasma
Cova da Piedade — 2800 ALMADA Telefone: 229 37 80

Classificações

8.ª Etapa Loulé-Estremoz

1	JOSÉ FERNANDES (Ajacto)	7.10.41
2	João Paulo (Sangalhos)	7.10.43
3	Alfredo Gouveia (Salgueiros)	m.t.
4	Renon Ferraro (Feirense)	7.10.49
5	Carlos Gago (Olhanense)	7.10.57
6	José Marques (Esmaltina)	7.11.05
7	Joaquim Fernandes (Garcia J.)	7.11.10
8	Vítor Lourenço (Esmaltina)	7.15.40
9	Ivo Gomes (S.L.Marinha)	7.15.42
10	Serafim Vieira (Sporting)	7.15.44
...		
91	Luís Filipe (Olhanense)	7.43.48

Geral

1	R. TEREBENTINO (Olhan.)	29.45.11
2	Marco Chagas (Sport)	a 01.56
3	Joaquim Gomes (Sport)	02.31
4	Manuel Cunha (Sicasal)	02.39
5	Cayn Theakston (Olhan.)	02.58
6	Eduardo Correia (Sang.)	04.07
7	Manuel Neves (Boav.)	04.20
8	Fernando Carvalho (Loul.)	04.32
9	Jose Passos (Boav.)	04.35
10	José Xavier (Sport.)	04.42
11	Manuel Zeferino (Sport.)	04.46
12	Orlando Neves (Feir.)	04.48
13	Jacinto Paulinho (Sport)	05.08
14	Joaquim Fernandes (G.Joa.)	05.21
15	José Santiago (Boav.)	05.22

Equipas **H M S**

1	SPORTING	89.23.51
2	Garcia Joalheiro	a 01.49
3	Sangalhos	02.22
4	Feirense	03.52
5	Sicasal	04.49
6	Louletano	05.26
7	Boavista	05.35
8	Olhanense	05.41
9	Ajacto	09.56
10	Salgueiros	39.25
11	Esmaltina	44.53
12	SL Marinha	01.50.46

Pontos **P**

1	PAULO PINTO (Ajacto)	25
2	José Fernandes (Ajacto)	24
3	Jorge Evangelista (Olhanense)	17

Prémio da Montanha

1	JOSÉ OLIVEIRA (Gar.Joalh.)	20
2	Raul Matias (Esmaltina)	20
3	Raul Tereb. (Olhan.)	16

Metas Volantes

1	JOSÉ FERNANDES (Ajacto)	14
2	Paulo Pinto (Ajacto)	11
3	Luís Cruz (Sangalhos)	10

Hoje...

Com a partida marcada para as 11 horas, a caravana voltista abandona Estremoz para se dirigir até Alpiarça, onde é esperada, na pista, entre as 14 e 38 e as 15 horas, depois de percoridos 153 quilómetros.

...E amanhã

Amanhã terminará a primeira fase da prova, com a disputa da tirada entre Alpiarça e Castelo de Vide (158 quilómetros) com partida às 11 horas e o seguinte horário de passagem: Vale de Cavalos (11,11), Chamusca (11,30), Carregueira (11,41), Constância (11,59) Tramagal (12,15) Rossio ao Sul do Tejo (12,21), Casa Branca (12,55), Gavião (13,09), Alpalhão (14,03) Monte Paleiros (14,48) e chegada a Castelo de Vide pelas (15,16).

E P

	T. 6 h	Min.	Prec.	As 13 h.
Bragança	14	14	0,0	P. nub.
V. Castelo	19	18	0,0	Nevoeiro
Vila Real	17	17	0,0	M. nub.
Porto	18	18	0,0	M. nub.
Coimbra	19	19	0,0	Encob.
C. Carvoeiro	18	18	0,0	M. nub.
C. Branco	15	11	0,0	Neblina
Portalegre	15	15	0,0	Neblina
Lisboa	19	19	0,0	M. nub.
Évora	17	17	0,0	M. nub.
Beja	17	16	0,0	M. nub.
Faro	18	18	0,0	P. nub.
Sagres	–	–	0,0	–
P. Delgada	17	17	0,0	Limpo
Funchal	20	20	0,0	M. nub.

Temp. max. prevista para hoje: Lisboa 25, Porto 22, Faro 27, Ponta Delgada 26, Funchal 26.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

N E

	T. 7 h	Min.	As 13 h.
Madrid	18	17	Limpo
Londres	9	9	Bruma
Paris	10	9	Muito nub.
Bruxelas	7	6	Limpo
Amesterdão	11	7	Pouco nub.
Genebra	8	7	Pouco nub.
Roma	18	16	Limpo
Oslo	11	9	Muito nub.
Copenhaga	12	9	Muito nub.
Estocolmo	12	10	Muito nub.
Berlim	10	10	Chuva
Viena	12	9	Pouco nub.
Varsóvia	12	9	Muito nub.
Atenas	26	22	Limpo
Moscovo	18	14	Pouco nub.

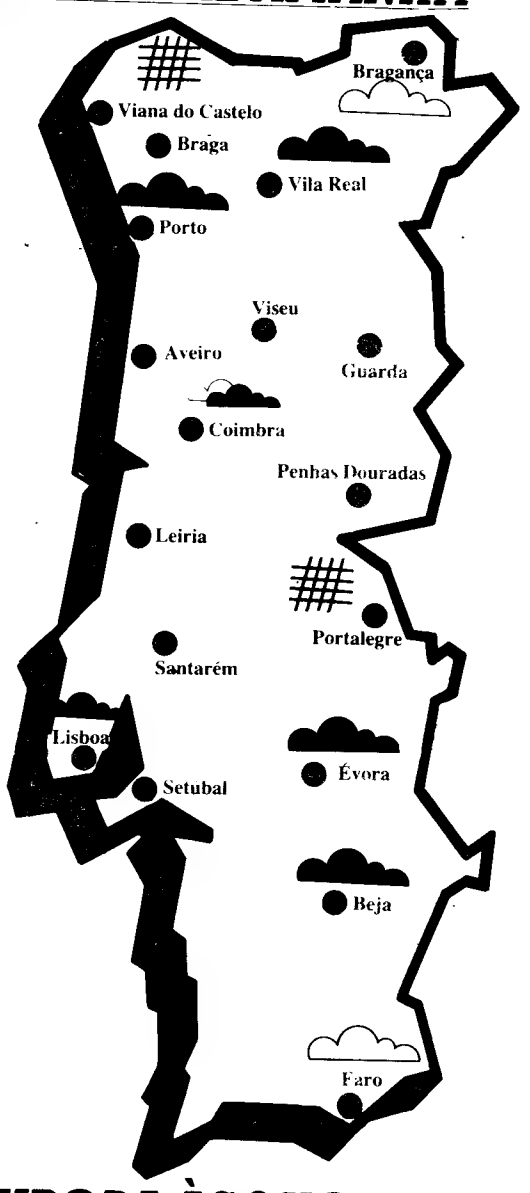
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

N M

	Min.	Máx.	As 13 h.
Caracas	18	26	Nublado
Joanesburgo	4	17	Limpo
Los Angeles	19	32	Limpo
Montreal	18	26	Nublado
Nova Deli	28	40	Nublado
Nova Iorque	23	34	Limpo
R. de Janeiro	11	26	Limpo
S. Francisco	12	22	Nublado
São Paulo	9	20	Nublado
Tóquio	25	31	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



EUROPA ÀS 6 HORAS

TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu muito nublado, temporariamente pouco nublado durante a tarde. Vento fraco a moderado de oeste. Chuvisco em especial no litoral norte e centro durante a madrugada e manhã. Neblinas e nevoeiros matinais.

Estado do mar:

***Costa Ocidental:* Mar encrespado ou de pequena vaga e ondulação de 1 metro.**

***Costa Sul:* Mar encrespado ou de pequena vaga e ondulação inferior a 1 metro.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado durante a madrugada e manhã em especial nas regiões do litoral oeste. Vento fraco a moderado do quadrante oeste. Neblinas e nevoeiros matinais.

DEPOIS

Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado durante a madrugada e manhã nas regiões do litoral oeste. Vento fraco a moderado do quadrante oeste. Neblinas e nevoeiros matinais.

Nos Açores:

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de norte. Aguaceiros.

***Estado do mar:* Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação de norte de um a dois metros.**

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de norte.

***Estado do mar:* Mar encrespado de pequena vaga. Ondulação de norte de um a dois metros, sendo inferior a um metro na costa sul.**

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
12.07	3,3 m	5.28	1,6 m
24.51	3,3 m	18.12	1,5 m

Amanhã

		6.41	1,5 m
13.22	3,5 m	19.21	1,2 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

MARILYN: A DEUSA PERDIDA DE HOLYWOOD

Linda Deutsch
Associated Press/Lusa

Na cripta 33 do pequeno cemitério, um turista de passagem decifra a pequena nota colocada num vaso de flores. A mensagem simples e anónima é lida alto: «Marilyn, nós compreendemos-te.»

Todos os dias, chegam flores e uma caravana automóvel passa junto à última morada da deusa perdida de Hollywood, Marilyn Monroe, no Westwood Memorial Park, na parte oeste de Los Angeles.

Faz 25 anos neste Verão que se calou para sempre a sua voz meio sussurrada pelo que foi classificado como um provável suicídio.

A história da beldade trágica, com pele de porcelana, tornada uma das maiores lendas de Hollywood, acabou aos 36 anos a 5 de Agosto de 1962.

No entanto, hoje, a imagem de Marilyn está mais vibrantemente viva do que nunca.

«Marilyn Monroe é maior do que alguma vez o foi em vida», afirma Randall Reise, co-autor juntamente com Neal Hitchens de um novo livro: «A Marilyn integral: a sua vida de A a Z».

«Marilyn já não é só uma pessoa. É uma lenda. Não faz apenas parte de Hollywood. Faz parte da cultura americana», disse Reise.

Após a sua morte, tornou-se uma das mais badaladas e imitadas estrelas — a cantora de rock Madonna copiou o aspecto louro, felino e «sexy» de Marilyn. Uma sua biografia musical chegou mesmo a ser representada na Broadway em 1983, mas fracassou.

Mas em nenhum outro lugar é tão evidente o seu impacte como nesta cidade onde a jovem Norma Jeane Mortenson perseguiu a fama e viu os seus sonhos andar de par com a infelicidade.

Por entre o brilho do néon e os cartazes berrantes do Boulevard de Hollywood, as suas face e figura decoram montras de lojas, fachadas de teatros e brochuras de publicidade à terra dos filmes.

Os escaparates das livrarias abarrotam com novos volumes analisando a lenda Monroe, e lojas de recordações oferecem águas de colónia, almofadas, lençóis, toalhas e até palitos com a sua imagem. Recentemente centenas de admiradores acorreram ao Hotel Roosevelt de Hollyood, onde uma exposição de fotos e objectos de Marilyn juntou alguns dos que a conheceram e muitos que gostariam de o ter feito.

Na entrada do Teatro Chinês de Mann, com as suas famosas impressões em cimento das mãos e pés das celebridades, os visitantes dirigem-se directamente ao local onde Marilyn deixou as suas marcas.

Foi em 1953, logo após «Gentlemen Prefer Blondes» ter estabelecido o seu estatuto de estreia. Ela apareceu em 30 filmes, mas na altura em que foi despedida do último, «Someting's got to Give», mesmo antes da sua morte, já s sua carreira se esboroara.

O começo da jovem Monroe foi humilde. Nasceu fora da família no Hospital Geral do Condado de Los Angeles, filha de Gladys Baker, uma montadora de cinema. O seu pai era um imigrante dinamarquês chamado Edward Mortenson. A mãe teve um colapso nervoso pouco depois do seu nascimento e passou o resto da vida dentro e fora de hospitais.

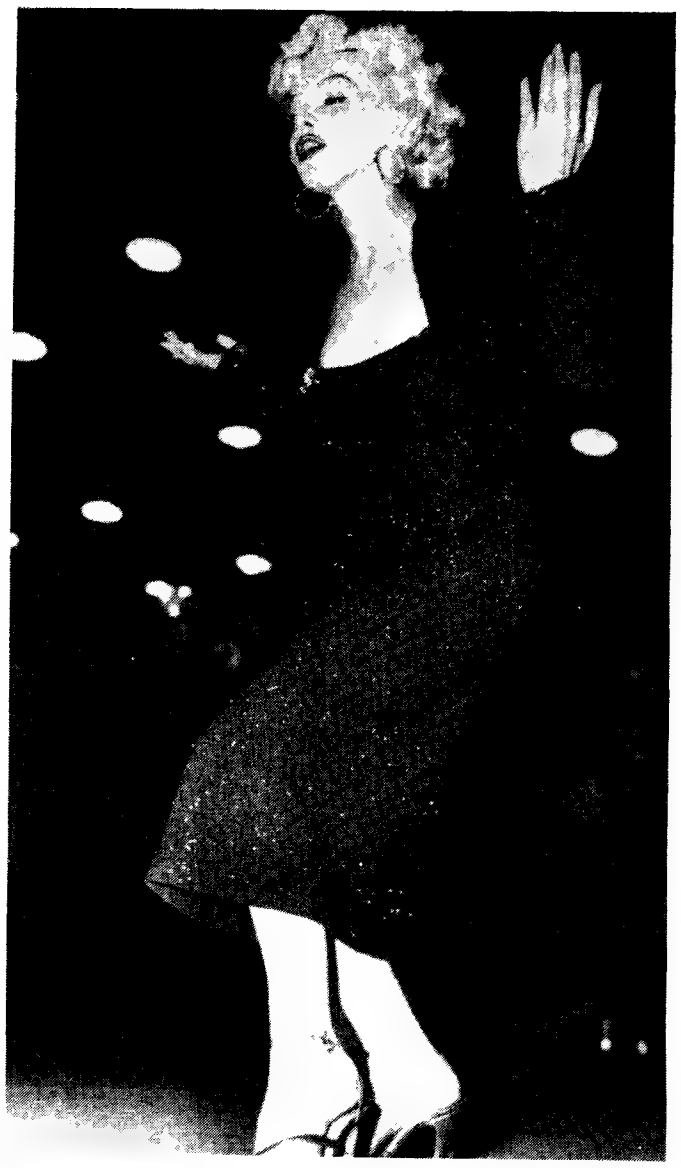
Marilyn andou de perceptores em perceptores, sendo ocasionalmente vítima de abusos. Casou-se aos 16 anos com um mecânico de aviões chamado James Dougherty, divorciando-se após a Segunda Guerra Mundial.

Era uma jovem extremamente atraente e «sexy». Um fotógrafo descobriu-a na fábrica de material de guerra onde trabalhava e tirou-lhe fotografias que lhe proporcionaram uma carreira de modelo e o seu primeiro filme, «Scudda Hoo, Scudda Hay».

Monroe tornou-se numa das maiores modas de Hollywood. Mas sem infância, com amores e casamentos falhados — com o grande jogador de «baseball» Joe Dimaggio e com o dramaturgo Arthur Miller — a fama não lhe trouxe felicidade.

«Estão todos sempre a agarrar-se a ti», disse uma vez, comentando o que era ser famosa. «Todos querem um bocado de ti. Parece que querem despedaçar-te.»

Os tributos à falecida estrela



nunca param no remoto cemitério onde está enterrada.

«Vêm de todo o mundo para vê-la. Alguns mal sabem dizer o seu nome», diz Bill Pierce, cuja família gere o Westwood Memorial Park.

Um clube de fãs intitulado Marilyn Relembrada projectou para 5 de Agosto uma cerimónia na pequena capela do cemitério. Pierce espera rever algumas das caras familiares que ao longo dos anos ali têm vindo prestar homenagem e tocar a pedra mármore da cripta.

«Há um tipo que todos os anos vem da Alemanha. Chega e fica em pé diante da cripta duante uma hora ou duas em todos os dias que aparece», diz.

Uma jovem costumava beijar a cripta, deixando marcas de baton. Mas Pierce travou-lhe o hábito porque o baton estava a ser absorvido pelo mármore.

Dimaggio mandou todos os dias rosas, ao longo de 20 anos e depois parou. Mas as flores não. Pierce diz que um homem de fora da cidade manda todos os meses uma dúzia de rosas brancas e que outras as trazem pessoalmente.

«As pessoas deixam flores e plantas. Umas vezes, deixam notas na cripta dizendo coisas como 'amo-te, Marilyn. Lembrar-te-ei sempre'.»

«Sabe, há uma série de outras grandes celebridades que morreram, mas não têm tanta fama», comenta.

Procurar razões para a duradoura lenda de Marilyn Monroe é como procurar a verdadeira história por detrás da sua morte. Todos têm uma teoria.

«Há qualquer coisa de profundamente tocante nela», diz o escritor Reise. «Havia nela uma fragilidade que fazia com que as pessoas se preocupassem. Era a orfãzinha que não tinha nada e que mostrou que em Hollywood tudo pode acontecer.»

«Há qualquer coisa nela», diz Janice Ogata, empregada numa livraria de Hollywood que vende e colecciona livros de Marilyn. «Ela morreu um ano e três meses antes de eu ter nascido, mas acho-a fascinante. Atrai-me como uma mulher apanhada por circunstâncias que não pôde controlar.»

No seu livro «Marilyn», Gloria Steinem escreve: «Uma razão simples para o carácter duradouro da sua história é o seu fim prematuro. Quando o passado morre, há o luto, mas quando o futuro morre as nossas imaginações são compelidas a prosseguir.»

«I.C.P.C. – INSTITUTO DE CIÊNCIAS PARAPSICOLÓGICAS, LIMITADA»

Certifico que, por escritura de 28 de Maio de 1987, lavrada de folhas 69v a folhas 71v, do livro de notas para escrituras diversas número 13-H, do 13.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário licenciado ORLANDO RODRIGUES BENTO PEREIRA, e, com referência à sociedade em epígrafe, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, sob o número 56 280, com o capital social integralmente realizado de 50 000$00, e, com sede na Avenida Praia da Vitória, número 18, 1.º andar esq.º, em Lisboa, na freguesia de Arroios, foram lavrados os seguintes actos

Substituída a firma da sociedade pela denominação «INSTITUTO DE FORMAÇÃO TÉCNICA PROFISSIONAL, LDA.»,

Mudado o domicílio da sociedade para a Rua da Alegria, n.º 59, r/c, em Lisboa, na freguesia de São José, e,

Aumentado o seu capital social de 50 000$00 para 400 000$00, aumento este de 350 000$00 subscrito pelos sócios REINALDO BAPTISTA e ANISABEL FERREIRA TEIXEIRA BAPTISTA, na proporção das respectivas quotas, ou seja com a quantia de 175 000$00 por cada um, ficando assim cada quota elevada a 200 000$00

Em consequência dos actos praticados, foi parcialmente alterado o pacto social, com referência aos artigos primeiro e terceiro, que passaram a ter a seguinte redacção,

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de «INSTITUTO DE FORMAÇÃO TÉCNICA PROFISSIONAL, LDA.», tem a sua sede em Lisboa, na Rua da Alegria, número cinquenta e nove, rés-do-chão, na freguesia de São José, e a sua duração é por tempo indeterminado, com início na data da sua constituição

TERCEIRO

O capital social, integralmente realizado em dinheiro e nos diversos valores que constituem o activo da sociedade, é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, e corresponde à soma de duas quotas de DUZENTOS MIL ESCUDOS cada, pertencentes uma a cada um dos sócios REINALDO BAPTISTA e ANISABEL FERREIRA TEIXEIRA BAPTISTA.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL

Décimo Terceiro Cartório Notarial de Lisboa, quinze de Junho de mil novecentos e oitenta e sete.

O Ajudante,
Ana Maria Forte da Silva

«D L.» 6/8/1987

«PROFESTÉTICA – ACADEMIA DE MASSAGENS E ESTÉTICA PROFISSIONAL, LIMITADA»

Certifico que, por escritura de 28 de Maio de 1987, lavrada de folhas 44v a folhas 46v do livro de notas para escrituras diversas número 562-B, do 13.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário licenciado ORLANDO RODRIGUES BENTO PEREIRA, e com referência à sociedade em epígrafe, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número 2961, com o capital social integralmente realizado de 200 000$00, e com sede em Lisboa, na Avenida Miguel Bombarda, número 147, 2.º andar, Sala B, na freguesia de Nossa Senhora de Fátima, foram lavrados os seguintes actos:

Substituída a firma da sociedade pela denominação «PROFESTÉTICA – ESCOLA TÉCNICA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL ESPECIALIZADA, LDA.», e, ...

Aumentado o seu capital social de 200 000$00 para 400 000$00, aumento este de 200 000$00 subscrito pelos sócios REINALDO BAPTISTA e ANISABEL FERREIRA TEIXEIRA BAPTISTA, na proporção das respectivas quotas, ou seja com a quantia de 100 000$00 por cada um, ficando assim cada quota elevada a 200 000$00.

Em consequência dos actos praticados, foi parcialmente alterado o pacto social, com referência aos artigos primeiro e terceiro, que passaram a ter a seguinte redacção:

PRIMEIRO

– A sociedade adopta a denominação «PROFESTÉTICA – ESCOLA TÉCNICA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL ESPECIALIZADA, LDA.», tem a sua sede em Lisboa, na Avenida Miguel Bombarda, número cento e quarenta e sete, segundo andar, sala B, na freguesia de Nossa Senhora de Fátima, sendo a sua duração por tempo indeterminado, com início na data da sua constituição.

TERCEIRO

– O capital social, integralmente realizado em dinheiro e nos diversos valores que constituem o activo da sociedade é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS e corresponde à soma de duas quotas de DUZENTOS MIL ESCUDOS cada, pertencentes uma a cada um dos sócios, REINALDO BAPTISTA e ANISABEL FERREIRA TEIXEIRA BAPTISTA.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL

Décimo Terceiro Cartório Notarial de Lisboa, quinze de Junho de mil novecentos e oitenta e sete.

O Ajudante,
(Ana Maria Forte da Silva)

D.L. 6/8/1987

VILA DE OEIRAS

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE OEIRAS

ASSUNTO: — CONCURSO PÚBLICO PARA AQUISIÇÃO DE 1 DEBITÓMETRO ULTRASSÓNICO PORTÁTIL

O Conselho de Administração faz público que, conforme sua deliberação tomada em reunião de 29 de Junho de 1987, são aceites propostas, em carta lacrada, para o fornecimento supracitado durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República».

As propostas deverão ser remetidas pelo correio e serão abertas em reunião pública, às 15 horas, na sede destes serviços, no primeiro dia útil que se seguir ao termo fixado neste anúncio, perante a comissão para este efeito nomeada.

O caderno de encargos está patente no sector de Aprovisionamento, destes Serviços, em Oeiras, durante as horas de expediente.

Serviços Municipalizados de Oeiras, 15 de Julho de 1987.

O PRESIDENTE DO CONCELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Isaltino Afonso Morais

Crónica de Touros

DIÁRIO COM PRAÇA DE TOUROS AO FUNDO

Soliloquio

5 de Julho, domingo

Praça de Touros de Madrid. Novilhos de El Torreon para Miguel Litri e Rapi Camino, mano-a-mano.

Verão madrileno, no calendário e no calor, apertando, aliviado agora que a noite caiu, a cidade respira, livre da quase asfixia da tarde, ao sol dir-se-ia que impossível. E contudo ali estava a Monumental, como se fosse um dia do Santo Isidro, praça cheia também no Sol, afinal sobrevivemos. E mais uma vez se provou como na Festa os elementos determinantes não são propriamente os atmosféricos. Pelas bancadas, o ambiente de feliz expectativa viu-se animado pela presença de um americano que também estava ao sol, ali, é ele, o da série da Televisão, do «Coche Fantástico», o David Hasselhof não tinha trazido o automóvel que fala e que voa e que anda sozinho, mas era ele, aliás oiço dizer que não veio a Madrid para exibir o automóvel, carros que falam só mesmo no estúdio, veio foi para o lançamento de um disco, pelos vistos também é cantor, e o David agradecia sorridente os aplausos dos que o iam reconhecendo, e dos vizinhos que ainda não o tinham localizado mas também aplaudiam, coisas da Televisão, se não fosse a Televisão ninguém daria pelo David. Já o Litri e o Camino sim, encheram a praça sem ser por essa via, ganharam a aposta de a encherem num domingo caloroso de Julho. E ganharam-na duas vezes, porque podem fazer-se anunciar outra vez, o público voltaria de novo, tornaria a esquecer-se do David. Quando numa corrida acontece a emoção, é a arena o centro de todos os olhares, sejam leigos ou profanos. Aconteceu emoção, nesta tarde de Madrid, que começou sonsa e foi para arriba sacudida pelos «litrazos», o estoico e persistente valor do jovem Miguel, outra vez um «El Litri» nas arenas, pondo a praça a saltar entre o susto e o delírio. Estropeou com a espada algumas quatro orelhas: mas em vez dos troféus houve gaoneras escalofriantes, estetuários sem mover as sapatilhas, derechazos de joelhos, naturais chamando de largo e esperando quieto, e quieto mirando al tendido, e os molinetes apertados, e a colhida sem se olhar, não era precisa para que o espectáculo fosse assim impróprio para cardíacos, propício ao enfarte, se ele vier que venha ao menos assim, em alegria.

Rafi Camino ficara-se nos apontamentos, andara desinspirado, descolocado, sem atinar com o som cumpridor dos novihos de El Torreon. Lanceara distanciado o último, no quite ofereceu ao «sobresaliente» a oportunidade, que Pedro Heredia aproveitou em duas verónicas e meia, pequeno e garboso. E foi aí que Camino despertou, como se mais abanado pela ovação ao reserva do que pelo triunfo do seu alternante. Como se transfigurado tomou a muleta, levantou os olés com a lentidão do temple e a harmonia da figura, que disfarçavam ainda um certo vantagismo, tourear despegado, usando a ponta da muleta. Mas sobreveio a colhida impressionante, mais a nota sensível que tocou o coração da gente, ao ver como Paco Camino saltava à arena, a corpo limpo acudia o maestro ao quite, seu filho caído levantava. E quando, poupado pelas hastes, Rafi Camino voltou à cara do novilho, recomposto e com redobrados ânimos o fez passar numa série de redondos, agora sim cingidos, pela praça inteira se levantou a fervura de um comovido entusiasmo. Meteu decidido uma estocada, e brancas de lenços se fizeram as bancadas, pedindo a orelha, única da tarde. Mas o troféu não era ali o que mais importava, se ninguém arredava pé era para repartir entre os dois moços toureiros a ovação cerrada e final que os despedia e os esperava, para outra vez sentir com eles a nostalgia de reviver o passado e a alegria de acreditar no futuro.

6 de Julho, segunda-feira

Esta noite, fui ao Teatro de La Latina. E às tantas lembrei-me do Coliseu. O Coliseu é um mundo inesgotável de memórias acumuladas.

Pode passar-se nele em qualquer lugar, aqui em Madrid ou na Cochinchina.

É um lugar sem outra beleza que não seja a que lá vivemos, e sem darmos por isso guardamos. É um lugar que resiste a tudo, aos degraus duros da geral, ao cheiro a mijo das latrinas, às portas que batem mesmo com o Gigli a cantar o «Adeus à Vida» da «Tosca». O Coliseu acompanha-nos por toda a parte, lembramo-nos dele a propósito de tudo. Ou de nada, quando apenas procuramos sentir o tédio de modo que ele não doa. Esta noite, no Teatro La Latina, lembrei-me do Coliseu quando entrou em cena o Rafael Castejon. Actor de segunda fila, dos que não vêm na cabeça dos cartazes, nem nas revistas mundanas, a cores, com muitas fotografias, como diria o doutor Cunhal. Um desses actores que, se não existissem, era preciso ir inventá-los. No Latina representa-se uma velha farsa de Arniches, «Los Caciques», com o talento de António Garisa a tornar risível o posso quero e mando de don Asciclo. Castejon é o Pepe Ojeda, o tipo simplório mas vivo que chega ao pueblo e que o cacique julga ser o funcionário enviado pelo Governo para inspecionar as suas contas, violências e arbítrios, quer comprá-lo com notas, deferências, honras de visitante ilustre, até banda municipal tocando o pasodoble de Joselito. Castejon entrou no palco, disse não sei o quê. E lembrei-me que foi no Coliseu que pela primeira vez ouvi aquela voz castiça. Ia de tenor cómico numa companhia de zarzuelas. Era nos princípios de 1959, e cantava-se nessa noite «La rosa del azafran». Ele fazia o Moniquito, apaixonado não correspondido de Catalina, que era a Luisa de Cordoba. Apaixonado, mas contudo prudente: «Si me adviertes al pedirte/que no tiés ventana baja/no es el hijo de mi madre/el que sube a tu ventana.» O Coliseu, agora, passam-se muitos dias em que está fechado, sem zarzuelas, nem operetas, nem circo, nem luta livre, nem concertos, nem ao menos um daqueles filmes em 20 episódios e 31 partes «O Dragão de Fogo», «O Planeta Destruidor». E transformaram em salão de bingo o velho átrio, do bar, onde o café era requentado, e as sandes duras, e os bolos duvidosos. Mas continua a ser o Coliseu, refúgio de tantas lembranças e maravilhas, como se ali não existisse a regra deste mundo onde os homens amam e detestam as mesmas coisas.

7 de Julho, terça-feira

No «Diario 16» de hoje, há uma pequena coluna política em que Juan Teba alude à honra que supõe, aqui em Espanha, o grito de «Torero! Torero!». Mesmo fora das arenas, até nos estádios. O argentino Gabriel Calderón, um dos mais eficazes estrangeiros do futebol espanhol, contava ao lendário Di Stefano o orgulho que sentia, no Bétis de Sevilha, ao ouvir o grito de Torero! Torero!, quando marcava os seus livres directos; ao que a «seta loura» terá respondido: «A mim nunca me aconteceu uma coisa tão linda!»

Com o mesmo grito uma multidão vitoreava um dia destes o alcaide destituído de Leon, querendo vê-lo de volta. Torero! Torero! Em Espanha é o máximo. Dizia recentemente Pepe Luis Vasquez: «ser toureiro é mais difícil do que ser astronauta.» Não sei se o Fernando Sabino estará de acordo, com o seu medo atávico de andar em aeronave, nem é preciso que seja espacial. Aliás, o grande cronista brasileiro não se sente caso único. Para ele, «os homens se dividem em duas espécies: os que têm medo de andar de avião e os que fingem que não têm». Mas se o Fernando Sabino se tivesse visto numa arena, com um touro na frente e com um trapo vermelho na mão, certamente diria que as espécies em que os homens se dividem são a dos que têm medo do touro e a dos que fingem que não têm. E falaria verdade. O medo faz parte da dignidade do homem, sem ele não faria sentido o orgulho de ser toureiro, de lhe chamarem toureiro.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE POMBAL

ANÚNCIO

FAZ SABER QUE na 3.ª secção da Comarca de Pombal se encontra pendente uma acção sumária n.º 381/85, movida pela autora DIMOGRUPO, com sede em Travasso — Pombal contra MATOS & FILHOS, LDA. (MAFIL), com sede na Av.ª Alberto Sampaio, 130 e Rua José Branquinho, 268 — VISEU, é este réu citado para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de cinco dias, contada da segunda e última publicação do anúncio, sob a cominação de vir a ser condenado no pedido que a autora deduz naquele processo e que consiste em pagar à autora a quantia de Esc.: 180 995$90 acrescida de juros.

Pombal, 87.07.28

O Juiz de Direito,
Jaime Paulo Tavares Valério
A Escriturária,
Yolanda Rosa da Conceição

«D.L.» 6/8/87 – 1.ª Pub.

12.º ESTÚDIO EXPERIMENTAL DE COREOGRAFIA DO BALLET GULBENKIAN
7 e 8 de Agosto, 21.30
Grande Auditório Gulbenkian

...Oito Seres e uma Pergunta!
(Rui Pinto/Bob Dilan)

«Do It Yourself» — Serviço Permanente
(Margarida Bettencourt/Pat Matheny)

Mar de Setembro
(Ângela Clemente/Maximiano de Carvalho)

Sem Título
(Carlos Carvalho/Piano One)

Ponto de Interrogação
(Vera Mantero/Dave Holland e Marvin Smith)

Miragem
(Gagik Ismailian/Camille Saint-Saëns)

Tango
(Ângela Clemente/Igor Stravinsky)

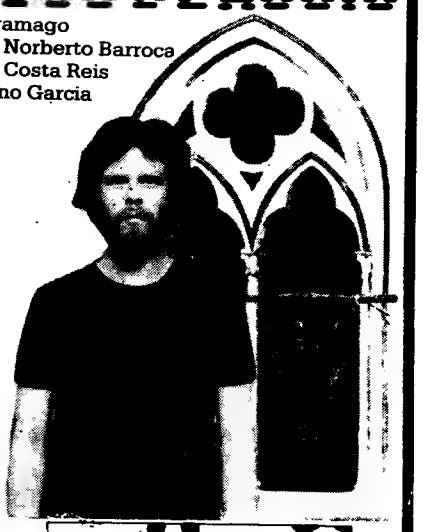
Cântico
(Luís Damas/Emanuel Ramalho)

Ati
(Paula Pinto/Música Tradicional Japonesa)

...Acima de Tudo, Nós
(César Moniz/The Art of Noise)

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Serviço de Música

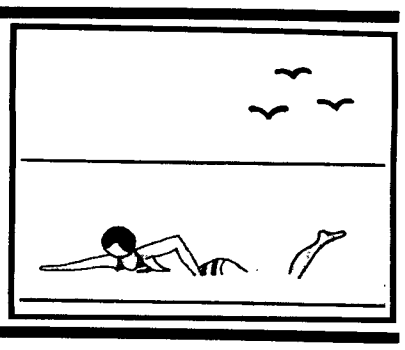
novo grupo apresenta
CICLO DE PEÇAS INÉDITAS PORTUGUESAS
A SEGUNDA VINDA DE FRANCISCO DE ASSIS
De José Saramago
Encenação e Cenário: Norberto Barroca
Figurinos: José Costa Reis
Música: Paulino Garcia



Interpretação
Adriano Luz
Amílcar Botica
Argentina Rocha
Francisco Pestana
Isabel Ribas
João Baião
Jorge Gonçalves
José Gomes
José Pedro Gomes
Laura Soveral
Melim Teixeira
Miguel Martins
Teresa Sobral

APOIO DIÁRIO DE LISBOA
Quintas • Sextas e Sábados às 21.30
Domingos - Matinée às 16 h
TEATRO ABERTO
APOIOS: ALPWA ET OMEGA-T.L.R.-DATA GENERAL-DIGICONTA-RANK XEROX
COMPANHIA SUBSIDIADA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

SE
nada pouco
ou tem cãibras
não se afaste da praia



VENDE-SE
Fiat 127 900 c
Pintado recentemente, totalmente em bom estado geral. Vendo pela melhor oferta.
Telef.: 204 67 12
(A partir das 19 h)

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

PRIMAS
(n/acons. m. 18 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

REGRESSO À TERRA O CAMINHO DAS ESTRELAS IV
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319

COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1

REGRESSO À TERRA O CAMINHO DAS ESTRELAS IV
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4

SID NANCY
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5

PIRATAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70

O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila

— T. 539930

ACADEMIA DE POLÍCIA – IV
(A Patrulha do Cidadão)
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.10 e 21.45 h

Avis

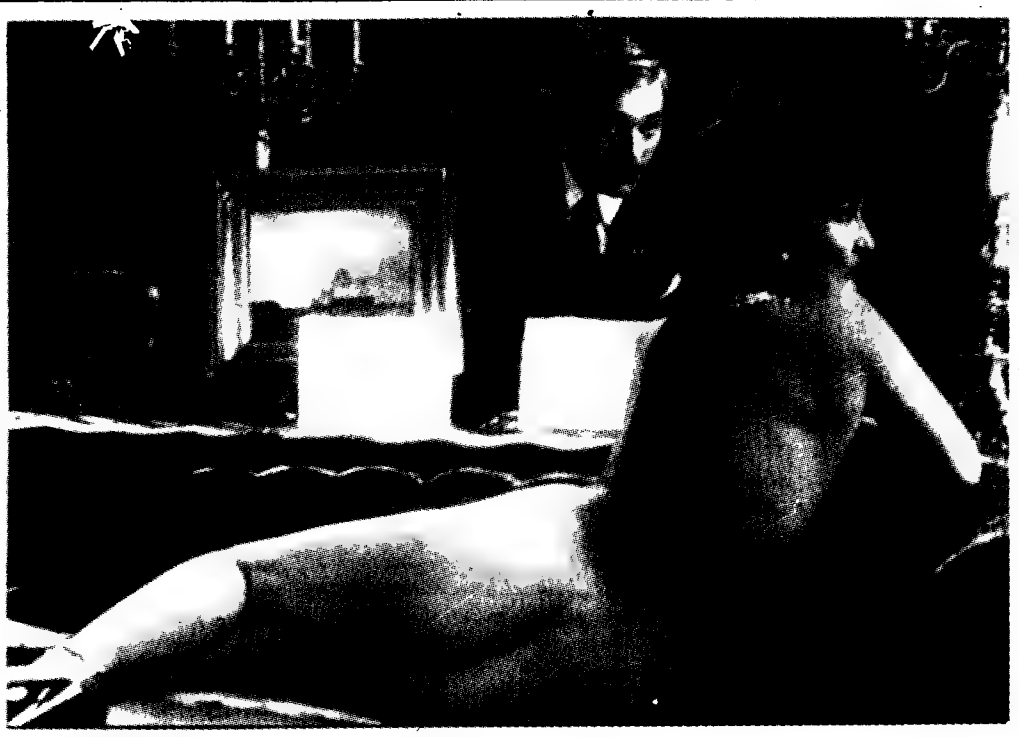
— T. 547163

RASPUTINE
(porno)
(interdito men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

PIRATAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h



Uma cena do filme «Os Loucos Anos 50» uma realização explosiva de Peter Zadek a estrear brevemente no Estúdio 444

Capitólio

— T. 372358

SEXO ESPACIAL
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

ACADEMIA DE POLÍCIA (A Patrulha do Cidadão)
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

AS ESCRAVAS DO SEXO
(porno)
(maiores 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

Cine Camões

T. 324194

KUNG-FU EM EXPLOSÃO
(Int. m. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
VINGANÇA SELVAGEM
(maiores 18 anos)
24 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Amália

SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÃO

City Cine

— T. 549999

UM LUGAR NO CORAÇÃO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

TRÊS AMIGOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

GULAC
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

O MISTÉRIO DE GORKY PARK
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

BARRY LINDON
(maiores 13 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Fórum Picoas

— T. 541037

WHAT?
(n/acons. m. 18 anos)
19.00 e 22.00 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 3

SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 5

PRIMAS
(n/acons. m. 18 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Gemini

— T. 734009

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

Sala 1

A COSTA DO MOSQUITO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Sala 2

TRÊS AMIGOS
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

MULHERES DA RUA
(maiores 18 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

TRÊS AMIGOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

HUMILHAÇAO
(maiores 18 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

PIRATAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

CURTO-CIRCUITO
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

MULHER EM FÉRIAS AMANTE EM CASA
(Int. m. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia

T. 325309

DESEJOS ESCALDANTES
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé

— 821933

COCOON — AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama

T. 326305

OS GANSOS SELVAGENS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

SID E NANCY
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A MULHER DO LADO
(interdito men. 13 anos)
23.45 h

Sala 2

O IMPÉRIO CONTRA-ATACA
(n/ acons. m. 13)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
NEGÓCIO ARRISCADO
(m/ 16 anos)
23.45 h

Sala 3

POLICE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
23.45 h

Sala 4

TAXI DRIVER
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
NOSFERATO, O FANTASMA DA NOITE
(n/acons. m. 18 anos)
00.45 h

Roma

T. 889192

GELADO DE LIMÃO VI
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

OS CARRASCOS NUNCA MORREM
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

REGRESSO À TERRA / O CAMINHOS DAS ESTRELAS IV
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

CURTO-CIRCUITO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

A COSTA DE MOSQUITO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e **21.45 h**

7.ª Arte

— T. 730715

ACADEMIA DE POLÍCIA IV
(A Patrulha do Cidadão)
(maiores 6 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

CURTO-CIRCUITO
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

ACADEMIA DE POLÍCIA – A PATRULHA DO CIDADÃO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

48 HORAS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

MULHERES DA RUA
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «A Jóia do Nilo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Comboio em Fuga», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Babilónia — «Conta Comigo» às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 6 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Salvador», às 21.30 h (maiores 16 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «São Salvador», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Comboio em Fuga», às 21.30 h (maiores 12 anos).

ODIVELAS — Cineodivel — «Cujo — O Novo Símbolo do Terror», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Mona Lisa», às 17.00 e 21.15 h (maiores 16 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «O Fuzileiro Implacável», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Porky's», 15.30 e 21.30 h (int. m. 13 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Comando», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)

Sala 2 — «Veludo Azul», às 15.30, 19 e 21.45 h (maiores 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Águia de Ferro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Três Amigos», às 15.15, 18.45 e 21.30 h (maiores 6 anos)

Sala 2 — «Selvagem e Perigosa», às 15.30, 18.45 e 21.30 (maiores 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «The Day After», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «Mulheres em Fúria», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Um Vagabundo na Alta Roda», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «Uma Mulher dos Diabos», às 15.15, 17.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — Encerrado para férias.

JAZZ NA GULBENKIAN

A quarta edição do «Jazz em Agosto 87», na Fundação Gulbenkian, prossegue esta noite com a segunda apresentação do grupo «World Saxophone Quartet», que ontem inaugurou o Festival.

O grupo, composto por Hamiet Bluiett, Julius Hemphill, Oliver Lake e David Murray, actua pelas 21 e 30 horas, no Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Calouste Gulbenkian.

O «World Saxophone Quartet» iniciou a sua actividade em 1977 em New York, denominando-se «New York Sazophone Quartet». Trata-se de quatro saxofonistas da dinastia hegemónica do «post free», que introduziram no Jazz contemporâneo a fórmula do Quarteto de Saxofones que já tinha conhecido uma expressão iniciadora com os «Four Brothers» de Jimmy Giuffre e Getz nos anos 40.

Os antecedentes de Hemphill, Bluiett e Lake são comuns tendo participado nos anos 60 nas actividades do «Black Artists Group» (BAG), resposta em St. Louis à AACM de Chicago. David Murry, nascido em 1955 em Berkeley, Califórnia, é o mais novo do quarteto, notabilizando-se em New York a partir de 1975 no movimento da denominada Geração Loft.

O discurso complementar dos quatro saxofonistas, individualmente personalidades distintas, revela um universo renovado no Jazz Contemporâneo onde — à semelhança de um Art Ensemble of Chicago — se fundem referências de toda a História do Jazz, exibindo uma original arquitectura orquestral e onde, nos seus múltiplos contrastes, não falta o humor. Identidade múltipla, o ««World Saxophone Quartet» ao longo dos seus dez anos de carreira impôs-se como uma figura emblemática do Jazz que, tal como o cinema ou a dança moderna, define uma das qualidades artísticas do nosso século.

EXPOSIÇÕES

CASA-MUSEU ÁLVARO DE CAMPOS (Tavira): «Os Fios e os Frutos» é a designação da exposição colectiva de Graça Delgado, Ana Gonçalves, Evelyne Martin, Maria José Oliveira e Vítor Pomar. A mostra pode ser visitada até 15 de Agosto, de terça a sexta-feira, das 16 às 20 e das 22 às 24 horas.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (Centro Artístico Infantil): está patente uma exposição de trabalhos de expressão plástica e literária da autoria ce crianças dos 5 aos 12 anos, trabalhos esses que resultam de um concurso organizado pela Fundação junto das escolas oficiais do país. A mostra está aberta todos os dias das 15 às 17 horas, excepto às sextas-feiras, até 25 de Setembro.

MONTEMOR-O-VELHO (Câmara Municipal): o I Encontro de Artes Plásticas está patente ao público até dia 9. Entretanto, mas no posto de Turismo, até ao próximo dia 16 está aberta a exposição de pintura de Zé Penincheiro. A mostra pode ser visitada de segunda a sexta-feira das 9 às 17 e 30 horas e ao fim de semana das 13 às 19 horas. A exposição é uma das actividades paralelas do

CITEMOR — Ciclo de Teatro no Castelo de Montemor-o-Velho, organizado pelo CITEC (Centro de IniciaçãoTeatral Ester de Carvalho).

SINTRA (Av. Heliodoro Salgado, nº 53): a secção filatélica dos Bombeiros Voluntários de Sintra promove, até 9 de Agosto, a VIII Mostra Filatélica de Sintra. O certame conta com a presença de numerosas colecções de selos, postais máximos e inteiros postais.

VILA DA CHAMUSCA (Galeria Municipal): está aberta ao público até 16 de Agosto, das 9 às 23 e 30 horas (dias úteis) e das 14 às 23. e 30 horas (sábados e domingos), a exposição «Malacologia».

JUNTA DE FREGUESIA DA CHAMUSCA: «Ver e criar para mostrar e ver» é a designação da exposição retrospectiva que o forógrafo Aníbal Sequeira tem patente ao público neste espaço até 15 de Agosto, todos os dias das 14 às 19 horas. O autor, nascido em Lardosa (Castelo Branco) em 1937, é licenciado em Economia pelo Instituto Superior Técnico de economia e quadro técnico da EPAL. Desde 1960 que se dedica à fotografia como forma de expressão artística.

MUSEU DE SETÚBAL: Miranda da Silva, Maria João Franco, Francisco Cardia, Teresa Caria, Maria Irene Pina, Artur Pedro da Silva, Mariline Alão, Belmira Nunes e Mara Peres da Silva são os pintores e escultores da E.S.B.A.L. que têm patente uma mostra colectiva até 9 de Agosto, das 9 e 30 às 12 e 30 horas e das 14 às 17 e 30 horas.

ESCOLA ANTÓNIO ARROIO (Lisboa): até ao dia 9 de Outubro pode visitar a exposição Ano Lectivo 1986/87 dos alunos da escola. A escola organizou núcleos de exposição nas áreas de cerâmica, metais, equipamento, artes gráficas, desenho têxtil e imagem e comunicação, integrando trabalhos de alunos de frequentaram o estabelecimento de ensino durante o ano lectivo 86/87. A mostra pode ser visitada das 9 às 20 horas, excepto sos sábados e domingos.

GALERIA DA VINCI (R. de Belém, 75-77, em Lisboa): está patente uma exposição colectiva com obras de António Carmo, Artur Rosa, Eugénio Rosa, Figueiredo Sobral, Helena Almeida, Helena Fragoso, Helena Sá, Hélder Batista, João Fragoso, José Cândido, Pedro Chorão, Rocha de Sousa, Rogério de Freitas e Rogério Amaral. A mostra pode ser visitada todos os dias úteis, das 9 às 12 e das 13 às 19 horas.

HOTEL MERIDIEN PORTO: 67 aguarelas inéditas de Carlos Carneiro estão exposta neste local. As aguarelas constituem a memória de uma viagem do autor à Alemanha, em 1943. Carlos Carneiro, filho do Mestre António Carneiro, de quem foi discípulo na Escola de Belas Artes do Porto, foi pintor, aguarelista e desenhador. Distinguiu-se como paisagista e co o intérprete de trechos de velhos bairros do Porto, tendo exposto em vários locais, nomeadamente Paris, Londres, Berlim, Vigo e Antuérpia. Premiado em vários certames nacionais e internacionais, a artista tem a sua obra representada em diversos museus, nomeadamente no Museu nacional Soares dos Reis (Porto) e Museu de Belas Artes de Mulhouse. Como disse Eugénio Andrade, prefaciando o catálogo da sua exposição no Palácio Foz em 1967, «Um pedaço de papel diante do pintor é um pretexto de desnudamento. Uma frágil, delicada, aérea arquitectura de linhas ou cores, ausente de símbolos ou metáforas, vai assim deixando um rastro leve, impondo um ritmo discreto».

INSTITUTO JOSÉ DE FIGUEIREDO (Rua das Janelas Verdes): até finais de Setembro, todos os dias úteis das 14 às 20 horas, pode ser apreciada a exposição subordinada ao tema «Conservação e Restauro no Instituto José de Figueiredo». As actividades do Instituto, que se exercem no domínio da pintura, têxteis, escultura, pintura mural e documentos gráficos, cobre todo o País e procura dar resposta aos pedidos que lhe são dirigidos quer por parte da Igreja, dos museus, autarquias locais ou mesmo de particulares que possuam obras de arte classificadas.

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: até 31 de Agosto podem ser apreciadas neste local várias peças de cerâmica da autoria de Eduardo Filhó. A exposição é subordinada ao tema «Os Saloios». A artista tem ainda patente ao público, na Sala de Etnografia do mesmo museu, até 28 de Setembro, uma mostra intitulada «Um Olhar sobre caneças».

AMOREIRAS SHOPPING CENTER (Galeria 2102): Ernesto Neves tem patente ao público, até 10 de Agosto, uma exposição de azulejos. Trabalhados com uma técnica inovadora, os diversos painéis da mostra aludem aos Descobrimentos portugueses e à cidade

TEATRO

SALA DO POVO PORTUENSE (Rua de camões, Porto): o grupo de teatro «Seiva-Trupe» apresentadiariamente nesta sala, pelas 21 e 45 horas, ape ca de Anton Tchekov «O Tio Vânia». O espectáculo tem encenação de Fernando Umana e interpretação de Júlio Cardoso, Estrela Novais, Alberto Quaresma, Glória Férias, Olga Gandra, Alfredo Correia, Laura Perry, Carlos lacerda e Rui Oliveira. A peca mantém-se em cena até 15 de Setembro.

GALERIA MONUMENTAL (Campo Mártires da Pátria, 101, Lisboa): A «Companhia das Luzes» tem em cena até ao dia 20 de Agosto o espectáculo «Jogos de Praia», com sessões de terça a domingo às 21 e 30 horas.

TEATRO VASCO SANTANA (Lisboa): O Teatro Estúdio de Lisboa continua apresentar as suas «Senhoras das Quintas-Feiras», todos os dias da semana (excepto à segunda), até 15 de Agosto, pelas 21 e 30 horas. O espectáculo tem encenação de Luzia Maria Martins, tradução e dramaturgia de Monique Rutler, dispositivo cénico de Fernando Filipe e é interpretado por Clara Joana, Luísa Ortigoso, Maria Dulce e Carlos Vieira de Almeida.

CALDAS DA RAINHA: o grupo «Teatro da rainha» continua a apresentar até ao próximo dia 9 a sua última produção, a peça «Os Rústicos», na sala/teatro da casa da Cultura das Caldas da Rainha, pelas 21 e 45 horas. Escrito por Carlo Goldoni, autor veneziano do século XVIII, este espectáculo foi encenado por Fernando Mora Ramos e José Peixoto, tem música de Carlos Alberto Augusto, cenário e figurinos de José Carlos faria e interpretação de Isabel Leitão, Isabel Lopes, Isabel Munoz, José Mora Ramos, Valdemar de Sousa e Victor Santos.

MERCADO DE SANTANA (LEIRIA): o TELA — Teatro Experimental de Leiria, apresenta, só até ao dia 8 de Agosto a peça «A Noite Antes da Festa», de José Gil e Carlos Fragateiro. A produção é de Luís Filipe Cruz e a interpretação está a cargo de Joaquim Paulo Nogueira, Pedro Oliveira, Maria José Belbut e Rui Sérgio.

MÚSICA

TORRE DE BELÉM (Lisboa): integrado no XIII Festival de Música da Costa do Estoril realiza-se esta noite, pelas 21 e 30 horas, um concerto de música inglesa e italiana do século XVII, com Helena Afonso (soprano) e Nuno Miranda (alaúde e tiorba). O programa é preenchido coma interpretação de obras dos compositores Frescobaldi, Monteverdi, Piccinini, Caccini e Danyel.

CONVENTO DOS CAPUCHOS (Caparica): «Le samedi Soir a Paris» é a designaç~pao do espectáculo que tem lugar esta noite, pelas 21 e 30 horas e que conta com Luís madureira (voz), António Emiliano (piano e sintetizadores), Carlos Martins (saxofone) e Emanuel ramalho (percussão). No espectáculo, que está integrado no Festival de Música dos Capuchos, serão ouvidas obras de Kosna, Trenet, Goragner, Boris Vian, Gillois, Wiener, Jacques Prévert, Maurice Chevalier, Maurice Magre, Kurt Weill, Crolla, Hornez, Drejac, Giraud, Clopin, Clopant, Durand, R. Noel, casanova e Berlioz.

CASINO DO ESTORIL: Nuno da Câmara Pereira apresenta-se esta noite no Casino, para uma noite de fado.

FEIRA POPULAR DE LISBOA: tem lugar esta noite a segunda parte do concurso «Cantar Lisboa». Na primeira parte actuará o grupo «Maio Moço».

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Ibéria, R. Barão de Saborosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE: Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **AMOREIRAS** - R. Silva Carvalho, 252-C (T. 650760); **ANJOS - LISBOA GINÁSIO CLUBE: São José**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIRRO ALTO: Véritas**, R. da Misericórdia, 135 (T. 327564); **BEATO: Grijó**, R. do Grilo, 25 (T. 385265); **BENFICA - CHARQUINHO: Macedo**, R. da República da Bolívia, 69-C (T. 713697); **CALVÁRIO - ALCÂNTARA: Calvário**, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **ESTRELA - POSSIDÓNIO DA SILVA: Tagus**, R. Possidónio da Silva, 162-A (T. 669485); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **SALDANHA: Cruz Nunes**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (521845); **BRANDOA - AMADORA: Tavares de Matos**, R. Irene Lisboa, lote 108 (T. 993220); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS: Central de Ovivelas**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — AREEIRO - APEADEIRO: Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CHILE - ARCO DO CEGO: São Jorge**, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **CONDE BARÃO: Açoriana**, L. do Conde Barão, 2 (T. 661330); **ESTRELA: Aurélio Rego**, C. da Estrela, 139 (T. 661758); **GRAÇA: Almeida Dias**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **JERÓNIMOS: Remísio**, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699); **LARGO DO CAMPO PEQUENO: Miranda**, L. do Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **OLIVAIS VELHO: Olivais**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVÃ: Curie**, Av. Madame Curie, 15-A (T. 723220); **SÃO JOSÉ - TIVOLI: Fernandes**, R. de São José, 187 (T. 326476); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Cerqueira Afonso**, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D .Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Mascarenhas Neto**, R. D. Francisca Azambuja (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340127). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (T. 22216). Permanente; **Saio** Av. da Portela, 55 (T. 22109). Permanente; **Fuzeta**. Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LInDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote a, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: São Jorge, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (T. 4938703). Permanente; **Romeiro**, Urbanização Casal de São Brás, lote 116 (T. 4949050). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 971023). Até às 22 horas; **QUELUZ: Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 965849). Permanente; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571226). Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Dumas Brousse**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Permanente; **AVEIRO: Saúde**, R. de São Sebastião, 104 (T. 22569). Permanente.

Porto — PERMANENTE — HERCULANO, R. Alexandre Herculano, 384; **TERREIRO**, R. da Reboleira, 21, à Ribeira; **BARROS**, R. do Bonjardim, 1292, ao Marquês; **VITÓRIA**, R. de São Roque da Lameira, 756; **MAIA**, R. do Campo Alegre, 192.

TEATROS

TEATRO ABERTO

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

5.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«**A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS**«, de José Saramago. Cenário e encenação de Norberto Barroca. Figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. (Com o apoio do «Diário de Lisboa»)

Porto — Sala do Povo Portuense

R. de Camões, 578 — Tel. 38 21 31

De terça a domingo, às 21.15; domingo, às 16.00

«**O TIO VÂNIA**«, de Tchekhov. Pela Seiva Trupe. Encenação: Fernando Umaña.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«**TRILOGIA DA GUERRA**« (1.ª parte), de Edward Bond. Tradução de Miguel Cintra, Luís Lima e José Manuel Mendes. Encenação de LuísMiguel Cintra.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

De terça a sáb., às 21.30. domingos, às 16.00

«**AS SENHORAS DAS QUINTAS-FEIRAS**«, de Loleh Bellon. Pelo Teatro-Estúdio de Lisboa. Tradução e dramatização Monique Rutler. Encenação de Luzia Maria Martins. Intérpretes: Carlos Vieira de Almeida, Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel Medonça e Maria Dulce.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto de Figueiredo — Tel. 267 03 20

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«**TARTUFO**«, de Molière. Pelo Teatro Experimental de Cascais. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Santos Manuel, Marília Costa, João Vasco, Luísa Salgueiro, Paulo B., Alexandra Lencastre e Luís Rizo, entre outros.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

«**LISBOA, TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Teatro do Triângulo

R. da Cintura do Porto de Lisboa, Santos — Tel. 67 61 91

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«**O FÍSICO PRODIGIOSO**«, de Jorge de Sena. Adaptação e encenação: André Nuno.

Teatro Maizum

R. dos Poiais de São Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

«**BELA-CALÍGULA**«, de Augusto Sobral. Encenação: Rogério Vieira. Cenários: Augusto Sobral. Figurinos: Jasmim. Intérpretes: Manuel Cintra e Silvina Pereira.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«**TOMA LÁ REVISTA**«, de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone deOliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Balneádr. Paulo Borba — Tel. 29 130

5.ª, 6.ª, sábado e domingo, às 21.30

«**BOAVIDA**» e «**O DIPLOMA**«, de Luigi Pirandelo. Pelo Teatro de Animação de Setúbal. Encenação de Carlos César. Interpretação de Rui Paulo, Nuno Mello, Maria Simões, Gil António, Pompeu José e João Victor, entre outros.

Teatro Galeria Monumental

Campo dos Mártires da Pátria, 101 — Tel. 53 38 48

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«**JOGOS DE PRAIA**«, de E. A. Whitehead. Pela Companhia das Luzes. Encenação: Diogo Dória e João Canijo. Intérpretes: Diogo Dória, Rita Blanco, Susana Borges e Vítor Norte.

Setubal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 291 30

Quinta, sexta, sábado e domingo, às 21.30

«**BOAVIDA**« e «**O DIPLOMA**«, de Pirandello. Pelo Teatro de Animação de Setúbal. Encenação: Carlos César.

Casa do Pessoal do Porto de Santos

R. da Cintura do Porto de Lisboa — Tel. 60 20 21

De 3.ª a domingo, às 21.30. Até dia 31

«**AUTO DO FÍSICO PRODIGIOSO**«, adaptação da novela de Jorge de Sena. Pelo Teatro Triângulo. Encenação de André Nuno. Interpretação de Sandra Martins, Jorge Alonso, Alexandra Melo, Filipe Costa, Jorge Tavares e André Macedo, entre outros.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«**OS DOIS CORCUNDAS E A LUA**«, de Richard Démarcy. Encenação: João Mota. Música: Domingos Morais e José Pedro Caiado. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Carlos Paulo, Isabel Medina, Jorge Loureiro. Manuela Couto e Paulo Ferreira.

Sala 1

Quartas, quintas e sábados, às 22.30

«**O URSO NA CAMA**«, de Zé Gouveia. Pelo Gurpo Sete Ofícios. Encenação de Geraldo Tuché e Zé Gouveia. Interpretação de Geraldo Tuché e Octavio Rocha.

Teatro Villaret

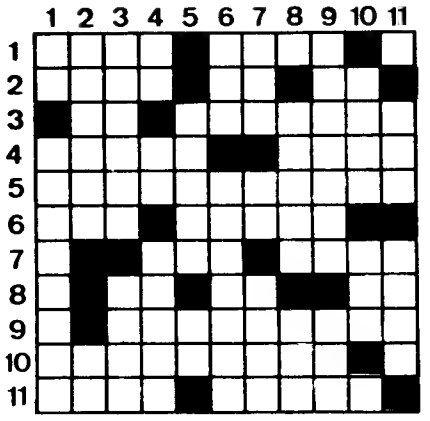
Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CRIADA PARA TODO O SERVIÇO**», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17102



HORIZONTAIS:

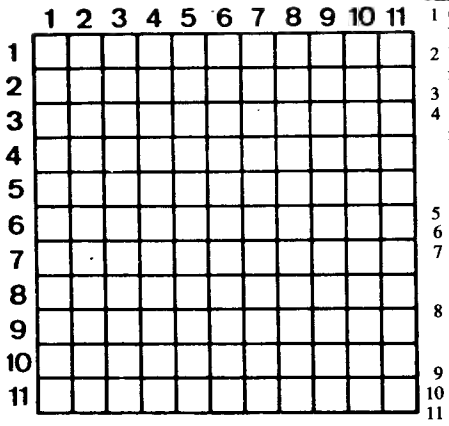
1 Preposição. Aquele que. Tempo do verbo ser.
2 Transpiras. Pátria de Abraão. Artigo definido (ant).
3 Antiga unidade monetária da Alemanha. Colheita e exame (ao microscópio) de tecidos como processo de diagnóstico médico.
4 Terreno inculto. Tosta.
5 Suportarias.
6 Calote. Pontão de areia em frente de Setúbal.
7 Tomba. Guarnecei de asas.
8 Mulo. Sódio (s.q). Preposição.
9 Atacara.
10 Perseguirias com apupos.
11 O mesmo que urso (ant). Gorgulhos tropicais.

VERTICAIS:

1 Post scriptum. Nome de peixe.
2 Madrugada. Post scriptum.
3 Nome de dois reis de Aragão. Ruins.
4 Carta de jogar. Cobalto (s.q). O mesmo que saliva.
5 Chega! (interj). Freguesia do concelho de Ponte de Lima.
6 Letra grega. Gorjeara.
7 Boi selvagem. Preposição e artigo. Combino.
8 Hilota. Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte de África.
9 Reformador social (fig). Guarneço de asas.
10 Plana. Prefixo que designa ar.
11 Colina na Suécia. Magnetes naturais.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15927



HORIZONTAIS:

1 Região ao Sul da Espantravessada pelo rio Guadalquivir.
2 Animal bovino, do sexo masculino, adulto e não castrado. Aqui.
3 Ruim. Feições.
4 Carregaremos.
5 Boneca (pop). Combinais.
6 Cordeiros.
7 Motim das ruas. Sufixo que designa estado.
8 Cólera. Sistema.
9 Miriare. Alterar.
10 Prefixo de negação. Alternativa. Pães de milho.
11 Pertences. Tempo do verbo ser.

VERTICAIS:

1 Cidade dos Estados Unidos. Um milhar.
2 Em o. Pronome pessoal. Saem frequentemente à rua.
3 Fluir.
4 Pequena árvore da família das mirtáceas, de frutos comestíveis frequente no Brasil e cultivada emPortugal. A voz do lobo e de outras feras (pl).
5 O lado do vento. Cidade da Suíça.
6 Fechar.
7 Mulher que se intromete em tudo. Concelho do distrito de Cabo Delgado.
8 Bisnaga. Vinho de palmeira e de coco, empregado antigamente em medicina como tónico.
9 Filtras. Cupido.
10 Costurei. O sono das crianças.
11 Cabelos brancos. Aspecto amável.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17101**

HORIZONTAIS:

1 FOME. Falcon.
2 Ema. Madã.
3 Zaco. Zagala.
4 Ru. Rematar.
5 E. CI. Maré.
6 Somar. Irá.
7 Ps. Mo. Iama.
8 Estanca. Aba.
9 Rói. Casaria.
10 Astros. Ciar.
11 Ousar. Aro.

VERTICAIS:

1 Fez. ESPERAR.
2 Omar. Ossos.
3 Macuim. Tito.
4 Cama. Ru.
5 Roncos.
6 FAZEM. Casa.
7 Adamarias.
8 Lagar. Ac.
9 Ateimaria.
10 Lá. RABIAR.
11 Arrã. Aaro.

PROVÉRBIO: Fome e esperar, fazem rabiar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **15926**

HORIZONTAIS:

1 Cá. Crava. Os.
2 Aparatosos.
3 Ais. Sós. Ita.
4 Zás. Ta! Rs.
5 Estarás.
6 Pai. El. Si.
7 Assoar. Ás.
8 Iriara.
9 Fiarias. Aal.
10 Ás. Oanes. Sá.
11 Assomam.

VERTICAIS:

1 Caazapa. Fão.
2 Ápia. Assis.
3 Assais.
4 Cr. Oiros.
5 Rastejarias.
6 Atoas. Riano.
7 Vós. Te. Asem.
8 Ás. Calar. Sá.
9 Oi! Saa.
10 Ostras. Ás.
11 Assinalas.

Rádio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.25**: Música portuguesa; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.55: Efeméride musical; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Estórias da História; **17.40**: Trechos de ópera, de Weber, Donizetti, Leoncavallo, Wanger e Rossini; **18.40**: Valsas instrumentais, de Sibelius, Chopin e Johann Strauss Jr.; **19.00**: Integrais; **19.30**: «Sinfonia Londres», de Vaughan Williams; **20.15**: «Jubilate Deo», cantata, de Fiocco; **20.40**: Música, para violino, de Vieuxtemps; **21.00**: Histórias de música e... outras; **21.30**: Música de câmara, de MacMillan; **22.00**: Música vocal comentada; **23.30**: Concerto sinfónico; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já de vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde. Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Cantar português; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite- **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

TELEVISÃO

RTP 1

14.55 - Matinée
«Orgulho e Paixão»

17.00 - Ponto por Ponto

18.00 - Sumário

18.05 - Brinca Brincando
«Vento nos Salgueiros»

18.25 - A Família Bellamy
25º Episódio: Richard Bellamy convida o embaixador de França, a mulher e a filha para um jantar em Easton Place. Mas Virginia está ausente e Mrs Bridge enerva-se. Conseguirá Richard oferecer o jantar?

19.25 - A Prática das Colecções
3º Episódio

20.00 - Telejornal

20.30 - Bolsa Dia a Dia

20.35 - Boletim Meteorologico

20.45 - Dona Santa
28º Episódio

21.40 - ALF - Uma Coisa do Outro Mundo
21º Episódio: Alf arranja mais um problema para os Tanners quando decide começar a jogar e as suas perdas se avolumam

22.05 - Telemundo

22.35 - Terna é a Noite
4º Episódio

23.40 - Notícias

23.55 - Estádio
Inclui volta a Portugal em bicicleta

RTP 2

17.16 - Os Imigrantes
57º Episodio

18.00 - Countdown

19.05 - Simon Show

20.00 - Hitchcock Apresenta

20.30 - Uma Família às Direitas
158º episódio: Edith altera os preciosos planos de Archie para uma pescaria ao arranjar-lhe como companheiros, entre outros, uns recém-casados

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Montra de Livros

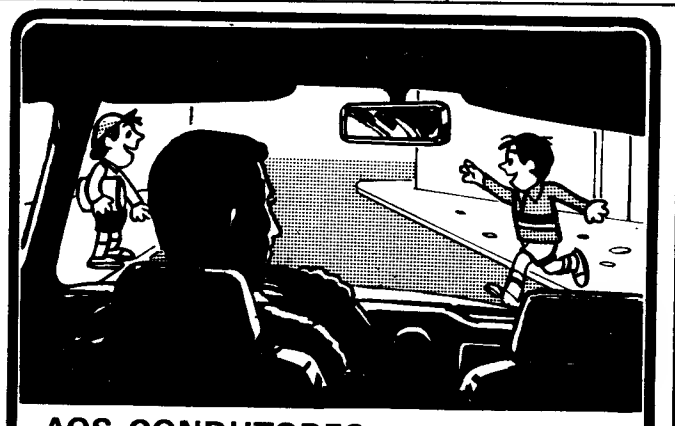
21.35 - O Tempo e o Vento
18º Episódio

22.10 - Soldados
10º Episódio: Mortes e ferimentos são o preço pago pelos soldaos no campo de batalha. Os avanços da ciência médica ampliaram as possibilidades de sobrevivência dos feridos, mas, no passado, nem sempre assim foi. Historicamente, os soldados morriam, aliás, mais de doenças contraídas em campanha do que de ferimentos.

AMANHÃ

RTP-1
10.01 - Às Dez
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Desenhos Animados
13.50 - Foi Êxito na TV
15.00 - Seja Bem Vindo
17.05 - Ponto por Ponto
18.00 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
18.30 - A Família Bellamy
19.25 - Memoria Audio–Visual
20.00 - Telejornal
20.30 - Bolsa Dia a Dia
20.35 - Boletim Meteorológico
20.50 - Mobil nos Caminhos de Portugal
22.05 - Festival Rock-Rosa de Ouro de Montreux
23.20 - Notícias
23.35 - Estádio
23.50 - Pela Noite Dentro

RTP-2
17.16 - Os Imigrantes
18.00 - Countdown
19.00 - Simon Show
20.00 - Hitchcock Apresenta
20.35 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Clube de Jornalistas
22.05 - Aventura e Paixão
23.00 - Troféu



AOS CONDUTORES

"Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua distraidamente, para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma."

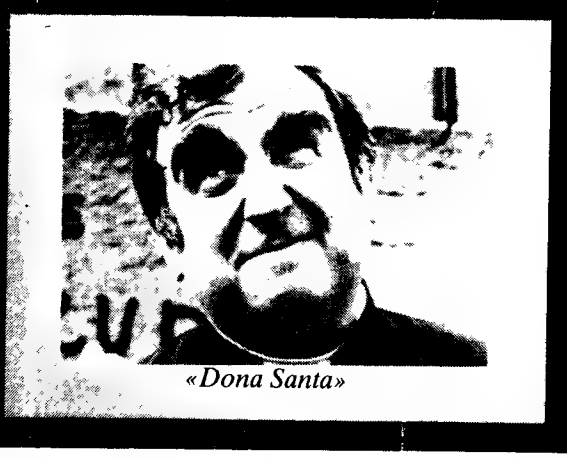
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1
22.35
- Terna é a Noite

RTP 2
21.35
- O Tempo e o Vento

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570



«Dona Santa»

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Tecnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 . 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte. 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira: 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

Três pessoas já morreram de sida na Polónia e outras 37 são portadoras confirmadas deste vírus mortal segundo informação de um responsável do Ministério da Saúde que se baseou no rastreio efectuado até agora a 204 mil dadores de sangue e nos testes efectuados a seis mil pessoas de grupos de alto risco. As três vítimas mortais tinham vivido durante algum tempo no estrangeiro e, por isso, as autoridades polacas alargaram a vigilância a visitantes provenientes de países em «má situação epidemiológica».

"Homem" do Norte deu sugestões

Ordem dos Médicos quer mudanças na saúde

O presidente da Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos manifestou–se convicto de que «o novo Governo vai preocupar–se seriamente com o sector da saúde». E justificou a sua afirmação pelo facto «de ser um Governo para quatro anos e da urgência de serem supridas as carências do actual sistema de saúde constantemente posto em causa, porque funciona mal».

Segundo Pinto de Andrade, falando aos jornalistas na Casa do Médico, é necessária uma mudança do actual sistema pelo que terão de ser tomadas duas medidas em simultâneo: «melhorar o funcionamento das actuais estruturas de saúde do Estado e criar uma nova política que assente fundamentalmente no incentivar do trabalho médico e de outros profissionais de saúde».

«Só é possível ter bons serviços de saúde se os médicos neles se sentirem bem e reconhecerem que dispõem de boas condições de trabalho», lembrou este dirigente da Ordem.

E acrescentou: «Uma de duas opções este Governo vai ter que tomar: ou continuar a gerir, nos mesmos moldes, as actuais estruturas do sistema de saúde, que se encontram ultrapassadas, não oferecem o mínimo de satisfação às populações, onde se faz medicina burocratizada e onde os sucessivos governos têm gasto milhões; ou a opção que não exige a criação de mais hospitais, postos e centros de saúde, nem postos de trabalho do Estado».

Para Pinto de Andrade a solução óbvia é a que permite a existência de «dois sistemas concorrencionais e competitivos entre si e onde todos os profissionais de saúde podem encontrar um lugar de trabalho, quer no sistema tradicional quer em um outro a criar, nimeadamente num esquema de seguros de coença ou medicina convencional».

E frisou: «O segredo do êxito no sistema a ser criado reside no incentivo ao melhor trabalho, à melhor qualidade e à maior rentabilidade». Além disso, Pinto de Andrade defendeu que, mesmo para as estruturas actuais do Estado, «as gestões hospitalares devem ser autónomas, do tipo empresarial, condição primordial para a sua rentabilização».

«Por outro lado», acrescentou, «quando os hospitais conseguirem baixar a demora médica dos seus doentes internados, aumentarão a sua lotação, capacidade de atendimento e logicamente os custos por doente baixarão».

Mas, para além do mais, nestas declarações, aflora a necessidade de «uma nova filosofia de um serviço de saúde que permita ao cidadão ter liberdade de escolha do sistema em que se inscreve» porque «dessa forma sentem–se muito mais responsáveis por aquilo que lá se gasta, porque eles querem que o sistema que escolheram funcione o melhor possível». Em síntese, segundo este ponto de vista, «só um sistema que premeia a dedicação, o esforço, o trabalho e a rentabilidade pode ter êxito e pode ter futuro».

Nova espécie de insecto descoberta nos Açores

Uma nova espécie de insecto foi agora indentificada na ilha Terceira — soube a Lusa junto do grupo espeleológico «Os Montanheiros», com sede nesta ilha.

Segundo Fernando Pereira, um dos responsáveis por aquele grupo espeleológico que acompanhou na ilha Terceira uma visita de uma equipa de investigadores estrangeiros, que se encontra de visita aos Açores, os novos insectos, que são cegos, foram detectados na gruta dos Balcões, no interior da ilha.

A equipa de especialistas, que é constituída por cinco elementos das Universidades de Laaguna (Canárias) e de Edimburgo (Escócia), encontra-se nos Açores para efectuar um estudo sobre espécies cavernícolas e botânicas de carácter endémico.

Aqueles especialistas, que visitam as ilhas Terceira, Pico, Faial e S. Miguel, deslocaram-se ao arquipélago com o patrocínio da National Geographic Society.

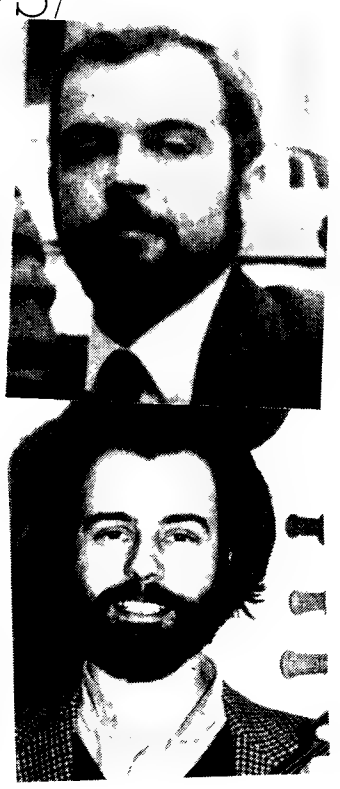
DE CARAS

FERNANDO PESSOA é indiscutível, e para a cultura portuguesa, lisongeiro, o interesse que, nos mais diversos países, desperta a personalidade e a obra de Fernando Pessoa. Na colecção «Temas Portugueses», da Imprensa Nacional—Casa da Moeda, foi agora editado o estudo de Ettore Finazzi–Agrô, «O Alibi Infinito — O Projecto e a Prática na Poesia de Fernando Pessoa». A tradução é de Amilcar M. R. Guerra. O autor italiano, residente em Roma, analisa a obra de Fernando Pessoa segundo três principais vectores: Os Confins do Texto; A Estrutura e o Abismo; Utopia e Verdade. Um estudo intiligente da obra do autor de «Mensagem» e dos seus heterónimos.

IVONE SILVA foi ontem de manhã submetida a nova intervação cirúrgica num hospital de Lisboa. Segundo uma fonte hospitalar, a operação foi «consequente de uma intervenção cirúrgica anterior», mas tratou–se de «uma pequena operação, que correu muito bem» e a actriz está a recuperar normalmente. Há já algum tempo que Ivone Silva se encontrava afastada da sua actividade teatral, devido à doença.

FERNANDO NOGUEIRA, ministro adjunto do primeiro–ministro para os Assuntos Parlamentares, inaugura amanhã, em Ansião, uma exposição–feira das actividades do concelho, integrada no programa dos festejos da vila. Fernando Nogueira será recebido ao fim da tarde na Câmara Municipal, seguindo depois para o recinto da mostra de artesanato, que consta de trabalhos de cestaria, latoaria, peças ornamentais de madeira e tapeçaria.

JOSEPH GOEBBELS: o seu diário, escrito entre 1920 e 1945, será brevemente publicado pela primeira vez, por uma editora alemã–federal, foi noticiado em Bona. Editado pela historiadora Elke Froehlich, do Intituto de História Contemporânea de Munique, o diário do ministro da Propaganda de Hitler tem 20 mil páginas e foi minuciosamente examinado por vários peritos, que confirmaram a sua autenticidade. O historiador Martin Broszat afirmou que o documento «é, com muita probalidade, não apenas o mais completo mas também o mais importante do poder nacional–socialista (nazi) escrito por uma das suas figuras mais destacadas». Várias vezes em risco de ser destruído, o diário pôde ser reconstituído na totalidade graças a microfilmes existentes e a um paciente trabalho de investigação que durou cinco anos.



BEATRIZ, rainha da Holanda, foi ontem internada num hospital de Haia, depois de ter sentido sintomas de meningite enquanto passava férias em França, revelou um comunicado oficial. «A rainha deu entrada no hospital de Bronovo, em Haia, para um exame médico», afirma o comunicado sem dar mais detalhes do estado da soberana. A rainha, de 49 anos, regressou de urgência a Haia depois de um breve internamento na estância de férias francesa de Antibes, na Cote D'Azur.

PEDRO CALDEIRA CABRAL é uma das atracções da «Noite de Música no Tejo», iniciativa de um grupo de jovens lisboetas prevista para o próximo sábado, a partir das 22 horas, a bordo de um dos mais bem apetrechados barcos da travessia diária do rio. Luís Xavier, Fernando Loureiro, Mila Ferreira/Rui Moura, Du Bocage e um Quarteto de Jazz, serão outras das vedetas da noite musical. O embarque está previsto para as 22 horas na estação fluvial junto à Praça do Comércio e a âncora será lançada a meio do Tejo, frente à Torre de Belém. «Noite curtida à vista», asseguram os organizadores. Os bilhetes estão à venda na ABEP(Restauradores) e, no próprio sábado, na estação sul–sueste.

Câmara do Barreiro insiste em que as Finanças saiam do seu edifício

A Segunda Repartição de Finanças do Barreiro, actualmente a funcionar nas instalações da Câmara será desalojada do edifício «no mais curto prazo» segundo uma fonte oficial.

Uma nota da Direcção-Geral das Contribuições e impostos, recebida ontem na Câmara do Barreiro, determina que a desocupação das instalações onde funciona a Segunda Repartição de Finanças será efectuada no mas curto prazo, «ainda no decurso do corrente mês de Agosto».

A Câmara do Barreiro, que determina o encerramento daquela Segunda Repartição de Finanças, decidiu agora que as instalações do organismo reabram a partir de 6 de Agosto, até à resolução do problema.

Segundo a nota da Câmara, em reuniões com a Secretaria de Estado dos Assuntos Fiscais, o Município comprometeu-se a construir, em terreno camarário localizado na Quinta da Lomba, o edifício para sede da Segunda Repartição de Finanças.

Depois de 1985, após reunião entre a Câmara e a Secretaria de Estado dos Assuntos Fiscais, foi elaborado um projecto da obra orçado em cerca de 6000 contos.

O projecto foi entregue à respectiva Secretaria de Estado no início de 1987 e teve o seu acordo total, informa o Município do Barreiro, tendo-se efectuado contratos com a Caixa Geral de Depósitos para o financiamento da obra.

«Até agora, a Secretaria de Estado dos Assuntos Fiscais não deu qualquer resposta sobre o início da obra», conclui a Câmara do Barreiro.

Professores possíveis do ensino primário com destino incerto

Os professores não efectivos do ensino primário correm o risco de passar Agosto sem saber onde vão leccionar no próximo ano lectivo.

A lista provisória de colocações não foi publicado como devia até 10 de Julho passadop nem até hoje, dia 28 como posteriormente se admitiu.

Segundo informações recolhidas pela Federação Nacional dos Professores, quando muito até fim desta semana, será publicada a lista provisória da educação pré-escolar (3000 educadores).

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. N.º 314

Graffitistas em França

Quando a arte da rua se torna quadro

Os autores de «grafittis» estão na moda. Prova-o o leilão há pouco organizado por Rogeon, em França. Mas hoje, muitos artistas da rua preferem aparecer nas galerias e olham mesmo para os museus.

Parece um «gag» mas não é um «gag»: em Março de 1988, o primeiro MIG (Museu Internacional dos Grafittis) surgirá em pleno campo angevino, na ala tricentenária de um palacete baptizado como o novo nome de «Soreau 1». Georges Nataf, editor e herdeiro desse pequeno esplendor, confiou ao «engenheiro cultural» Claude Maullard o cuidado de transformar 1000 metros quadrados em palácio do efémero. Que os futuros mecenas se tranquilizem: os trabalhos de Jef Aérosol, de Marie Rouffet, de Blek o «rato», os cartazes publicitários de Bangesle e de Costa, as paliçadas tatuadas por Aurèle, Futura 2000 ou Jerôme Mesnager, estarão junto de moldagens mais históricas.

O «*grafitti*» designa, como explica Denys Riout, numa obra de luxo consagrada aos rabiscos da rua (1) «*Um processo de decoração mural particularmente apreciado no Renascimento*». Mas, no que diz respeito à rua, não se passa hoje uma semana sem que uma equipa não venha apresentar qualquer coisa diante de uma loja qualquer. Porque hoje já não se pintalga uma parede, «investe-se um espaço». As vendas em leilão, especializadas, multiplicam-se, a cidade de Birlington, na Grã-Bretanha, organizou mesmo em Maio passado o primeiro Festival dos Grafittis. Em breve, carruagens do metropolitano nova-iorquino serão instaladas sobre os carvalhos do parque de Joreau 1 (20 hectares).

Embora os «grafittis» estejam na moda, nunca foram tão reprimidos. Em 1986, as equipas que dependiam da limpeza da cidade de Paris apagaram 70 000 metros quadrados deles, isto é, uma superfície duas vezes maior do que em 1984. Em 1987 o aumento foi de 112% nos cinco primeiros meses. A cidade, que consagra 5 milhões de francos por ano à luta contra os «grafittis», teve de negociar com a sociedade *Ordures Services*. A máquina de lavar as expressões «selvagens», altamente eficiente, chama-se OLGA.

A RATP prefere a habilidade: desde Abril que ela põe nas portas dos armários eléctricos um labirinto preto e branco, e isto para desencorajar os utilizadores de *magic marker*. Mas os tags, essas assinaturas de Sign, Boxer ou Attila, aparecem de novo. Seguirá Paris o exemplo de Nova Iorque: a proibição dos

comerciantes de venderem aerossóis e esferográficas de ponta de feltro aos jovens de menos de dezoito anos, e obrigando os autores de grafitos apanhados por mais de uma vez, a limpar as carruagens? De momento contemtam-se em desbloquear fundos (entre 6 e 8 milhões de francos por ano) e infligir multas de 1000 francos (por um «grafitti» simples) a 400 000 francos (por uma estação inteira).

Mas as verdadeiras estrelas da rua já não se encontram ali. Muitos dos entusiastas do colorido urbano refugiaram-se na calma do seu atelier. E quando intervêm é por encomenda. Descobrem-se assim coisas muito engraçadas: Lariche, uma cidadezinha perto de Tours, pôs recentemente à disposição de Blek e de Gallego, toldos para uma noite de grafitos. Jeff Aérosol, que fazia parte do comité da organização, participou com Daniel Bangeste num debate sobre «a rua como galeria de arte». Jerôme Mesnager faz-se pagar com bilhetes de avião para passear os seus corpos brancos pelas paredes das capitais. Speedy Graphito, que já assinava em 1985 o cartaz «La ruée vers lárt», encomendado pelo Ministério da Cultura, vende as suas telas em Drovot. Em breve aparecerá como autor e decorador durante o Festival Molière previsto para Montpellier.

Speedy Graphito não tem o sentimento de ser um artista «recuperado». Pelo contrário. Sentado no seu «fauteil-caddy» fala do seu planomedia com uma serenidade desconcertante. «*Se fiz sacolas, isso era para criar uma atenção, um mistério. Havia o enigma na rua e a resposta nos jornais. Isto permitiu depois atrair às galerias um público que nunca lá ia.*» Costa é ainda mais franco. «*Eu chegava do sul e queria ganhar tempo. Fui até ao metropolitano em 1983 fazendo tentativas com giz nas estações mais frequentadas. Os jornalistas não tinham notícias de muita importância e lançaram-me. Hoje, as galerias substituíram-nos.*» Este «Rastignac» do *underground* continua a retirar com o seu «cutter» as superfícies pintadas do metro antes de as levar para o seu atelier.

Se a espontaneidade não é mais que uma recordação, ela deixou vestígios e a «jovem pintura» cultiva o encanto do selvagem domado. Lulu Larsène integra as sacolas nas suas telas. Marie Rouffet assina as aves com o seu «Rockń mania». Etherno, o máximo da sofisticação executa as suas obras com pincel. Banlien Banlieu recupera pedaços de madeira calcinada, e Daniel Bangerte, que vendeu por 1400 francos no FRAC de Lille um cartaz publicitário «Blanc Bleu», desviado para o Japão, afirma: «*A rua permitiu-me adquirir reflexos. Depois disso vou até ao essencial.*» Mais rápido ainda, Mesnager acrescenta: «*Preciso de vinte e cinco segundos para executar um corpo branco.*» Hoje os ex-grafitistas preferem que lhes chamem «plásticos». Os «marchands» e os mecenas reagem por sua vez: assim, o grupo SEERI oferece, durante um ano, uma fábrica abandonada de 1500 metros quadrados (que será destruída em 1988) a uns cinquenta pintores (Speedy Graphito, Jerôme Mesnager, Olivia Clavel, Thierry Domage, etc.). No dia 24 de Maio passado eles pintavam «em directo» para Paliss'art (2), mas os jovens organizadores, Christophe Pasquier, de vinte e dois anos, e Caroline Andrieux, de vinte e quatro anos, autora de uma tese de mestrado sobre Basquiat e Haring, tinham o cuidado de propor um tema e de recolher os projectos.

Em face destes grafitistas diplomados, surge um arsenal comercial na Rua da Roquette. Os turistas podem visitar por 15 francos um templo do ???. As galerias armam em produtores, os agentes de leilões quase pintam os cabelos cor de laranja. Rogeou organiza uma exposição no Free Time, organizada pela Volvo. Imprimem-se em catálogos tiradas dignas de Molière: «*Os pintores da rua expõem-se à luz dos lanços... e já não à pilhagem nocturna do transeunte espantado (...). A fina flor dos grafitistas, autores de afrescos e pintores selvagens parisienses reúnem-se de vez em quando.*» *Julgamos sonhar...*

Notas

(1) Le livre du grafitti. A ler, nas edições Alternative: *Vite fait bien fait*, belo álbum consagrado aos.

(2) «*Palissárt*», Exposição-venda até Maio de 1988. Rua David dÁugers, em Paris.

Laurence Benaim

Um amigo

MANUEL Beça Múrias era um dos melhores jornalistas portugueses da Imprensa escrita. Aliava a vontade de rigor e a paixão, e basta folhearmos um punhado dos seus textos para se nos tornar evidente a excelência do entrevistador, do cronista e do repórter. Além disso, era um homem sensível e atento à mudança, quer se tratasse da mera mudança tecnológica, quer da que se instala inevitavelmente na linguagem e no próprio espaço de exercício do jornalismo. Recordo-o — e a sua mulher Maria João — numa aula da Universidade Nova, explicando a alunos de Comunicação Social, mas explicando apaixonadamente, os novos caminhos da aventura de um jornal. E recordo também o seu empenhamento, nos postos de responsabilidade que ocupou nos últimos largos anos, em descobrir profissionais jovens, capazes de actualizarem competentemente o trabalho jornalístico. Ele era o contrário de um homem inerte, o contrário de um conservador: angustiava-o a distância estabelecida pelo fosso de gerações e, como homem de diálogo, como homem de acção, estava profundamente envolvido na construção do futuro. É outro valor que o transforma num caso raro, no jornalismo português.

Nunca trabalhámos juntos numa mesma Redacção, embora tivéssemos em comum a experiência de algumas — a de «A Capital», a do «Diário de Notícias», a do «Diário de Lisboa». Mas sei que ele era também um homem de princípios, mesmo no domínio estritamente profissional. Lembro-me dele no Cairo, em plenos jardins de Mubarak, durante uma visita presidencial, invectivando os serviços de Imprensa dessa presidência, que por um momento tinham confundido a nossa acção com a do protocolo de Estado. Essa independência, essa capacidade de se insurgir, eram, nele, componentes centrais do trabalho jornalístico.

A sua morte, aos 49 anos, devida a uma série de quase consecutivos enfartes, deixa-me sem dúvida — passe o lugar-comum — mais pobre e mais só: a mim e a todos os que, profissionais de jornalismo em Portugal, temos uma ideia elevada do domínio em que trabalhamos, e sentimos a exigência de uma relação íntima entre a desejada inovação e a qualidade inquestionável.

João Mendes

Vasco Graça Moura demite-se de vogal da Comissão Nacional da Unesco

Vasco Graça Moura demitiu-se, no início do passado mês, do cargo de vogal do Conselho Geral da Comissão Nacional da Unesco, instituição a que preside Victor Sá Machado. Tivemos agora acesso à carta em que Graça Moura apresenta os motivos da sua demissão. Esta é, afinal, a sua forma de protestar contra o tratamento que é dado aos portugueses no número de Abril do *Le Courrier* da Unesco, intitulado *Diários de Viagens* e dedicado, em grande parte, às navegações que descobriram grande parte do mundo.

Melhor que sintetizá-la é dar o seu conteúdo na íntegra. Eis, pois, a carta de demissão de Graça Moura, dirigida a Victor Sá Machado:

«Exmo. Senhor Presidente e meu caríssimo Victor Sá Machado.

«Chegou-me hoje às mãos a edição francesa do número de Abril de 1987 de *Le Courrier*, que é publicado mensalmente pela Unesco, em 32 línguas. O título desse número é *journaux de voyage* e, do respectivo editorial, em que a má fé só pede meças ao pretensiosismo da linguagem, recordo a seguinte passagem:

> «Si certains grands voyageurs, comme un Marco Polo, un Bougainville ou un Malaurie, pour ne citer que ceux-lá, ou certains grands écrivains, sont absents de ce numéro, c'est que nous avons voulu attirer l'attention dans l'espace limité qu'est le nôtre, sur quelques autres voyageurs, peut-être moins connus du public international, comme un Olaudah Equiano ou un Jan Myrdal, et, surtout, montrer que le rayonnement des voyages s'est affectué dans toutes les directions.»

«Registo a profundidade «omnidirreccional» da última frase transcrita, que vem finalmente dissipar as angústias do leitor ansioso e esclarecê-lo de que as viagens, afinal, não se efectuaram apenas numa... única direcção, e que me leva a esperar que um dos próximos números de *Le Courrrier* seja dedicado à espeleologia. Depois, misturam-se alegremente alhos com bugalhos, baralham-se coisas de nenhuma importância com factos históricos de relevância planetária, e, com toda a circunspecção, se escamoteia o papel dos navegadores portugueses.

«Por outro lado, percorrendo a publicação, verifico que é dado destaque de pelo menos uma página a nomes que, pelos vistos, são «peut-être moins connus du public international». Entre esses ilustres e irremediáveis desconhecidos temos Cristóvão Colombo (p. 8) com Fernão de Magalhães e Pigafetta (p. 11); depois, há outros, como o capitão Cook (p. 12), Humboldt (p. 14), Alexandra David Neal (p. 36) e o astronauta Neil Armstrong (p. 10). E há ainda outros, bastantes mais, de quem a História reza bastante menos.

«As referências a Portugal são as seguintes: a p. 6, num texto de Jacques Brosse, lê-se: «Ces hommes-lá, ce furent des portugais e des espagnols, puis des hollandais, enfin des anglais et des français, les créateurs des empires coloniaux, aussitôt suivi par les missionaires et les marchands». Pouco antes tínhamos sido brindados com esta pérola sumária em cujo horizonte se propõem viciadas balizas históricas, e se suprime, pura e simplesmente, a referência a quaisquer nomes portugueses, passando nós a ser, diluidamente, «les Occidentaux»:

> «Au cours de la trentaine d'années qui sécoula des expeditions de Christophe Colomb au premier tour du monde réalisé en 1520-1522 par les navires de Magallan et qui vit les découvertes succéssives par les Occidentaux de l'Amérique, de la route des Indes et de l'océan Pacifique, les voyages changent radicalement de sens.»

«Finalmente, a p. 11, lê-se que Fernão de Magalhães era «navigateur portugais au service de la couronne d'Espagne».

«E é tudo! Não havia, é evidente, nem espaço nem interesse que dessem lugar a um Bartolomeu Dias, ou a um Vasco da Gama, ou a um Cabral. E ainda menos espaço e ainda menos interesse haveria para recorrer a relatos de navegações portuguesas, desde o da viagem de Vasco da Gama e o da carta de Caminha, aos roteiros de D. João de Castro, ou a Fernão Mendes Pinto, ou à História Trágico-Marítima!

«Todavia, o espaço e o interesse disponíveis permitiram consagrar ainda três páginas aos destemidos descobridores que foram J. K. Huysmans (p. 33). Rabindranath Tagore (p. 32) e o...Douanier Rousseau (p. 22 — palavra de honra!), aos quais, como se sabe, ficou a dever a descoberta de novos e imprescindíveis continentes.

«Se percorrermos agora os restantes nomes antologiados ou referidos, teremos de concluir que, além de Xuan Zang (séc. VII), Faridoddin Attar (séc. XII), Ibn Battuta (séc. XIV) e Nikitine (séc. XV), as viagens respectivas são todas muitíssimo anteriores às dos portugueses e sobretudo, de uma importância humana e cultural que as ultrapassa de largo. Eis o rol, devidamente datado: Jacques Cartier (1535), Cristóbal de Acuña (1639), Olaudah Equiano (1773), Chelikhov (1783), Mungo Park (1795), René Caillié (1824), R.E. Huc (1846), Sarmiento (1846), Yukichi (1862), Zuzhi (1883), Jitong (1884) e Jan Myrdal que tentou ir à China num Citroën 2 Cavalos em 1957, proeza muito mais complicada e estonteante do que a de ir de caravela, a pé ou de muar.

«Eu pouparia V. Exa. a mais comentários de circum-navegação da asneira, se esta *omissão infame do papel dos portugueses* não fosse demasiadamente escandalosa para podermos atribuí-la apenas a uma patética ignorância ou ao analfabetismo ignaro dos autores materiais deste número de *Le Courrier*, que vai circular em 32 línguas. Mas trata-se, a meu ver, de uma omissão vil e premeditada, e, por essa via, de um *crime contra a cultura* que ofende não só Portugal e toda a Europa em que nos integramos, como ainda todos os países do mundo a que a acção dos portugueses abriu as portas da civilização moderna.

«Em minha opinião, a gravidade destes factos justificaria, só por si, que Portugal abandonasse a Unesco imediatamente, sob pena de, não o fazendo, se tornar num triste exemplo de masoquismo internacional e de perder o respeito que a si mesmo deve. Mas, como é evidente, não me cabe a mim decidir, e não sei se algum protesto foi feito, nem se foi exigida alguma reparação e qual. Nada constou publicamente.

«Provavelmente Portugal continuará a ser membro da organização, pelo que faço votos de que, se V. Exa. vier a ser eleito director-geral da mesma, como nesse caso ainda espero, embora não lhe inveje a sorte, se lhe torne possível contribuir rapidamente para a severa efectivação da responsabilidade daqueles a quem este acanalhado número de *Le Courrier* se fica a dever.

«Mas, *pessoalmente, não posso, como cidadão e como escritor português, pactuar com falsificações da História*, nem com distorções das imagens e ensinamentos dela, mesmo quando perpetradas por mera omissão, e muito menos quando *elas são torpemente lesivas da dignidade e dos interesses do meu País*.

«Nem posso aceitar que, num forum internacional que se pretende existente à escala do mundo, *para a educação, a ciência e a cultura*, desponte agora uma insidiosa e segregatória forma de *apartheid* cultural, coonestado pelas maiorias que nesse forum se geram, quer seja preparado para lhes agradar quer seja devido a outros e inconfessáveis interesses concorrenciais com aqueles, de índole histórica e cultural e não somente, que nós temos o direito e o dever de salvaguardar no mundo e, essencialmente, em Portugal, e junto dos países africanos de língua oficial portuguesa e do Brasil.

«Por tudo quanto acabo de expor, venho apresentar a V. Exa. *o meu pedido de demissão, com efeitos imediatos, do cargo de vogal do Conselho Geral da Comissão Nacional da Unesco*, o que faço por ser a forma mais enérgica de protesto ao meu alcance.

«Resta-me agradecer a V. Exa. e aos meus Ilustres Colegas do Conselho Geral todas as gentilezas e deferências que me dispensaram ao longo destes anos, e pedir-lhe se digne determinar que, em sessão do Conselho seja feita a leitura desta carta, de que tomo a liberdade de dar conhecimento ao Senhor Primeiro-Ministro e à Senhora Secretária de Estado da Cultura, e que, oportunamente, divulgarei na Imprensa.

«Peço-lhe aceite, Senhor Presidente e meu Exmo. Amigo, os meus melhores cumprimentos e um grande abraço do seu

Vasco Graça Moura«
2/7/87

Literatura Alemã

As «Briefe aus Paris», de Börne

1. Primeiras décadas do século XIX... Vivia-se na Alemanha uma época em que intelectuais de extracção pequeno-burguesa tinham já logrado alcançar aguda consciência das limitações impostas pela estrutura económico-social vigente havia muito.

Entre esses intelectuais, estão Börne, que cursara Medicina, e Heine, mais novo, que estudara Direito. Inflamados dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade que sopravam de França, esses dois celebrados nomes das letras germânicas ansiavam, como muitos outros elementos do campo da cultura e dos negócios, da cidade como do meio rural, por se libertar do espartilho que as traves mestras da organização política, ainda de tipo feudal, lhes vinham impondo havia séculos.

A uma burguesia razoavelmente consciente e, por isso mesmo, em luta, aliavam-se escritores, jornalistas (o conceito de **«Publizist»** ganhando, então, relevantes contornos), poetas, artistas — gente, toda essa que, sem ter empreendido propriamente um movimento estético definido, viria a encontrar no **«élan»** revolucionário que a tomava, um denominador comum. **«Élan»** revolucionário, que enformará a **«Junges Deutschland»**, os **«Vormärzer»**, autores que, de 1830 em diante, até à Revolução de 1848, procurarão, com as suas penas, intervir de forma decisiva na política.

Interessava agora, e acima de tudo, levar o Terceiro Estado — povo e burguesia — a tomar nítida consciência da sua força, a vir à tona da política e da História. Daí o entusiasmo de Börne (entusiasmo de raiz revolucionária, que não mero arroubo juvenil: com efeito, quando escreve as suas **«Briefe aus Paris»**, Börne ultrapassou já os quarenta anos, idade que Heine, quando se entrega à redacção da sua **«Die Harzreise»**, não havia ainda atingido), daí o entusiasmo de Börne, dizíamos, ao reportar-se à Bélgica: **«Ei! das Volk hat ja wieder einen König gemacht; der Herzog von Nemours ist in Belgien gewählt worden.»** ([1])

...E na Alemanha? Aí, havia uma missão a cumprir. A cumprir urgentemente. Por isso luta Börne...

2. A época era, pois, de revolução. De transformação do **«statu quo»**. Não se compadecia com uma demasiada ternura, nem, já, com ironias ambíguas. Perante a gravidade da situação alemã, face à premência das alterações a introduzir no edifício social, há que ser duro — há que ter, em cada palavra que se diz ou escreve, a dureza do ferro: **«Man müsste einen eisernen Reif um jedes Wort legen, und dazugehörte ein eisernes Herz.»** ([2])

Premência, aguda urgência, que leva Börne a comentar, com desdém, referindo-se a Heine: **«Heine ist zu mild.»** ([3])

Tudo treme. Tudo treme, agora e cada vez mais, sob os ventos da revolução — uma revolução que, tendo irrompido na França, onde a bandeira tricolor continuava a evocá-la, alastrara avassaladoramente pela Europa, na explosão das «revoluções em cadeia» para que Napoleão, nomeadamente, tão decisivamente contribuíra: **«Der Boden zittert, es zittert der Tisch, das Pult, Hand und Herz zittern, und die Geschichete, vom Sturme bewegt, zittert selbst».** ([4])

3. Perante esta História que — ela própria! — treme, como escrever serenamente, como comentar, com clássico equilíbrio, e em diversos volumes (Note-se a ironia, em crítica a um certo espírito alemão...), os acontecimentos que se vão sucedendo?...

Com vista a corresponder ao que por um outro devotado espírito (Campe) lhe tinha sido solicitado, Börne bem gostaria de evocar, de descrever eventos, de traçar, inclusivamente, toda uma profecia. Sim, uma profecia, uma vez que, atendendo à conjuntura que se continuava a viver na Alemanha, bem quadrava aos alemães o comportarem-se como profetas (Continua a notar-se a ironia, cáustica, de Börne...): **«(...) was kann der Deutsche anderes sein als Prophet?»** ([5])

E, recortando bem a imagem que lhe era grato reclamar para si, diz o autor das **«Briefe»: «(...) wir sind keine Geschinchtsschreiber, sondern Geschichtstreiber».** ([6])

4. Um proselitismo consciente, e constantemente afirmado, caracteriza assim, em grande medida, a escrita de Börne. Efectivamente, viviam-se anos em relação aos quais os mais conscientes tomavam, como tarefa prioritária dos intelectuais, a de despertarem as massas para a revolução, levando-as a pegar em armas. Mais tarde, se escreveria a História. Agora, o que importava era fazê-la... Era criar, desde a raiz, as condições para uma nova Alemanha!

([1]) «Ah! O povo voltou a fazer um rei; o duque de Nemours foi eleito na Bélgica».
([2]) «Devia-se cercar de ferro cada uma das palavras, e para tanto ter um coração de ferro».
([3]) «Heine é demasiado suave».
([4]) «O chão treme, treme a mesa, a escrevaninha, a mão e o coração tremem, e a História, tocada pela tempestade», ela própria treme».
([5]) «(...) que pode o alemão ser senão profeta?»
([6]) (...) não somos de modo algum historiadores, mas sim condutores da História.»

Manuel Alexandre Alvim

Eça: polémicas polémicas

DE Fernando Pessoa, como se sabe, até já as cartas de amor foram publicadas, e dificilmente podemos considerar que o dissecado autor as quisesse tornar *públicas*... Esta questão, muito pouco coimbrã, de editar os *outros* textos de escritores — e por «outros textos» entendemos quaisquer coisas que eles tenham feito com papel, caneta e letras — coloca sempre uma outra questão, porventura menos profunda, mas mais franca: *será que isso interessa a alguém?*

Questão de difícil resposta, muitas vezes.

Ora, as *Polémicas* de Eça de Queiroz recentemente editadas pela Heuris (heterónimo, suponho, de *Europress*), em quatro volumes, têm pelo menos um mérito: desde o seu início que foram públicas. Justo é, por conseguinte, que sejam de novo publicadas.

Levanta-se agora outra — outra questão: isso *mexe* com o *público* de hoje ou não?

Aí a resposta seria «depende», se o polemizador não se tratasse de Eça de Queiroz, o escritor que, com Pessoa, constitui um dos pólos norte da literatura portuguesa. O interese das polémicas oscila entre o maior e o menor — só que «o menor» de Eça é, já por si, suficientemente «maior» para valer a pena.

Os critérios, bem como o espírito, do organizador dos volumes, João C. Reis, é bastante discutível, e é de supor que a universidade encontre problemas em adoptar esta edição como material fiel de estudo. Há, contudo, o mérito assinalável de ao lado dos artigos de Eça aparecerem os dos *outros* polemizadores, e isso afigura-se-me bastante útil: primeiro, porque Eça os achou dignos do seu ataque, pelo menos; segundo, porque são o *contraponto* certeiro para mais sobressair a qualidade de Eça, que, essa, resistiria até a edições rasuradas — o que nem sequer é o caso. Um manual para os aprendizes de polemizadores. Bonne chance.

Rui Zink

O jogo das coisas

O sucesso das coisas

TEMOS uma estação. Uma estação particular. O contrário de terminal. De onde se parte. Como um embrião. Nasce o conceito. Da ideia. Partimos para o futuro. Primeiro: o prazer. Depois: a viagem. A seguir: a elaboração. Num passo seguinte: a análise. Numa outra fase: a fragmentação. Seguindo: o cansaço. No percurso: a destilação.

Finalmente: o nascimento. Concebido.

Com o preceito do sentido. Com a solidez da memória. Com a análise crítica do sentimento.

Assim: o acto.

De acto em acto formamos o corpo dramático das palavras. Temos o teatro do texto. O espectáculo da obra. Conseguida. Palmo a palmo.

Descobrimos, descobrindo-nos, escrevendo para saber quem somos, com quem e como comunicamos. Partimos de um acto consciente, navegamos ao sabor da maré criativa. Num jogo de gestos. Onde existe o corpo. Onde se perde a consciência. No lugar do êxtase. Na pirâmide erótica. No vértice do orgasmo.

Assim: os significados.

Elaboramos um tratado. Rigoroso. Porque desejado. Que parte da imagem. Com a cumplicidade do sonho. Despido. E em mutação. Aqui: a vertigem. Surge-nos a táctica, utilizando precisas leis de gramática, desenvolvendo-se a linguagem em conjunto, permanecendo a correspondência biunívoca com o texto. É um exercício que nasce a partir do estilo.

Assim: o ensaio.

Falamos com a escrita. E a escrita é o mais perfeito plágio da língua.

Leva-nos ao conceito. Das palavras conduzidas que nos proporcionam a forma da ideia que por sua vez declama na exaustão da obra. É um tempo. Tempo de verbo. E na revelação progressiva do princípio ao fim há o prazer de conhecer. Utilizando singular léxico na construção do texto. No refúgio sacro meditamos sobre os sons, que vindos inconscientemente do interior, conscientemente interiorizamos, repletos de claridade. Compreendemo-nos.

Assim: o prazer.

Para que o texto seja honesto, há que despertar primeiro, dentro de nós, um sentimento de sucesso. Aquilo que sucede. Como um facto. E o poeta é todo aquele que imprime pela expressão honesta do sentimento profundo da ideia que lhe vem das entranhas. Toda a criação poética passa por uma metamorfose esotérica da ideia. E sendo as palavras, apenas palavras que compõem a escrita, o seu discurso emociona-nos. E a emoção é o aplauso do sucesso das coisas inseridas.

Assim: o Poeta.

Luís Filipe Sarmento

Entre pássaro e anjo, de João de Melo

De João de Melo saíu recentemente uma reformulação de *O Meu Mundo não é Deus Reino*. Agora, o *Círculo de Leitores* edita os seus *Autópsia de Um Mar de Ruínas e Entre Pássaro e Anjo*, respectivamente de 1984 e do ano passado. Com 38 anos, João de Melo tornou-se num dos mais produtivos prosadores portugueses. Aqui divulgamos, de *Entre Pássaro e Anjo*, «Hipótese para um fim feliz». Os leitores que o não conheçam avaliarão, por aqui, o peso do escritor.

QUASE não tem história o modo simples mas pouco simpático como nessa tarde o Pai destinou matar-me. Se decido contá-lo é tão-só porque isso me trouxe alguma experiência e a desejo transmitir aos vivos. A minha única intenção consiste em sossegar-vos quanto aos pormenores da angústia que estraga em vão a breve e sempre tão miserável existência dos homens. Na verdade, morrer é coisa fácil e leve — e não dói. São também pouco relevantes os métodos ou os instrumentos que todos nós conhecemos — bala, asfixia gasosa ou marítima, veneno ou, como no meu caso aconteceu, esquartejamento pela faca. A qualidade dos objectos, sim. Do seu poder perfurante, da espessura dos seus materiais ou mesmo da rapidez com que são manejados dependem muito a razão ou a lástima dos defuntos.

Mas tão importante como a felicidade de estar morto é a lucidez de escolha desses e de outros meios com os quais a suprema sabedoria do Pai costuma levar-nos da vida. Se as pessoas acreditassem na tranquilidade e no repouso que se sucedem ao momento da agonia, o espírito da paz facilmente emendaria os erros do Mundo. Há um momento mesmo em que as formas conhecidas de violência se transformam numa espécie de flutuação sem limites: é o movimento doce do sorrir. Hoje, sei que essa doçura se chama porta, claustro, leito, morada e trono onde o Pai está para receber-nos. Chama-se Casa Grande, mas não posso garantir que seja exactamente um lugar entre paredes, um bosque sem árvores ou apenas um templo entre nuvens erguido e imaginado. Sobre esse assunto, limito-me a juntar ao meu o segredo de todos os outros mortos. E quanto à figura do Pai, também pouco vos poderei por enquanto revelar, pois a Sua presença vive-se, não se descreve. Sabei porém que é grande, um pouco macilento e geralmente silencioso. Decerto magro, conforme convém aos seres que voam e não têm lugar entre as coisas visíveis. E, como vive suspenso entre corolas de nenúfares, o Seu corpo não é feito de ossos, nem contém outros órgãos para além das veias, das unhas sacras e dos cabelos majestosos que todos os outros deuses amam e gostam de imitar.

Mas o modo simples como nessa tarde morri às mãos do Pai tem afinal uma história. Eu estava sentado no muro, em frente da casa, e balançava um pouco os pés, sem cuidados de maior, julgando que semelhante coisa jamais viria a acontecer-me. Falava baixinho. A minha namorada estava muito posta em sossego, debruçada sobre mim, e eu respirava a felicidade do seu hálito inofensivo e muito próximo do meu. Tão baixinho falávamos, que podia ouvir-se em volta a pulsação verde das figueiras, o gemido branco das raízes da pedra e o silêncio das aves que pousam e logo adormecem no solo. Por isso, ainda hoje me surpreende um pouco o facto de alguém ter podido detectar nessa harmonia um tão sério motivo de perturbação para o mundo.

Isso aconteceu num dia turvo e pesado como o de hoje. Muito embora o sol tivesse sido levado para muito longe de nós, admito que ainda estivéssemos no Verão. O ar engordurado da tarde parecia fumegar, pois um odor intenso, a enxofre, vinha-se erguendo do fundo da terra e quase nos cortava a respiração.

A minha namorada ouvia os pormenores da novela que eu estava escrevendo. Visto que morri sem a ter concluído, vou agora expor-vos um resumo do seu enredo. Havia um homem vestido de frade. Entre outros vícios, tinha a estranha doença de oferecer ao Pai o sacrifício das virgens. Raptava-as durante o sono, atravessava as hortas, as sebes nocturnas e as matas, e ia devorá-las vivas no meio dos canaviais. Ora, a última das suas vítimas era um rapariga cor de malva, e a lua cheia projectava para muito longe a imagem algo misteriosa do seu rosto. Por isso, pude seguir os passos do raptor, sentir de perto o cheiro do éter com que ele tinha amansado a sua presa e, por fim, apanhá-lo em flagrante delito. Quando cheguei ao local, ofegante de tanto correr, vi que o frade se preparava para comer-lhe os cabelos. Como se imagina, foi tudo muito simples. Enfiei o punhal nas costas do padre, revolvi-o em rosca, e foi para mim um grande prazer verificar como aquela carne eclesiástica não oferecia resistência alguma ao braço justiceiro de um ateu. Tombou pois de borco e sem protesto. A pobre menina despertou logo a seguir fez questão de mostrar-se enormemente agradecida. Como prémio da minha coragem, pedi-lhe o amor imenso e único que costuma unir o homem à mulher, recebi o seu corpo de anjo, tomei-me de paixão pela flor entreaberta que se erguia do fundo das suas pernas de prata e jurei protegê-la para o resto da vida.

Nesse passo da narração, Maria Adelaide interrompeu-me para dizer:

— Não foi exactamente assim que aconteceu connosco, meu amor? Por que razão hás-de estar sempre a escrever histórias que aconteceram?

De sorte que, sentado no muro, estando eu a acariciar os cabelos muito negros da minha namorada, vi chegar-se um homem, num passo leve e misterioso, e ficar para ali a olhar-nos de um modo aparentemente indescritível. Não posso ainda garantir que ele se parecesse com Maria Adelaide, pois não só não tinha a graça da sua juventude como apresentava um ar estragado, quase decrépito. Além disso, vestia um fato-macaco, tinha uma pequenina cabeça cinzenta e os dedos muito grossos e sem unhas. As suas mãos eram como chapas: gretadas e cheias de calos. Os olhos — lúbricos. E dizendo eu à minha namorada que um tempo assim, parecido com o Verão de antigamente, me lembrava um tijolo fumegante, cheio daqueles fermentos cálidos que provêm das ossadas da terra, ela concordava, e sorriu.

— De facto — disse —, o Verão é uma espécie de furúnculo. Quando amadurece de mais, sangra, estala ou explode por dentro.

De início, não prestei muita atenção ao sujeito. Nesse tempo, eu tinha alguma fama de erudito e começava a admitir que as pessoas gostassem de parar para me ouvirem discorrer sobre os assuntos mais fúteis. Era até conselheiro de retórica de alguns deputados jovens, para quem rascunhava discursos líricos ou notáveis peças de oratória. Porém, aos poucos fui pensando que havia um evidente exagero no modo rancoroso como o homem me fitava. Alguma coisa devia estar errada. A minha namorada pusera-me um pouco de lado, torcida, apática, e daí para a frente nunca mais disse nada. Adivinhava já, como era óbvio, o desfecho da situação. O homem continuava a olhar-me com rancor e despropósito, e apercebi-me de que os seus olhos eram tão abundantes na sua dimensão como a gelatina, a nata dos ovos de pássaro. Patenteavam um tal desespero que cheguei a pensar que ele começava a ser cão e ia pôr-se a latir ou a morder-me nas pernas. Eu estava preso desses olhos por uma força magnética, semelhante àquela que as cobras exercem sobre os pássaros e outros bichos menores, antes de os devorarem vivos. Vendo bem as coisas, o homem tinha até o aspecto maligno desses répteis. Luzia-lhe, no perfil das formas, uma tez viscosa, e a sua pele espumava de um brilho parecido com os óleos específicos das armas, quando se faz a prevenção da sua ferrugem natural.

Não estava atemorizado ainda. Depois, sim, quando ele começou a matar-me, enchi-me de receio — e isso foi um erro. Cada navalhada das suas mãos de cedro entrava na minha carne e ia-me injectando daquele veneno que costuma colocar as pessoas em situações embaraçosas. Exluindo a hipótese de se tratar do pai ou mesmo do pai de Maria Adelaide, só posso dizer que não era provável que eu tivesse merecido ódio de mais alguém. Na verdade, o meu amor pela minha namorada estava-se multiplicando de dia para dia e ia envolvendo já as pessoas que habitavam naqueles bairros. Achava-as aliás sadias, livres e desembaraçadas. Em contrapartida disso, habituara-me a corresponder às suas saudações e a encará-las com a consciência de quem não pode ter inimigos nem escapa aos sorrisos tristes, tanto dos pobres como dos ricos. Como estávamos no século vinte, não era provável também que fosse motivo de escândalo para alguém o facto de ter sido eu o primeiro homem a amar o corpo virgem de Maria Adelaide. Muitos tinham já feito o mesmo a outras mulheres, antes de mim. E se, ainda assim, esse passo da minha vida pudesse ser julgado de outro modo, não creio que fosse em si suficiente para que me condenassem sumariamente à morte. Havia uma radical diferença entre mim e aquele homem. Era muito mais velho do que eu, tinha olhos de aranha e mãos de carpinteiro. Embora tudo isso abonasse em favor da sua existência, eu tinha também os meus trunfos por mim. Fosse como conselheiro de deputados, fosse como escritor de novelas, tinha duas mãos muito perfeitas, quanto ao normal das formas humanas: unhas certas, dedos longos e nervosos, os tendões perfeitamente funcionais. E daí a minha inocência.

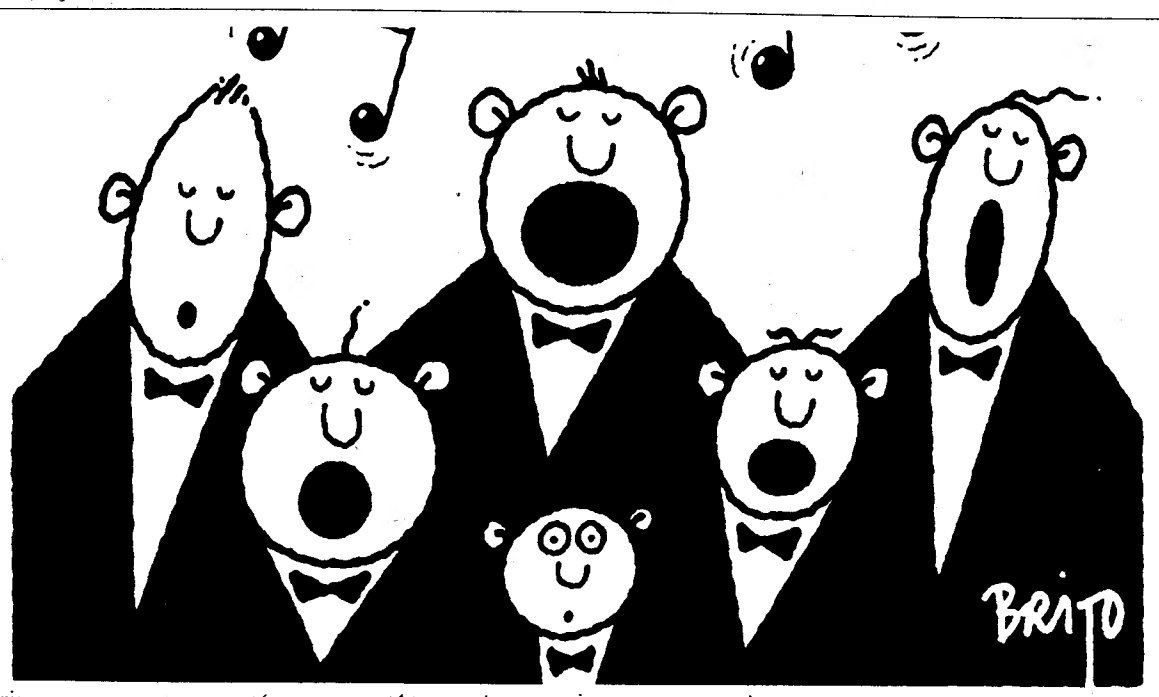
Comecei então a afligir-me um pouco. Pensei mesmo em pedir socorro à minha namorada. Podia, ainda nessa altura, antes de morrer, prometer tudo quando o deva um homem a uma mulher, numa aflição semelhante. Conforme sabeis, as mulheres são seres muito sensíveis, e as palavras suaves como as rosas brancas costumam produzir um efeito definitivo sobre elas. No justo momento em que me preparava para seduzi-la, o homem estendeu um braço, pôs-se de permeio, entre o corpo dela e as minhas mãos já um pouco trémulas, e disse:

— Alto aí, seu camelo, que vai morrer. Não mexa na fruta porque não vai mais comê-la. Venho matá-lo.

Bem, isso era já indubitável. Ele vinha mesmo para matar-me, como pouco depois aconteceu: Tinha de resto esse direito desde a saída do Decreto. Do ponto de vista legal, nada portanto a opor. Ele podia matar-me. Não existiria processo nem polícia, tão-pouco prisão ou fuzilamento, pois estávamos no fim do século vinte. O meu país fora dos primeiros a aderir ao consenso das Nações sobre as práticas estabelecidas no Decreto, e os Estados Unidos eram muito contundentes quanto à observância, pelos países pobres, das noções da Ordem Internacional. A morte era, pois, um simples problema da consciência individual dos cidadãos, e a minha esperança voltava-se agora para a obscura percepção que aquele homem pudesse ter acerca da morte dos outros. Era preciso ter cautela com os crimes contranatura. Nesse casos, a consciência actuava e perseguia. Provara-se, aliás que, após a saída do Decreto, a maior

Continua na pág. 5

Continuação da pág. 4



parte das mortes tinha sido vã. Quando o Pais as julgava injustas, mandava logo que florescesse um novo indivíduo, e a sua missão era vingar o antecessor na pessoa do assassino. E, assim, só mesmo um dilúvio podia pôr termo a muita da confusão que se instalara no seio da Humanidade.

Servi-me, como é óbvio, desse e de muitos outros argumentos para demover o sujeito. Competia-me ser suficientemente persuasivo. Mas saiba o leitor que há pessoas muito, muito tortas. Por mais que a gente as elucide, quanto ao perigo que correm, é tempo escusado e obra perdida. Ora, eu esgotei tudo quanto sabia a respeito da morte. Mas se tivesse dela a experiência que hoje me sobra, tão-pouco ouviria o homem repetir-me quase ao ouvido a segunda das suas ameaças dessa tarde, para mim definitiva. A mais inglória de todas as minhas tardes.

— Quer morrer de pé ou sentado no muro, seu camelo? Escolha depressa e como for melhor para si.

Aí, levantei-me e assumi de imediato a enorme calma dos condenados à forca, a calma perversa e sobrenatural dos assaltantes de estrada, dos violadores de virgens, dos doidos de cara torcida contra o vento; uma calma tão calma, que já não não tinha ossos nem nervos. Era fria e apresentava até um certo deslumbramento. Ainda assim, uma das minhas mãos pousou-lhe num ombro. Estava evidentemente condenado, e decerto lhe não viria nenhum remorso por isso. Mas queria olhá-lo uma última vez nos olhos e tentar demovê-lo daquele propósito sem sentido. Um homem como eu, disse-lhe, é inútil que morra. A minha inocência tinha o destino do mar e iria persegui-lo até ao último dos seus dias. A parte desse mar, em que se transformaria o meu corpo, havia de querer comê-lo vivo, para poder alimentar-se dele e só dele. Ora, toda a gente sabe quão terrível é morrer de sal, corroído pelo chumbo que existe e se move com as marés...

— Além disso, senhor, não precisa de fazê-lo à navalhada, não é verdade? Podia ter a amabilidade de dar-me uma morte um pouco mais doce. Dar-me a beber, por exemplo, o elixir das serpentes ou o licor dos anjos letais...

Claramente vi serem inúteis os meus dotes de orador ao serviço dos deputados. Inúteis também os meus talentos de escritor de novelas. O homem decidira matar-me contra todos os argumentos, e aí começava o meu pânico. (Como vos disse, hoje sei que errei, pois a morte não é difícil, não chateia — e não dói nada.) A provar a sua determinação, a mão de chapa entrou no bolso do casaco e retirou de lá um navalhão tão grande como um punhal com que eu exercera a justiça humana sobre o padre-violador. Com um estalido característico, abriu-se a escassos centímetros da minha boca. Estava chegada a minha hora. O homem começaria por cortar-me a língua, a fim de evitar os meus gritos histéricos, depois o pomo-de-adão, o estômago e o resto. Quando visse os meus testículos suspensos de um insignificante nervo, a minha namorada gritaria por socorro ou simplesmentes deploraria uma tal violência. Contudo, restava uma pequena possibilidade, e isso podia não vir a acontecer. Enchi-me de calma e mantive-me de pé à sua frente. Tinha jurado que fixaria os seus olhos. Fixaria sempre e unicamente os seus olhos, e podia ser que o homem acabasse por compreender o excesso de um acto assim, tão impróprio quanto perigoso para a sua paz futura. Para ganhar tempo manifestei-lhe o desejo de combinar os últimos pormenores da minha morte. Precisava de levar primeiro a minha namorada a casa — sabia? Devia pedir-lhe desculpa, pois prometera morrer com ela, isto é, fazendo amor com ela, e afinal não podia, não me era consentido cumprir esse desejo. Depois, era indispensável encontrar outro lugar mais escuro, porque, não obstante o sol já não existir, o meu sangue espalhar-se-ia pelo chão e deixaria aí um brilho excessivo. Esse lugar devia ser húmido ou mesmo molhado, para que o meu sangue derramado não pudesse fumegar. Não obstante as liberdades concedidas pelo Decreto, era exigido ao matador deixar o chão bem limpo e sem sinais de violência, tanto quanto o necessário para não pôr em causa a moral ou a aparência de alguns costumes. Os serviços sanitários eram, nesses tempos, muito exigentes e não costumavam pactuar com a simples suspeita de uma sombra na escuridão dos bairros. Além do mais, ele que tivesse atenção ao espírito e à letra das nossas leis: era obrigatório não desfigurar o corpo. Quando não, os anjos recusar-se-iam a recebê-lo no Paraíso. Ora, o assunto dos anjos é tão sério como isto: batiam com a porta na cara dos mutilados, convertiam-nos em seres penados e em almas errantes, e isso era um caso muito sério. Algumas dessas almas bem tentavam atormentar os vivos com aparições ruidosas, clamando por misericórdia. Sempre em vão. Felizmente, esse não é o meu caso, pois mereci logo o lugar e o prazer de onde vos falo agora.

Precisava de uma morte doce, para não ter de passar os séculos eternos a clamar pela redenção das minhas culpas. Era também uma questão de honra, o poder chegar à presença do pai sem nódoa e sem defeitos físicos. Se hoje alguma coisa sei a respeito d'Ele, retenho o seu horror perante os mutilados de guerra, os sentenciados ao fuzilamento e os autopsiados sem motivo. O pai é um homem esquelético e frágil, e qualquer coisa Lhe faz perder o apetite. Se pecados tem, só Lhe reconheço um: prefere os bons, que são também os mais perfeitos e os mais belos, e deixa sempre para o fim os feios, os velhos e os pobres. É Pai, mas não deste modo inteiro como os pais se dão aos filhos da sua carne e da sua mente. É um Pai ecléctico.

Quando recebi a primeira navalhada na boca, e a minha língua caiu ao chão e ficou a contorcer-se como os miúdos animais trespassados, tive logo a certeza de que o homem não ouvira nada. Tratava-se de um vulgar, sujo, frio assassino, e havia mesmo um esgar de escárnio nos seus lábios finíssimos. O espírito clareava dentro de mim, como uma aurora, uma sinfonia ou um milagre, e era elementar reconhecer que já não existia futuro. Mas como estava impedido de gritar, não pude voltar a ameaçá-lo com o mar do meu destino. Presumo que os meus ossos se encheram das suas marés de chumbo e impediram o meu corpo de voar para aqui. Isso porém não foi decisivo, porquanto acabei por encontrar a outra, a única maneira que existe para um homem se salvar de morrer sem notícia. Se assim não fosse, como poderia eu estar-vos dando agora os pormenores de tudo quando aconteceu comigo e desejo se não possa repetir em nenhum de vós? Recebi a segunda navalhada na garganta, um pouco de esguelha, e então a minha cabeça ficou presa ao corpo apenas por esse canudo de roscas a que chamam esófago. Quando o ferro me mergulhou nas tripas, uma, duas vezes, o homem estava já coberto de suor e começara a desesperar-se com a minha teimosia. Dizia-lhe uma raiva indefinida que era impossível matar-me assim, pois eu continuava a resistir-lhe com os olhos. Recebi muitas outras navalhadas, mas os olhos persistiram em fitá-lo com uma intensidade quase sobrenatural e ele já não estava seguro de poder terminar em mim o seu ódio. Além de ter deixado de falar, não tinha também forças sequer para tossir. A navalha tinha-me perfurado o tórax, por cima do coração, e saiu de dentro do meu corpo embrulhada num rolo de carnes misturadas com fibrões e veias azuis. Como tinha estudado alguma anatomia, pude facilmente reconhecer os órgãos, pela configuração, pelo volume exterior e até pelo cheiro. Posso facilmente enumerá-los pela ordem como me foram sendo retirados cá de dentro: o fígado, o pâncreas, um pulmão, o intestino grosso...

Para não impressionar o leitor, vou abreviar a descrição dos episódios decisivos. Passo a explicar o modo como aconteceu a minha morte.

Como sabem, o mais importante de tudo é o modo como o nosso olhar se inclina para iluminar por dentro a pessoa do assassino. Se alguma vez vos acontecer correr os perigos e as vicissitudes de morrer às mãos do Pai, não deixeis nunca de olhá-lo bem nos olhos. Ele não poderá jamais resistir à verdade nem à evidência da força que a vossa vida opuser à Sua ânsia de distribuir a morte pelo mundo. Sirvo-me da minha experiência nesses assuntos para aconselhar também alguma postura para as mãos. Não adianta fechá-las nem muni-las de objectos agressivos. O Pai é um gigante, e não gosta de sentir que nós, os seres minúsculos, Lhe resistimos pela força. O destino passa exclusivamente pela decisão d'Ele. As mãos devem abrir-se à frente do corpo, não para defendê-lo, mas tão-só para Lhe mostrar a vossa superioridade moral. E não se alarme o vosso corpo logo à primeira agressão de que for vítima. Se se repetirem os golpes, façam por os suportar sem desânimo. No meu caso agora tudo se consumou, receio ter corrido em vão o risco de algumas imprudências. Errei os primeiros cálculos acerca das capacidades do meu corpo. Não acreditei até ao fim no imenso, no deslumbrante poder que os fracos trazem no olhar com que fitam os gigantes.

O meu poderoso, absoluto assassino desconhecia de certo a minha crença nas virtudes do amor. Os anjos servem para restituir aos pobres o magnetismo primitivo do perdão, e podem estar em toda a parte. Fazem-nos muita falta, mesmo se ausentes, mas basta chamar por eles e logo nos darão razão. Talvez existam mesmo alguns dentro de nós, pousados nos ninhos desconhecidos e à espera de serem descobertos os seus segredos.

A mim, valeu-me, como sempre, um anjo de mulher. Descobri que Maria Adelaide, a minha namorada, podia afinal ser tão numerosa como todas as mulheres que existem só para nos proteger e salvar. Eu conto: quando o Pai se deixou vencer pela inocência do meu olhar, lembrei-me da antiga memória das mãos dela e do modo como se erguiam para o meu corpo e o encorajavam a existir. O Pai abandonara-me ali — pois nunca tinha pressa —, e o Seu sibtil, leve e levitante passo pôs-se a caminho de outros destinos, supondo em vão que eu me perdera para sempre da Sua misericórdia. Então, aconteceu aquilo. Se o não credes, experimentai confiar-vos de novo à mulher. Ela saberá sempre, de vós, tudo quanto o destino ainda não disse.

Começavam a chegar os cães para me devorar. Maria Adelaide serviu-se da sua prodigiosa coragem de mulher para os espantar dali. Depois, pondo-se de cócoras, começou a apanhar bocados de mim para o seu avental e voltou a caminhar. Aos poucos, o calor e o sangue do seu corpo entraram na morte do meu. O seu bafo cruzou-se com as minhas artérias destruídas. Reanimou, um por um, todos os órgãos arrefecidos do meu corpo. Pude então pôr-me de pé e caminhar. Fomos ao lugar do nosso primeiro e único amor. Depressa concordámos em repeti-lo. E estava eu perdendo-me no fulgor infinito da sua alegria, bebendo de novo o sol da sua admirável energia de mulher, quando o Pai voltou a passar por ali. Viu que os nossos corpos começavam a fundir-se novamente num só corpo — perfeito e lúcido como dantes. Viu que a nossa virtude clamava pela segunda oportunidade de chegar à Vida. E, tendo-O comovido tanto a segunda inocência dos seres renascidos, apanhou-nos suavemente do chão, devolveu-nos ao ninho de púrpura do Seu grande bolso e levou-nos paa sempre consigo.

Desde esse dia da nossa chegada à Casa Grande do Pai, estamos sendo reproduzidos à Sua imagem e semelhança, para servir de exemplo a todos e cada um dos Seus anjos. E agora, de cada vez que os homens se distraem e se perdem e renunciam à nossa verdade, o Pai aponta para nós, amargurado, e soluça.

A última vez que o vi chorar foi anteontem, ao saber que um de vós tinha um pelotão de fuzilamento à sua espera.

Chorou desmedidamente, garanto-vos.

Eu bem vi!

João de Melo

Este Pássaro e Amigo,
Círculo de Leitores

«Soma», de Hélia Correia

Soma, belo e estranho livro de Hélia Correia, acaba de sair na *Relógio d'Água*. António, um professor de História, está à beira de mudar de vida, talvez à procura de uma rapariga, mas em breve ele precisará de conhecer os «filtros» que, desde sempre, na história do homem, proporcionam as transubstânciações do eternamente jovem... Aqui ficam as primeiras páginas do texto:

1

ELA surgiu entre os seus olhos e o mar: contra a placa translúcida do mar, contra aquele brilho imóvel, de vidro martelado, sob o qual se fechavam as coisas turbulentas, florestas de gelatina, peixes cegos, ossos e oiros revoluteando, em errância, nas trevas, no azul devorador.

Dentro do velho carro, no alto da falésia, estava António Eliseu a resvalar no sono: nas tentadoras malhas da febre provocada por um sol muito duro que parecia furar o próprio tejadilho e, como um ameríndio, arrancar-lhe com dor mas com consolação um punhado sangrento do alto da cabeça. Assim os pensamentos se afastavam de si como um voo de mosquitos, depois de envenenarem e de fazerem ferida, deixando apenas zonas de ardor e de narcose.

Era o extremo do mundo, o fim ou o princípio, as rochas eriçadas, cor de carne, com as manchas já negras da decomposição, com seus uivos ocultos, petrificados, fósseis, na sombra das arestas, sorvendo ainda o ar a custo, em desespero: a moribunda terra a despenhar-se, de frente para o nada, para a canção do abismo.

E ali passava António essa manhã, ele próprio afundado no torpor, como que escorregando por paredes de ardósia lisas e encharcadas.

Então veio interpor-se a rapariga: caminhava com perigo na ponta esboroada e ao deter-se, tirando-lhe a visão, virou-se para trás e quase riu. Ele teve um sobressalto, endireitou-se, desapossado à força da sua solidão, cravou-lhe nos cabelos uma expressão de fúria, uma ofensa por ser surpreendido, frágil como uma cria em estado de nudez. Eram cabelos negros, ondulados, que muito lentamente flutuavam no ar como na superfície de um líquido oleoso. Ela estava vestida de azul, notou António, um vestidinho azul de seda que marcava as nádegas descidas, as coxas salientes; Estava da cor do mar, quase da cor do céu e no entanto provocava contra eles um contraste incisivo, um corte obsceno, como se de uma nódoa vermelha se tratasse.

Com certeza sentiu o olhar dele na nunca porque rodou os ombros e sorriu, com o preciso instinto da mulher, aranha que repete os gestos milenários em suas teceduras e paralisações. Tinha um rosto mimoso, mal despojado ainda dos vícios da infância, dos seus caprichos e da sua opacidade.

Encarou-o sem pressa, trocista, provocante, cheia de uma alegria que havia de torná-la muitas vezes cruel. O que faria ali, longe das casas? Esperaria talvez o namorado, passearia um cão, ou qualquer outra coisa que formasse um sentido, que enquadrasse o passeio num mapa feito de hábitos, de sinais protectores. Só assim se explicava a ausência de tensões naquele corpo amável, latino, um pouco flácido, que ali se alcandorava, sem medo da vertigem, contra o vazio do ar. Ofendia, essa glória e essa mocidade.

António deu a volta à chave de ignição e começou a recuar para a estrada. Estava a envelhecer e no entanto ainda muito longe da morte. E esse espaço em frente, esponjoso como um pântano, borbulhava, silvando, neutro e assustador.

2

PASSAVA com o filho dois domingos por mês e para eles convocava gripes e enxaquecas, na fuga dessas horas em que nada encontravam para dizer um ao outro. Aquilo a que se chama a voz do mesmo sangue perdera-se, sem eco, nem eles sabiam quando: de repente, uma tarde em que toda a linguagem se tornara impossível e uma antiga ternura se debatera entre eles como entre os lados deslizantes de um poço, numa mudez de bicho muito ferido, a afundar-se, a despedir-se para sempre; ou fora-se apagando aos poucos, devagar, desde o divórcio, emurchecendo como tudo a que a raiz falece, enquanto o rapazinho fabricava o seu mundo usando os materiais que lhe vinham à mão e onde não se incluíam, do pai, nem as palavras, nem os desejos, nem os preconceitos.

Por desafio, mais que por miséria, António costumava levá-lo a almoçar àquele restaurante forrado de azulejos onde pairavam os vapores das frituras que assentavam em tudo, nos pratos, nos casacos, nas dobras da garganta, provocando o fastio. Bernardo protestara anos seguidos, chegara a cuspinhar, a encolher-se ante a familiaridade dos criados de mesa que pareciam sentir um tutelar prazer quando o despenteavam.

O pai via-o mexer-se, cauteloso, mastigar com um nojo que secava a saliva, como um branco obrigado a engolir insectos numa tenda asiática. Então apatecia-lhe agredi-lo, sacudir com violência aquelas atitudes, despir-lhe a pele, entrar-lhe na cabeça, naquele cerebrozinho onde a mãe e os avós haviam burilado com método, em relevo, as sensibilidades, os critérios com os quais ele iria considerar o mundo.

Ia assistindo ao crescimento desse que fora um dia a sua criatura, ia assistindo às suas incontáveis metamorfoses sob as quais se apagava, desfeito, corroído, o menino a quem ele tinha mudado as fraldas, que carregara aos ombros durante as quentes tardes das manifestações.

Agora tinha ali à sua frente um estranho, um julgador. Recebia-lhe a luz turvada do olhar: era um olhar severo, adolescente, onde, apesar do idêntico castanho, da idêntica forma canina, descaída, ele deixara entretanto de se reconhecer.

Bernardo relatava-lhe o seu Verão, uma ida a Paris, uma herdade de amigos, aulas de equitação. Talvez ainda amasse o pai quanto bastasse para o hostilizar. Talvez guardasse em si um mal-estar consanguíneo perante a abundância, um desajeitamento que o obrigava a exibir aquilo que deveria apenas ter incorporado com muita discrição e algum silêncio. Sorria. E o prazer e o esforço da maldade faziam-no corar como sob o efeito de um puro entusiasmo.

Pediu café também e António imaginou que por detrás da pele de rapazinho se estavam a formar as primeiras raízes, se haviam de empurrar as primeiras penugens e de entupir os poros com borbulhas da barba. Já não cabia aos pais encaminhar os filhos nas lides do amor: já não havia filhos nem lides do amor e isso punha fim a muitos sofrimentos.

— E as tuas férias, tu? — disse Bernardo.

— Por aí.

— Já se sabe.

Estavam a sair para uma rua que cheirava às águas doces, pútridas de um rio. António não sabia onde se dirigir: não faziam sentido nem o jardim zoológico nem o apartamento onde não tinha vídeo ou um computador, tão-pouco aqueles filmes em que a lei e a ordem se serviam de braços disformes de colossos que uma década em paz entediara. Iam andando, ansiosos por pretextos que os fizessem chegar rapidamente ao fim, um pai e um filho, todos o veriam, tão semelhantes eram nos olhos, no andar, e ninguém saberia que entre um e o outro os caminhos haviam ruído e afundado, devagar, sem as grandes aflições do Inverno, só pela própria obra da fluidez da vida, pelo devir que afasta os continentes e arrasta cada ser na sua flutuação.

Então António disse:

— Vou entregar-te em casa.

E, a par do alívio, apercebeu no filho um clarão de surpresa, um pequenino choque que lhe fez atrasar os movimentos e lhe deteve, num instante, o corpo, como se se esquecesse de como se caminha.

— Tens uma namorada?

— Eu, uma namorada?

Começaram a rir. Pararam sob um toldo, embora não tivesse caído ainda a água de que o céu era feito. António aproveitou para esfregar as mãos. Estavam a simular os gestos do Outono, comprariam castanhas se o vendedor viesse e fariam estalar as folhas nas valetas, deixando a alegria saltar à sua volta, excessiva, quase incómoda, atropelando tudo tal como um cachorrinho.

– Tenho uma namorada – disse António, como se dizem coisas à noite, com amigos, engolindo cervejas, quando as palavras surgem dentro da meia-luz como pequenas lamparinas persas e atravessam os corpos e saem pelas bocas, coloridas e efémeras, rebentando no ar, sem que alguém tenha tempo ou frieza bastante para aferir a verdade e a lógica das falas. «Tenho uma namorada», disse António: só assim, por abrir e por fechar os lábios, afunilando ou bloqueando o sopro de modo a que os diferentes sons da frase se formassem; e aquele corpo audível, fátuo como um balão, levava até Bernardo, por um breve momento, um relato de vida que a nada se referia mas que, como acontece a certos reflexos sobre águas estagnadas, parecia mais denso, mais espesso de matéria do que as coisas reais.

E Bernardo mostrava-se finalmente interessado pelo pai:

– Como se chama? – perguntou.

– É Bárbara.

– E que faz ela?

– Ensina o quê?

– Desenho.

– Na tua escola?

– Pois.

Era isso a mentira, ia pensando António. Era isso o fingimento. Juntar um nome, um sítio, uma função e soprar, como Deus, na sua criatura para que ela comece a respirar e a debater-se contra o medo e a morte. Então, a rapariga da falésia virou-se para trás e riu, sorriu-lhe, no seu vestido gasto, de bom corte, mas esgarçado e baço como os trazem as filhas das mulheres a dias para quem são remetidas as roupas fora de uso.

Estava a oferecer-lhe o corpo para Bárbara. Talvez porque gostara do nome e era pobre e a fascinava a profissão de professora que lhe daria, imaginava ela, direito a automóvel e a deferências. Talvez também porque tivesse desejado um amante mais velho, sábio e desencantado, que lhe daria mimos e inspiraria, é

Continua na pág. 7

Continuação da pág. 6

certo, alguma repugnância quando lhe visse a pele a desfazer-se em rugas, a escorregar, viscosa, para o chão. E, rasando o seu rosto, passariam os verões e as pequenas fadigas, o desdobrar das células até à plenitude; era novinha, é claro, mas tinha uma memória onde se embiocavam episódios passados prontos a ressurgir ao correr das conversas, na visão de uma pedra redonda no passeio, podendo-se aceitar que ela se recordasse de quando, em pequenina, atribuíra a um seixo de cor arroxeada uma alma animal e o guardava, aquecendo-o, consolando-o do exílio. Punha-o, provavelmente, sob o travesseiro, à noite, mal as luzes da casa se apagavam e, para o sossegar, segredava cantigas.

Assim se levantava a personagem, com recortes e sombra, com cheiro e com volume; e, no centro de um palco, incide o raio para da escuridão arrancar a actriz, tão bela, tão doirada que parece hesitar ainda, por momentos, em submeter-se à carne e às vulgaridades do seu papel em cena. Pouco faltava para que Bárbara aparecesse numa paragem de autocarro, sob um plátano, segurando nas mãos um casaquinho que o sol do fim de Outubro, picante, avermelhado, fizera dispensar. E então acenaria, atravessando a rua com um grande descuido de carros e sinais, e daria aos seus olhos manhosos, insolentes, as ordens necessárias para que fossem meigos e alguma sensatez encobrisse aquele brilho predatório, de gata, a fim de que Bernardo confiasse e escolhesse essa mulher para o pai.

E assim caminhavam, o rapaz e o homem com Bárbara no meio, tão recente, de tão fresca invenção que os seus cabelos e a orla da testa apareciam molhados por águas placentárias; e António Eliseu, que só por medo ou simplificação falseara ocorrências em raras situações, estava a amar Bárbara como jamais amara ou senhora fazê-lo porque ela nascia, como Palas Atena, da sua mente masculina e geratriz. De repente, estalara o casulo mortal de aprumo, coerência e racionalidade dentro do qual, imóvel e meio cego, tentara decifrar, julgando-as, as diversas revelações da vida. E a larva que surgia, aquela humanidade frágil e mentirosa que assim se desprendia do real como uma flor marinha se arranca, na maré, da rocha que a sustenta, vagava, embriagada, aqui e além, no susto e no assombro da própria liberdade.

Naquele sorvo enrodilhava Bárbara, martelava o cinzel onde já não havia um resto de substância, coloria-lhe os olhos contraditoriamente. Bernardo ouvia o pai com benevolência, corrigia-lhe os erros a rir, atribuindo-os à perturbação própria dos amores tardios. E fez-lhe prometer que no próximo encontro a Bárbara viria.

António ia pensando que, se Bernardo fosse um nadinha mais velho, sentiria ciúmes do filho e evitaria que entre Bárbara e ele houvesse intimidade.

3

NA primeira manhã ainda pensou com previdência em tudo. Era segunda-feira e ele cantarolava no carro ferrugento, imaginando um ar lavado e fino para lá das camadas venenosas que cobriam a fila de automóveis como um telheiro a encardir a luz do sol. Estava a afastar-se na direcção do mar, ao contrário dos outros que se iam engolfando, arrastados, sem rosto e sem vontade própria, para dentro dos nevoeiros da cidade.

Nessa manhã pensou que no dia seguinte justificava a falta, que na escola ninguém o repreenderia, que toda a gente, em certas depressões do humor, escapava sem projectos, aos deveres, à rotina. Ia naquela estrada por entre castanheiros e o vapor do Outono, húmido e azedo, entonteou-o a ponto de o fazer bocejar. Estava um vinho na terra, em qualquer parte.

E viu os grandes campos de crisântemos, o seu matiz nocturno, debotado, aquela espécie de poeira em rama que ali se cultivava para os mortos, para ser levada em cumprimento aos mortos. António recordou o cheiro, amargo, as pétalas caídas no corredor da casa quando havia já mais de trinta anos, a mãe se preparava para passar a tarde no arranjo das campas e carregava para o cemitério cabazes com as flores, escova e sabão. Era uma memória que se fechava em si, gestos, fés e suplícios de um mundo que já não tocaria a Bernardo. Bernardo pensaria coisas muito diferentes ao passar por crisântemos. Não pensaria nada.

Reconheceu a sebe de piteiras e depois o pinhal, o casario. Parou o carro com exactidão precisamente no lugar da véspera, sob o mesmo sol velho, naquele penhasco feio, cinzento e arenoso que mais parecia um rasto na direcção do mar: Pôs-se à espera de Bárbara: era um jogo. «É um jogo» — avisou, e encostou-se no banco.

O mar estava inteiramente lapidado, atirava com a luz como um grande diamante; por isso, se viesse, conjecturou António, ela haveria de trazer uns óculos. Uns óculos estreitos, espelhados, cujas hastes tapavam inteiramente as têmporas, como uns anos atrás usavam os canalhas. Viria com vagar e pediria lume. Milhares de pessoas se tinham conhecido por meio de um cigarro. Ela sentar-se-ia dentro do automóvel e inclinaria o rosto, tão jovem que a idade não se aplicaria ainda a desbastá-lo, a expor-lhe a nitidez. Então, ele tomaria o rumo da cidade com Bárbara a seu lado: tal como se a tivesse colhido, uma flor de urze, uma rosa da esteva. Levá-la-ia para casa e iria deixá-la desarrumar as coisas, ser gulosa, dançar horas mortas ao som de baterias de modo a que os vizinhos protestassem e houvesse discussões com a polícia. Afagaria o seu focinhozinho que mascava pastilhas elásticas sem fim. Via-a molhar o pão nos ovos estrelados.

Nessa segunda-feira, quando ficou com frio e viu o sol tocar na água e desfazer-se, ainda pensou que havia de tornar-se um alvo de suspeitas para as pessoas da vila porque não era já época de turistas e um único carro parado o dia inteiro com o seu condutor á beira da falésia iria com certeza chamar as atenções. Ao regressar a casa sorriu e adormeceu.

E na manhã seguinte pensou, mais vagamente que na véspera, na falta e nos papéis que havia a preencher. Quando voltou à noite da falésia sentiu que aqueles passeios lhe andavam a dar calma, um bem-estar sonolento. Na quarta-feira decidiu que trataria de consultar um médico, de obter um atestado. Mas nada lhe pareceu urgente e impositivo. Fazia o seu caminho, via mudar o tempo, enevoar-se o céu. E experimentava as várias aparições de Bárbara sobre as cores do fundo, as águas ora verdes, ora enlameadas, o horizonte imóvel, de prata envelhecida.

Recebeu uma noite um telefonema: era a Gina. Dizia que era a Gina e que na escola se falava a seu respeito, estavam preocupados, e assim... Era fim-de-semana e se ele tinha febre que lhe dava uma ajuda, que, então, ele não podia continuar sozinho. Agradeceu. Sentia-se cansado, disse. Muito cansado. Não podia pensar.

No domingo, de volta, encontrou Gina à porta. Compreendeu que estava magro e sujo e ficou encostado no sofá, a olhá-la, a deixar-se escorregar por um torpor, um abandono de menino.

Ela tirou os óculos e apagou a luz como quem não suporta a vista do seu corpo, das pregas que a gordura vai cosendo na pele. Era aquilo o conforto, uma mulher tranquila, um pequenino orgasmo, apreciou António antes de adormecer.

4

RECONHECEU a sua própria cama, os girassóis do cortinado da janela que a manhã ou a tarde atravessavam, transformando-os nas línguas de um incêndio fictício, sem calor e sem perigo, como as chamas num palco. Tudo, pensou António, era ligeiro, vulgar e agradável; ali estava o seu quarto, um quarto de homem só, e isso o revelavam pequenos pormenores e, ainda melhor, a ausência dos outros. Conhecia-se o cheiro do corpo masculino, do suor, do cabelo, das secreções do sono.

Era um quarto amarelo. Assim o concebera Luísa e assim ficara quinze anos depois: os móveis claros, aquelas flores perpétuas no papel das paredes, os riscos que Bernardo fizera a marcador perto do rodapé. Algum vento os levara, à mãe e ao filho, uma espécie de morte solícita, indolor. E ele, António Eliseu, que tinha esse passado de que estava a lembrar-se sem qualquer emoção, como de alguma água que tivesse corrido numa berma longínqua, luzindo e dissipando-se, ele acordava dentro da casa, da cidade, e isso queria dizer que o espreitavam, emboscados, à espera de que recomeçasse: o duche, o frigorífico, o carro, a escola, as aulas, e o supermercado, e a noite, inteira e oca.

Gina tinha arrumado e lavado a cozinha, deixara-a numa ordem agreste, de hospital. Decerto fora trabalhar e voltaria, carregada de embrulhos, maternal e atenta às oportunidades, instalando-se aos poucos, tentando engravidar, apavorada com a solidão. Ele vira-lhe nos olhos uma intensa alegria por o ter finalmente entregue aos seus cuidados. Vira, sob a ternura, a determinação, o brilho azul, malévolo, da posse. Era uma fêmea em luta e isso transparecia, escorria como baba sobre a pele.

António deu por si na rua, a caminhar entre as folhas vermelhas que faziam durar o instante do seu voo antes de se acamarem nos passeios para submeter-se à chuva e à decomposição. Ao pisá-las, ouvia o seu pequeno grito, um gemido lenhoso, um crepitar. Com os olhos fechados podia imaginar que algures, num bosque, se ateavam fogueiras.

Deixava para trás o bairro, o automóvel. Passou por multidões que atravessavam praças e cujo respirar anónimo, ofegante, parecia, também, dizer-lhe qualquer coisa, buscar em vão a forma da linguagem.

Havia no entanto uma grande distância entre o seu centro e a matéria exterior, e mesmo entre o seu centro e o corpo perceptível. De um ponto dentro em si, naquele nó encortiçado e tenso que se ocultava por detrás dos olhos, um minúsculo ser ia assistindo, atónito, àqueles movimentos, às mãos que balouçavam, aos pés, lá muito em baixo, espantosamente rítmicos, tocando e rejeitando os fragmentos do chão; e a arcada do peito, extenuada, subindo e abatendo-se no esforço de uma asa, sem que repouso algum lhe fosse dado. António deslocava-se, ia cruzando as ruas e continuava a respirar mas tudo lhe era estranho e autónomo e ele receou que de repente os gestos perdessem a memória e as suas próprias pernas o deixassem cair. Estava a sentir-se mal.

No átrio da estação viu mulheres que o fitavam compadecidamente. Conseguiu transmitir a ordem aos seus dedos, uns longos dedos lívidos, de morto, e eles estenderam uma nota para o postigo onde se adquiriam os bilhetes. Falou e a voz fez eco no seu cérebro.

Quando tomou assento no comboio encostou-se e enxugou a nuca com um lenço. Tremia e receou que tudo aquilo, e também a aparência suja e enevoada do casario que ele avistava da janela, fosse sinal de febre, de desmaio. Abandonou-se então ao embalo do banco e serenou, pensando que em qualquer coisa, até num sacudir mecânico, podia achar um homem o regaço da mãe. Nas pequenas encostas que subiam da linha, eucaliptos queimados rebentavam de novo em tufos de folhagem nos nós e na raiz. Eram comovedores porque não poderiam jamais voltar à vida, tendo os troncos, as veias, mortalmente atingidos, mas mesmo assim teimavam, geravam os seus gomos, os seus ramos patéticos que furavam, cresciam, procuravam o sol com as suas cabeças moribundas. António leu um bom augúrio na paisagem.

Sabia exactamente onde iria sair e que camioneta apanharia. Para ele, em toda a terra existia um caminho: era o que conduzia a Bárbara, à falésia. Apercebeu-se disso com curiosidade e alguma frieza. Talvez que não passasse de um hábito, as saídas da semana anterior transformadas sem querer num vício incontrolável pela ânsia do qual o corpo se movesse para além da vontade, cego e obstinado, objecto de um destino.

Apeou-se na vila. Avançaria pela berma arenosa até ao sítio onde se acostumara a pôr o carro, um quilómetro acima, ao fim das casas. Ainda parado, viu-a, ao mesmo tempo que apertava o casaco contra o peito porque o ar estava cheio de água e de escuridão.

Viu Bárbara na porta de uma papelaria, com o seu rosto carnudo, impaciente, açoitado ao de leve pelo cabelo que um vento inesperado fazia revolver. Ela cedeu à fixidez do seu olhar, encarou-o também e demorou-se, de pálpebras franzidas como num chamamento da memória, depois estremeceu e voltou para dentro.

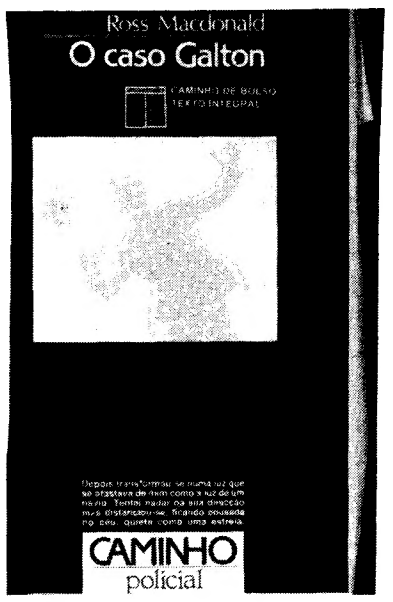
Por instantes, António saiu do próprio corpo para tomar o lugar da rapariga, semicerrar os olhos e alcançar aquele homem magríssimo, amarelo, de cara ensombrecida pela pequena barba, com os dedos cravados na gola do casaco, a respeito de quem só podia sentir-se ou medo ou piedade que iriam resultar num ligeiro tremor e num virar de costas; tal sucedera a Bárbara, uns minutos atrás. «Parece o fim de qualquer coisa» — disse António. E assistiu ao trajecto das palavras, à sua errância atarantada, aflita, sem interlocutor, sem meta, sem sentido. Assim estava ele, atirado para fora do seu próprio circuito e enfrentando Bárbara, o suporte de Bárbara, na sua condição real, irrecusável.

Encostou-se à parede e olhou para o chegada vagarosa da noite, uma noite marinha, violácea, com um tal peso que obrigava os fumos, as luzes e os sonos a espalharem-se apenas rente ao chão, emaranhados uns nos outros como cobras, assustando as pessoas que tossiam e apressavam o passo para casa. Também ele tinha casa mas era tão longínqua que pertencia agora a outra dimensão; expulsara-se a si mesmo e apagara o rasto. Não havia caminho de retorno. Nunca conseguiria levar até ao fim os gestos que o recolocariam no seu mundo anterior: voltar à camioneta, apanhar o comboio, justificar as faltas, esperar no notário, recomeçar as aulas, responder às perguntas. Pareciam-lhe tarefas tão irrealizáveis que só um louco ou deuses claramente perversos é que as teriam concebido assim.

Hélia Correia

Soma, Relógio d'Água

Acabados de chegar



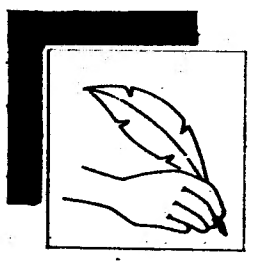
■ **Hermenêutica e Mal-Estar por Miguel Tamen, IN/CM**

Com um agradecimento especial para o professor M. S. Lourenço, que lhe facultou uma tradução inédita das **Philosophische Untersuchungen** (Investigações Filosóficas) de Ludwig Wittgenstein, Miguel Tamen publicou, na colecção «Estudos Gerais» da Imprensa Nacional - Casa da Moeda, um livro que «trata de quatro sintomas de mal-estar ou de quatro características da hermenêutica ou de quatro razões da fidelidade de algumas pessoas à literatura», intitula-se: «Hermenêutica e Mal-Estar».

Porque a literatura coloca problemas difíceis a uma teoria da interpretação, este estudo de Miguel Tamen, apresenta incontestável interesse e é estimulante. Sucessivamente o livro aborda os seguintes temas: Hermenêutica e Mal-Estar; Problemas da inactualidade; Problemas da intimidade; Consequências de Gramática; Limites da Hermenêutica; Limites da Hermenêutica e Teoria da Crítica.

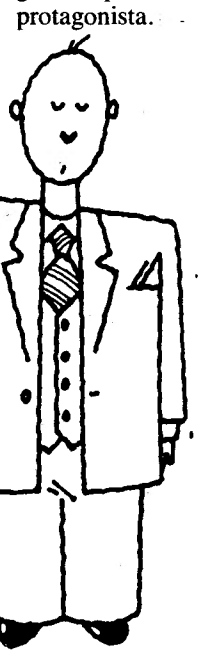
■ **Obras Completas José Acúrsio das Neves, Afrontamento**

Na série das «Obras Completas de José Acúrsio das Neves», nas «Edições Afrontamento», com este estão publicados cinco volumes. O segundo e o terceiro foram apresentados com estudos introdutórios de António Almodovas e Armando Castro. O quarto volume algumas importantes memórias. Este quinto volume reúne «Escritos Patrióticos, Entretenimentos Cosmológicos, Geográficos e Hstóricos». Cerca de 400 páginas que iluminam uma época e nos patenteiam perspectivas esclarecedoras sobre a situação cultural do País na época em que viveu e escreveu José Acúrsio das Neves.



■ **O Caso Galton, Ross McDonald, Caminho de Bolso (policial)**

Depois de «A Bela Adormecida», «Um Carro Funerário às Riscas», «O Arrepio» e «O Alvo em Movimento», a **Caminho** de bolso volta a publicar McDonald, falecido há poucos anos, e que se tornou num «segundo Chandler», destacando-se, na produção policial, pelo psicologismo das suas construções, por óptimos retratos impressionistas de personagens e por alguns aspectos **anti-herói** do seu protagonista.

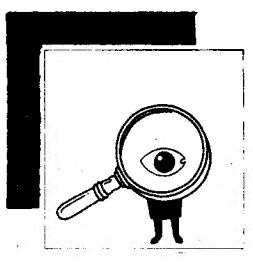


■ **Reich para Principiantes, David Mairowitz e German Gonzalez, ed. Dom Queixote, col. Para Principiantes.**

Pequeno álbum muito ilustrado e com soluções gráficas próximas da banda desenhada, é um manual básico sobre Reich, o teórico da «terapia sexual» mais consumido em finais dos anos 60. Expulso, pela sua heterodoxia, quer do movimento psicanalítico quer do Partido Comunista Alemão, Wilhelm Reich é um dos autores fundamentais para a compreensão da mudança de mentalidades e para o decair das ideologias políticas convencionais, operado em torno de 1968 e do dealbar da década de 70.

■ **A Segundo Vida de Francisco de Assis, José Saramago, ed. Caminho, col. O Campo da Palavra**

Teatro escrito: um tipo de ficção que escasseia nas letras portuguesas. Ao recuperar a problemática franciscana, um pouco à luz do modelo constituído por «O Regresso de Jesus», Saramago toca igualmente a cor dramatúrgica à sua vasta paleta de escritor. O lançamento do livro fez-se em simultâneo com a estreia da peça, iniciativa interessante que deveria, em princípio, estimular a leitura do texto.



■ **Encontro na Morgue, Ross McDonald, ed. Europa-América, col. livros de bolso**

«À Procura de uma Vítima», «Um Olhar de Despedida» e «Túnel de Sombras» eram os três títulos de Ross McDonald já publicados pela Europa-América, que assim disputa o autor à Caminho. Um homem é encontrado no seu carro, com um picador de gelo enterrado no pescoço, junto a uma plantação de citrinos, sob o céu azul da Califórnia. Haverá também um rapto, outro dadáver no mármore branco da morgue e cinquenta mil dólares em notas miúdas. A não perder.

O eu nos outros

Meio século

COM os olhos à flor das águas, nadando de bruços, Eunice foi-se aproximando do lado sem pé da piscina. Um tanto fatigada, abandonou-se na ondulação provocada pelos outros, boiando com os braços abertos em cruz. Pensou: «Amo-o.» Já deitada na toalha, os olhos fachados, sentiu-se tomada pelo sol como se Armando a abraçasse. «Parva que eu sou...» Almoçou breve na esplanada sobranceira à piscina, de óculos escuros, meteu-se no automóvel a caminho de Lisboa. «Mal cheque a casa, escrevo-lhe» — e carregou no acelerador, plena de alegria, voando dentro de si. Acordou no hospital, com o irmão sentado na cama, uma enfermeira difusa a sumir-se pela porta.

— Nada de grave... — disse-lhe o irmão.

Eunice casar-se-ia, no fim do Verão seguinte, com um colega de Letras — e, cinco anos depois, divorciada, encontrava-se, como professora efectiva, em Viana do Castelo. Ia pelos trinta anos, uns fios brancos na noite dos cabelos, quando, numa excursão por Paris, se viu sequestrada num hotel por um grupo terrorista. Entre os hóspedes, um morto.

Certa noite de Inverno, pelo Natal, ao corrigir um teste feito aos alunos, sobressaltou-a o telefone, no preciso momento em que alguém lhe tocava a campainha da porta. Foi ver quem era: uma vizinha, em lágrimas, caiu-lhe nos braços, contou-lhe que... «Oh» — exclamou Eunice. «Quem seria...?» — interrogava-se, horas depois lembrando-se do toque do telefone.

Ao morrer, pelos cinquenta anos um sonho trouxe-lhe um sorriso aos lábios: com os olhos à flor das águas, nadando de bruços, Eunice cortava, ainda menina, o azul trémulo de uma piscina.

Pedro Alvim

Desven(dar)

Anda companheira, encosta a tua voz a este poço porque ela vai vibrar, e eu vou ouvir o eco
murmura as coisas que a música da vida te entornou, tenho sede e quero que as minhas mãos aflorem as teclas do teu piano
vi jardins cobertos de amantes mortos, vi doenças propagarem-se como se o mundo fosse um cinzeiro simples
não acredito na arte de ser irmão, companheira, é uma arte antiga pratiquei muito, e utilizei sabiamente até que esgotasse as minhas forças lacustres, os meus pulmões aquáticos, os meus desejos
anda
eu agora para cantar vou arranjar voz própria, e sei que os desertos se vão abrir de goela em goela à minha frente, como se o jasmim e as outras terríveis conquistas do homem fossem ciência
e sabemos, tu e eu, que não são nada, nada mais que o pó com que alquimistas da nossa raça fabricam poções pouco mágicas, muito espertas
anda, companheira
vou levar-te ao vento, e se não vires nada é porque me enganei, e engano-me tanto, sabes, estou tão cansado, mas que importa isso agora, talvez me engane mas por enquanto não estou ainda enganado
anda
vamos vibrar com as coisas feias, transformar a beleza em concreto, animar pedras e túmulos para que mais não haja além do poder de estar vivo eu tenho força, tenho poder, tenho força e poder de ter força, e tu? saberás um pouco o paladar azedo de tudo isto? nesse teu casulo haverá ainda espaço para o quebrar?
e se não houver vento?
sopro eu ou sopras tu?

Manuel Cintra

Quanto rende a publicidade feita em suportes especializados? Faça a experiência

Na terça-feira

Sete Ponto Sete